



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DESIGN

Larissa Vieira de Oliveira Ribeiro

A CORAGEM DE ZURI:
PROJETO DE DESIGN EDITORIAL DE LIVRO INFANTIL
CONTRA A VIOLÊNCIA SEXUAL

Salvador, BA
2021

LARISSA VIEIRA DE OLIVEIRA RIBEIRO

**A CORAGEM DE ZURI:
PROJETO DE DESIGN EDITORIAL DE LIVRO INFANTIL
CONTRA A VIOLÊNCIA SEXUAL**

Memorial descritivo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Design da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Design.

Orientadora: Tamires Maria Lima Gonçalves Santos

Salvador, BA
2021

LARISSA VIEIRA DE OLIVEIRA RIBEIRO

**A CORAGEM DE ZURI:
PROJETO DE DESIGN EDITORIAL DE LIVRO INFANTIL
CONTRA A VIOLÊNCIA SEXUAL**

Memorial descritivo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Design da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Design.

Orientadora: Tamires Maria Lima Gonçalves Santos

Salvador,

Aprovada em: ___/___/___

Banca examinadora:

Orientadora

Avaliador(a)

Avaliador(a)

A vida é uma canção infantil
É, sério, pensa, viu?
Belas e feras, castelos e celas
Princesas, pinóquios, mocinhos e...
É, eu não sei se isso é bom ou mal
Alguém me explica o que nesse mundo é real
O tiroteio na escola, a camisa no varal
O vilão que tá na história ou aquele do jornal

(...)

Uma canção infantil, à vera
Mas lamento, velho, aqui a bela não fica com a fera
Também pudera, é cada um no seu espaço
Sapatos de cristal pisam em pés descalços

(...)

Tem algo errado com o mundo, não tire os olhos da ampulheta
O ser humano em resumo é o câncer do planeta
A sociedade é doentia e julga a cor, a careta
Deus escreve planos de paz, mas também nos dá a caneta
E nós, nós escrevemos a vida, iphones, a fome, a seca
Os homi, os drone, a inveja e a mágoa
O dinheiro, a disputa, o sangue, o gatilho
Sucrilhos, mansões, condomínios e guetos
Tá tudo do avesso, falhamos no berço
Nosso final feliz tem a ver com o começo
Somente o começo, somente o começo
Pro plantio ser livre a colheita é o preço
A vida é uma canção infantil, veja você mesmo
Somos Pinóquios plantando mentiras
E botando a culpa no gepeto
Precisamos voltar pra casa

Onde era feita com muito amor
Onde era feita com muito amor

Canção Infantil – CESAR MC

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Josenita Vieira, que lutou por mim desde o meu nascimento e é meu exemplo de honestidade, persistência e perseverança em todos os passos que dei para chegar até aqui. Obrigada por ser meu alicerce, mainha.

A minha irmã Ane Karoline, por ter sido meu espelho inspirador durante tanto tempo, por cuidar de mim e acreditar na minha capacidade criativa.

Em memória da minha avó Jacy, por me dar um lar sem nunca me deixar esquecer de onde eu vim e para onde desejo ir.

Ao meu tio Paulo, por ser um facilitador da leitura, do estudo e insistir que nunca devo desistir dos meus sonhos nos primórdios da minha infância.

Aos meus padrinhos, Maria Anita e João Marcos, por protegerem a minha infância e criarem tantos momentos únicos para uma eterna criança.

A minhas sobrinhas, Ana Cecília e Maya Luíza, por me fazerem reviver a infância infinitas vezes.

A minha professora, orientadora e profunda amiga Tamires Lima, por me orientar não só no Trabalho de Conclusão de Curso, mas durante grande parte da minha graduação sendo um espelho profissional pra mim.

A minha amiga Laísa, por me escolher para ser cúmplice, com quem pude compartilhar todas as minhas pedras durante o caminho, e pacientemente me acolheu e animou diante das dificuldades.

A toda equipe EDUFBA, em especial para Professora Dra. Flávia Goulart Rosa, o setor de design, Edson Sales e Gabriela Nascimento, onde realizei meu desejo de conhecer uma parte da produção de livros e aprendi a ser uma profissional cuidadosa e carinhosa, tanto com livros como com o próximo.

A Silvinha, por ser uma profissional tão empática com os problemas de todos os discentes. A EBA nunca será a mesma sem você, maravilhosa! Meu muito obrigado.

A minha amiga futura advogada Thauana Guedes, que nunca deixou de acreditar em mim em nenhum segundo.

A Flávia Moreira, querida amiga durante a graduação, por me apoiar para vencermos juntas essa etapa. Só nós somos responsáveis por mudar a nossa realidade, mulher!

A Miriã Araújo, profunda amiga e colega de estágio, por sempre partilhar tão pacientemente tudo que sabe e me ajudar a desdobrar os enlaces do projeto.

Agradeço a todos que se disponibilizaram gentilmente a participar e responder tanto os questionários quanto das entrevistas num momento tão delicado como o pandêmico atual.

A Universidade Federal da Bahia, por ser um espaço de aprendizagem humanizador e empático para com a sociedade.

RESUMO

Dentro de uma sociedade, na qual, a educação sexual é entendida como um tabu, a violência deste cunho na infância se mantém crescente atrás do muro de silêncio construído por preceitos culturais conservadores e das recentes subnotificações as autoridades diante do isolamento social pandêmico atual. O trabalho em questão recorre a análise descritiva dos projetos gráficos editoriais infantis presentes no mercado brasileiro para entender de uma temática necessária, de forma a gerar um livro ilustrado culturalmente identitário e representativamente diverso como dispositivo de proteção para infância. Através da utilização metodológica das etapas do *Design Thinking* foi desenvolvido o protótipo pensando no mínimo produto viável como resultado final. Dessa maneira, o projeto incentivou o debate sobre a educação sexual com pais e educadores, bem como estreitou laços de confiança entre a criança e seus responsáveis possibilitando a identificação primária do potencial perigo e maior propensão em comunicar ao adulto de sua confiança caso esteja em apuros.

Palavras-chave: Livro infantil, Design Editorial, Educação Sexual, Violência Sexual Infantil, Representatividade.

ABSTRACT

Within a society, in which sex education is understood as a taboo, violence of this nature in childhood remains growing behind the wall of silence built by conservative cultural precepts and the recent underreporting to authorities in the face of the current pandemic social isolation. The work in question resorts to a descriptive analysis of the graphic editorial projects for children present in the Brazilian market to understand this necessary theme, in order to generate a culturally identitary and representatively diverse illustrated book as a protection device for childhood. Through the methodological use of the *Design Thinking* stages, the prototype was developed thinking of the minimum viable product as the final result. Thus, the project encouraged debate about sex education with parents and educators, as well as strengthening bonds of trust between children and their guardians, enabling primary identification of potential danger and a greater propensity to communicate to the adult of their trust if they are in trouble.

Keywords: Children's book, Editorial Design, Child Sexual Violence, Sex Education, Representativeness.

RESUMEN

Dentro de una sociedad, en la que, la educación sexual se entiende como un tabú, la violencia de esta naturaleza en la infancia sigue creciendo tras el muro de silencio construido por los preceptos culturales conservadores y la reciente infradeclaración a las autoridades ante el actual aislamiento social pandémico. El trabajo en cuestión recurre al análisis descriptivo de proyectos editoriales gráficos para niños presentes en el mercado brasileño para comprender una temática necesaria, con el fin de generar un libro ilustrado culturalmente identitario y representativamente diverso como dispositivo de protección de la infancia. Mediante el uso metodológico de las etapas del *Design Thinking* se desarrolló el prototipo pensando en el producto mínimo viable como resultado final. Así, el proyecto fomentó el debate sobre la educación sexual con los padres y los educadores, además de reforzar los lazos de confianza entre los niños y sus tutores, lo que permitió la identificación primaria del peligro potencial y una mayor propensión a comunicar al adulto de su confianza si se encontraban en problemas.

Palabras clave: Libro infantil, diseño editorial, educación sexual, violencia sexual infantil, representatividad.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 JUSTIFICATIVA.....	3
1.2 OBJETIVOS	5
1.2.1 Objetivo Geral	5
1.2.2 Objetivo Específico	5
1.3 METODOLOGIA	6
1.3.1 Project Model Canvas (PMC).....	7
1.3.2 Mapa da empatia	11
1.3.3 Canvas de Proposta de Valor.....	12
2. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO.....	14
2.1 IMERSÃO.....	14
2.1.1 Referencial Teórico	14
2.1.1.1 A violência sexual infantil como pauta base: histórico, conceitos-chave e a violência em números	14
2.1.1.2 As consequências do abuso sexual infantil e a importância de informar: a educação sexual como meio.....	19
2.1.1.3 O histórico da ilustração editorial, a literatura infantil e os livros ilustrados para a sexualidade	27
2.2 IMERSÃO EM PROFUNDIDADE	35
2.2.1 A Escuta ativa.....	35
2.2.1.1 Questionários online	36
2.2.1.2 Conversação através da leitura.....	40
2.2.1.3 Entrevistas	43
2.3 ANÁLISE E SÍNTESE	46
2.3.1 Análise de similares.....	46
2.3.1.1 Segredo Segredíssimo – Odívia Barros.....	46
2.3.1.2 Pipo e Fifi: Prevenção de Violência Sexual – Caroline Arcari.....	47
2.3.1.3 Tuca e Juba: Prevenção de Violência Sexual para Adolescentes – Julieta Jacob	48
2.3.1.4 Kiko e a Mão – Grey Amsterdam, Council of Europe (Conselho da Europa).....	48
2.3.1.5 De onde vem os bebês? – Andrew C. Andry e Steven Schepp	49
2.3.1.6 Gogo de onde vem os bebês? – Caroline Arcari	49
2.3.2 Análise SWOT (FFOA ou FOFA).....	50
2.3.3 Personas.....	53
2.3.3.1 Persona 1 – Família	53
2.3.3.2 Persona 2 – Professoras(es)	54
2.3.3.3 Persona 3 – Criança 1	55

2.3.3.4 Persona 4 – Criança 2	56
2.3.4 Mapa de empatia do projeto	56
2.4 IDEACÃO.....	57
2.4.1 Painéis	58
2.4.1.1 Painéis Referenciais.....	58
2.4.2.2 Painel Conceitual.....	61
2.4.2 Partido gráfico primário.....	62
2.4.3 Partido tipográfico primário	63
2.4.4 O projeto no PIBExA TESSITURAS 2021	64
2.4.5 Criação da história.....	65
2.4.5.1 Pareceres concedidos sobre a história.....	66
2.4.5.2 Sobre a Faixa Etária do livro	66
2.4.5.3 Sinopse do livro.....	66
2.4.6 Concept Art	67
2.4.7 Storyboard.....	69
2.4.8 Ilustração de personagens e cenários	69
2.4.9 Projeto editorial gráfico	70
3. PROTOTIPACÃO	76
4. VALIDACÃO.....	79
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
6. REFERÊNCIAS.....	85
7. ANEXOS	89

1. INTRODUÇÃO

Infância: Substantivo feminino. 1. Período do desenvolvimento humano, que vai do nascimento ao início da adolescência; meninice, puerícia. 2. o conjunto das crianças. 3. Figuradamente: começo, nascimento (de algo).

Violência: Substantivo feminino. 1. Qualidade do que é violento. 2. Ação ou efeito de empregar força física ou intimidação moral contra; ato violento. 3. Exercício injusto ou discricionário, ger. Ilegal, de força ou de poder. 4. Força súbita de que se faz sentir com intensidade; fúria, veemência. 5. Juridicamente: Constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obriga-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação. 6. Por extensão: cerceamento da justiça e do direito; coação, opressão, tirania. – Oxford Languages

Para além do significado dentro da língua, a infância é o momento onde experienciamos nosso contato primário com o mundo, realizando leituras através das vivências que obtemos e formando o alicerce para constituir o ser que seremos, com a nossa identidade e subjetividade completa. A violência sexual infantil se coloca como violação desse período em diversos aspectos, a citar de direitos humanos, direitos sexuais e seu desenvolvimento saudável, de poderes, da compreensão e concessão da vítima, de tabus, papéis sociais e familiares suscitando em consequências para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Seu consentimento em práticas sexuais deve ser sempre questionado e contextualizado uma vez que sua capacidade de autonomia para consentir ou não precisa ser vista sob ótica de que são seres humanos em condição formadora, em típico desenvolvimento. Por esse mesmo motivo devem ser ouvidos e compreendidos dentro dos sinais que podem apresentar, não sendo de jeito maneira responsabilizados diante da violência que sofreram. O abuso sexual e a exploração sexual são parte desse conceito abrangente de violência, se mostrando como um fenômeno complexo com múltiplas causas que atinge crianças e adolescentes de todas as classes sociais.

Diante das diversas causas, temos também diversificadas histórias. Crianças que desconhecem o abuso e abusadores que se aproveitam disso, famílias que negligenciam os direitos infantis e não informam a órgãos competentes por fatores sociais e socioeconômicos, estabelecendo a manutenção do ciclo de violência. Sendo assim, buscou-se investigar o ensino da educação sexual como forma de prevenção e o livro como ferramenta de diálogo entre a criança e o adulto, seja ele pais e familiares ou professores. Trata ainda da importância de aproximar a história com o seu leitor através da representação cultural e identitária.

Ao profissional designer, como para Rafael Cardoso em seu texto *Design, Cultura Material e o Fetichismo dos objetos* (1998), cabe a busca de soluções que sejam atrativas ao mercado, mas que tenham a voz do usuário, das suas reais necessidades e anseios, que ultrapassem a dita obsolescência programada sendo pensado para além do produto projectual, desde a sua idealização, para evitar a criação de um produto fora dos princípios reais utilitários. Para isso, entender a natureza das necessidades humanas, se manter atualizado das tendências mercadológicas e dessas soluções mais sustentáveis, deixando em segundo plano a interação direta com os objetos para escutar as pessoas e interagir com elas, levando em consideração suas relações de trabalho, é essencial.

O presente projeto visa trazer em pauta a importante temática da dignidade sexual infantil e a manutenção das leis de proteção à infância presente no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) desde sua primeira versão em 1990 e aprimoração em 2012, como forma de ajudar as crianças e pais a não se calarem diante de um dos principais tipos de violência infantil. Para além dos muros da universidade, busca refletir através da representação da diversidade e identificação cultural sobre a proteção e o cuidado para com as crianças, ampliando a discussão e gerando meios de auxiliar os educadores a tratar do tema dentro do ambiente escolar, bem como os pais em casa, entendendo a educação sexual como forma de proteção e prevenção a violência sexual infantil.

É importante salientar que este trabalho tem sido construído durante um período delicado em frente ao estado pandêmico causado pelo agravamento do Covid-19. Desde 3 de fevereiro de 2020, a partir da portaria nº 188, o Brasil declarou emergência na saúde pública em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus. Em março do mesmo ano o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, anunciou a caracterização da Covid-19 como pandemia dado a quantidade de vidas que se perderam e a sobrecarga de pacientes nas redes hospitalares públicas e privadas ao redor do mundo. No Brasil, em 1 de abril de 2020 através da medida provisória de nº 934 foram estabelecidas normas excepcionais referente ao ano letivo na educação superior e básica como forma de enfrentamento a situação emergencial vivida. Em junho, através da portaria de nº 544, as aulas presenciais foram substituídas por aulas em meios digitais enquanto durar a situação pandêmica visando a manutenção do isolamento social, meio de enfrentamento considerado como mais efetivos, e a detenção da sobrecarga do Sistema Único de Saúde (SUS). Diante disso, diversas ferramentas metodológicas foram adaptadas para atender o momento sensível que todos temos passado.

1.1 JUSTIFICATIVA

Agosto de 2020, noticiários de todo país repassam informações a cerca de uma criança de 10 anos que havia sido abusada pelo seu tio, membro interno do seu ceio familiar, e se encontrava em estado gestacional avançado (22 semanas) sendo descoberta com sua ida ao hospital apenas após de criança relatar mal-estar. Segundo os médicos, seu corpo não possuía as estruturas necessárias para formar o feto correndo riscos fatais caso prosseguisse, gerando então a nível nacional um embate sobre a manutenção ou não da gestação. Esse é somente um caso de violência sexual infantil que ganhou repercussão na mídia dos que acontecem todos os minutos do dia e não são sequer descobertos pelos responsáveis da criança ou até chegam à ciência dos órgãos públicos ajuizados pela manutenção das leis de direitos da criança e do adolescente.

Nos anos anteriores, o atual presidente da república, Jair Bolsonaro, sugeria na mídia que pais rasgassem as páginas da *Caderneta de Saúde do Adolescente* sobre educação sexual, com críticas a ilustrações presentes que descrevem o órgão genital feminino e ensinam o uso de métodos contraceptivos¹ além de declarar que “*Educação Sexual tem que ser feita por pai e mãe*”² questionando também o fornecimento de livros e cartilhas que tratavam do assunto e eram distribuídas para escolas do ensino fundamental público de forma gratuita. Tais pensamentos refletem uma posição que retrocede quanto a questão, privando as crianças e adolescentes de receberem informações essenciais de forma facilitada e didática através das ilustrações, sem aspirar o desenvolvimento sexual saudável. Através da ilustração presente em impressos, como para Crush Lawrence Zeegen (2009), é possível estabelecer um paralelo com a realidade do leitor, conectando a leitura a momentos da nossa história pessoal.

A maioria massiva dos casos de abuso sexual infantil acontecem em ambiente doméstico e tem o agressor como membro familiar da vítima³, dificultando a identificação

¹É MAIS GOIÁIS. *Bolsonaro sugere que pais rasguem páginas sobre educação sexual de Caderneta de Saúde da Adolescente*. Disponível em: <<https://www.emaisgoias.com.br/bolsonaro-sugere-que-pais-rasguem-paginas-sobre-educacao-sexual-de-caderneta-de-saude-da-adolescente/>>

² REDE TV. “*Educação sexual tem que ser feita por pai e mãe*”, afirma Bolsonaro. Disponível em: <[³ “A informação sobre vínculo entre autor e vítima está disponível para apenas 8% do universo de ocorrências registradas. Para esses 8%, há parentesco em 73% dos casos registrados no primeiro semestre de 2020. Considerando que para 79% do total de casos há indicação de autoria, entende-se que a alta participação de parentes e pessoas conhecidas na prática desses crimes deve se estender para o universo](https://www.redetv.uol.com.br/superpop/videos/ultimos-programas/educacao-sexual-tem-que-ser-feita-por-pai-e-mae-afirma-bolsonaro#:~:text=VOLTAR-,%22Educa%C3%A7%C3%A3o%20sexual%20tem%20que%20ser%20feita%20por%20pai%20e%20m%C3%A3e,afirmou%20veementemente%20o%20ent%C3%A3o%20parlamentar.>></p></div><div data-bbox=)

da violência por parte da própria criança (pela pouca idade e do desenvolvimento do juízo moral⁴) e de parentes próximos. Por muitas vezes a vítima é desacreditada, responsabilizada e o silêncio também é mantido em decorrência do agressor ser o mantenedor financeiro familiar e/ou da manutenção do padrão da família socialmente aceito composto por um pai, uma mãe e filhos. Dentro desse cenário, é relevante destacar que, os papéis de gênero são pressupostos dentro da sociedade antes mesmo de nascermos, fundamentando-se através da opressão, sendo reforçados através de ações diárias como a divisão desigual de tarefas domésticas e materializando-se através de livros, brinquedos e mídias audiovisuais. Torna-se cada vez mais necessário a inserção de representatividades⁵ de papéis nestes meios materiais pensando na mudança atual de paradigma e visando reflexos menos nocivos durante a infância.

Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef)⁶ a atual pandemia causada pelo COVID-19 dificulta denúncias de Violência Sexual contra crianças e adolescentes no Estado de São Paulo. No estudo produzido em parceria com o Instituto Sou da Paz e do Ministério Público de São Paulo (MPSP) as denúncias de estupro de vulneráveis cresciam nos últimos anos, porém, no primeiro semestre de 2020, apresentaram redução significativa nos períodos iniciais da epidemia em comparação com o mesmo período do ano anterior. Essa redução, para as instituições, não demonstra a real diminuição dos casos, mas evidencia a dificuldade de denunciar crimes que ocorrem predominantemente no ambiente doméstico dentro de um contexto de isolamento social onde a vítima, especialmente crianças e adolescentes, não tem contato frequente com pessoas do meio exterior.

das ocorrências registradas, conforme padrão indicado por outras pesquisas.” – UNICEF, 02 de dezembro de 2020

⁴ ARAGUAIA, Mariana. "Piaget e o desenvolvimento moral na criança"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/piaget-desenvolvimento-moral-na-crianca.htm>. Acesso em 21 de abril de 2021.

⁵ Representatividades lê-se aqui como a representação das diversidade de famílias, de diversidades culturais, das diversidades dos corpos, diversidade do ser (pessoas com deficiência), de orientação sexual e da identidade de gênero.

⁶ UNICEF. Pandemia dificulta denúncia de violência sexual contra crianças e adolescentes no Estado de São Paulo, revela relatório. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/pandemia-dificulta-denuncia-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-em-sp>>. Acesso em 21 de março de 2021.

Segundo o G1⁷, no ano de 2019, a Bahia foi o quarto estado em números de denúncias de violência contra a criança e adolescente feitas pelo disque 100, em que de acordo com o Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente a cidade de Feira de Santana está entre as vinte cidades do país com o maior número de internações decorrentes de aborto e violência sexual. Diante de todas as notícias e sendo esse um contexto tão próximo ao meu, ficou a curiosidade de saber: o que há tanto nos livros infantis para educação sexual que não podem exercer seu papel de trazer riqueza de informações e por consequência proteger? Livros me ensinaram a ler o mundo através da união das imagens e palavras. Por que devem ser rasgados e colocados de lado caso tratem da prevenção, do cuidado e da valorização das diferenças intrínsecas do ser humano?

Os ensinamentos que tive na infância sobre a importância da leitura, seja imagética ou textual, vindos de uma família onde a valorização do ensino é estimada e as múltiplas experiências vividas durante o período de graduação, como oficinas realizadas com crianças e adolescentes de 4 a 16 anos em escolas do âmbito municipal e estadual das cidades de Salvador e Igatu na Bahia e o estágio zeloso na área de design editorial da Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), formam a motivação necessária em realizar a pesquisa e entender o livro como artefato transgressor de qualquer realidade, capaz de trazer informações relevantes que podem dar o conhecimento necessário a salvaguardar a infância de qualquer criança.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Desenvolver um projeto editorial ilustrado sobre a temática da violência sexual infantil com o intuito de ser um meio facilitador do diálogo, seja na escola ou em casa, através da utilização da metodologia do Design Thinking, com dedicação de 20 h semanais, dentro dos semestres 2021.1 e 2021.2 com um baixo orçamento.

1.2.2 Objetivo Específico

- Refletir sobre a temática da educação sexual para crianças e discutir sobre a temática da violência sexual infantil partindo de pesquisas bibliográficas;
- Conhecer o histórico dos livros infantis com a temática da educação sexual no Brasil;

⁷ G1 BAHIA. Bahia é o quarto estado com mais registros de denúncias de violência contra crianças e adolescentes. Disponível em: < <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/08/27/bahia-e-o-quarto-estado-com-mais-registros-de-denuncias-de-violencia-contra-criancas-e-adolescentes.ghtml> >

- Escrever uma história autoral alertando os diversos tipos de violência infantil com o foco central na violência do âmbito sexual;
- Ambientar cenários e personagens de forma a abranger as diversidades de características físicas para localizar o leitor em espaços nordestinos;
- Criar personagens identitários situados fora dos padrões sociais convencionais;
- Desenvolver um protótipo do livro, que permita a validação do público em questão.

1.3 METODOLOGIA

Dentro do seu processo de formação o profissional designer treina cada vez mais o seu olhar atento para solucionar as múltiplas necessidades da sociedade em que vive como forma de promover o bem-estar na vida das pessoas, como afirma Silva e demais autores (2012, p. 13)

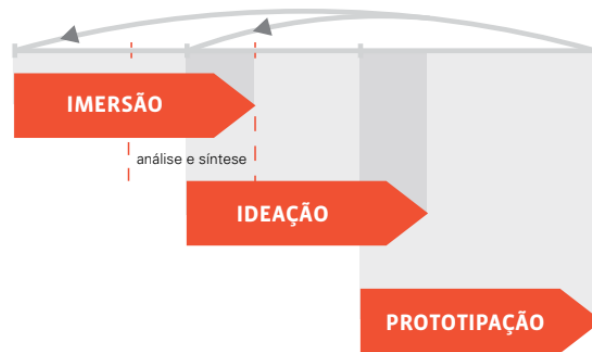
O designer enxerga como um problema tudo aquilo que prejudica ou impede a experiência (emocional, cognitiva, estética) e o bem-estar na vida das pessoas (considerando todos os aspectos da vida, como trabalho, lazer, relacionamentos, cultura etc.).

Dentro dessa perspectiva, a metodologia do *Design Thinking* se mostrou adequada para a realização desse projeto, não só por possibilitar o designer a mobilidade das técnicas que mais se adepta ao seu processo particular mas também por manter a atenção central nas pessoas e não apenas no produto a ser gerado cabendo a esse projeto estudar a criança como sujeito detentor de direitos a dignidade sexual dentro das três etapas propostas pela metodologia sendo a imersão, ideação e prototipação de modo que estas não se organizam na linearidade e sim dotadas de interações e novos conhecimentos.

A imersão é a fase onde o profissional busca se aproximar da temática que permeia o projeto sendo está dividida em duas etapas: *imersão preliminar* e *imersão em profundidade*. Na *imersão preliminar* nos centramos no entendimento inicial do problema enxergando o contexto mais superficialmente e na *imersão em profundidade* se tem um maior aprofundamento da questão, detalhando os problemas e as necessidades envoltos do tema. Ao fim da etapa de Imersão é realizada uma intercessão chamada por Silva et al (2012, p. 66) de Análise e Síntese. Ela consiste na organização das informações coletadas e insights de forma que estimule a criação de desafios que ajudem na compreensão do problema como um todo. A ideação é o momento onde se gera as ideias para o desenvolvimento de soluções permitindo explorar as perspectivas diferentes coletadas na imersão, tornando o resultado mais rico, enquanto que, na prototipação, a materialização

dessas ideias é realizada, possibilitando a palpabilidade e a validação das soluções encontradas a fim de proporcionar o aprendizado contínuo.

Figura 1 – Esquema representativo dos processos de *Design Thinking*



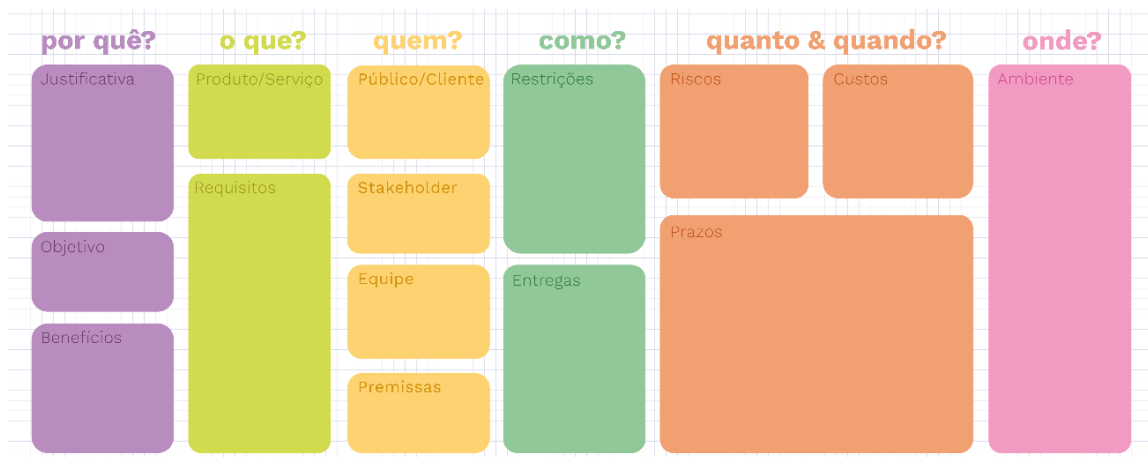
Fonte: Silva et al (2012, p. 18)

Como referencial metodológico O livro e o Designer I de Roger Fawcett-Tang e O livro e o Designer II de Andrew Haslam contém informações importantes quanto a estrutura de um livro bem como a construção do projeto editorial acerca da tipografia, paleta de cores, grades e de sua manufatura como tipos de papéis e acabamentos.

1.3.1 Project Model Canvas (PMC)

Como meio de estruturar e visualizar a gestão do projeto, foi utilizado o Project Model Canvas (PMC), ferramenta idealizada por José Finocchio Júnior (2013) e adaptada pelo professor doutor Alessandro Faria.

Figura 2 – Modelo de *Project Model Canvas* (PMC)



Fonte: Elaboração da autora.

A primeira seção é chamada de “por quê?” e possui três tópicos: a justificativa, o objetivo e os benefícios.

1. por quê?

1.	<ul style="list-style-type: none"> • Os professores e pais precisam de meios para abrir a discussão com as crianças sobre a violência sexual infantil como forma de viabilizar as denúncias para órgãos públicos responsáveis. • As crianças não sabem como denunciar (números); • Não conhecem as partes privadas do corpo; • Não há muitos livros sobre sexualidade no mercado que tragam a diversidade e a identificação cultural local do público; • Sem saber informações a cerca dos toques de sim e não, por exemplo, as crianças não são capazes de identificar o que é um abuso ou não;
justificativa	<ul style="list-style-type: none"> • “G1 - Bahia é o quarto estado com mais registros de denúncias de violência contra crianças e adolescentes”; • “O Correio - Quase 50 crianças são vítimas de abuso, exploração ou turismo sexual por dia”; • “Revista Veja - Justiça autoriza aborto de menina de 10 anos que engravidou após estupro”; • “FOLHAPE - Menina que engravidou após estupro teve que sair do ES para fazer aborto legal”; • “UNICEF - Isolamento social na pandemia potencializa aumento de casos de abuso contra crianças e adolescentes”
objetivo	<p>Desenvolver um projeto editorial ilustrado sobre a temática da violência sexual infantil através da utilização de metodologias específicas e ferramentas de gestão projetual no período dos semestres 2021.1 e 2021.2, dedicando 20h semanais ao projeto com baixo orçamento;</p>
benefícios	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento da comunicação sobre a temática considerada tabu com crianças e adolescentes; • Maior possibilidade de denúncias do abuso a órgãos públicos competentes; • Escuta ativa das crianças que também são sujeitos de direitos; • incentivo a leitura; • construção e formação da identidade cultural; • Identificação com seu dia-a-dia; • Meio de iniciar o assunto com pais e responsáveis; • Ferramenta didática/pedagógica para a educação; • Aumento da informação sobre o assunto.

Na justificativa é acrescido fatores que o motivam a trabalhar com o projeto em questão, no objetivo sobre o que se pretende alcançar com o trabalho e já nos benefícios deverá constar fatos que provavelmente acontecerão depois da implementação do projeto.

o que?

produto	<p>Livro autoral e ilustrado infantil</p>	2.
requisitos	<ul style="list-style-type: none"> • Causar impacto positivo na sociedade; • Gerar trabalhos posteriores ao curso de graduação; • Público alvo de infância a pré-adolescência (até 14 anos); • Envolver Ilustração; • Envolver Editoração (livros, revista ou cartilha); • Ambientação de cenários com identificação nordestina/baiana; • Protagonistas da história representativos e diferentes (ex: negro, baixa renda, gorda, com deficiência etc); • Personagens lidando com situação de gêneros opostos (ex: a menina pode ser a forte fisicamente e o menino pode chorar); • Informar canais de denúncia (disque 100, ministério público Bahia); • Possuir um conteúdo lúdico e infantil; 	

A segunda seção é chamada de “O quê?” e possui dois tópicos: produto e requisitos. O produto é o resultado final do processo e os requisitos é tudo que é necessário para definição da qualidade deste produto.

quem?

3.

público
Crianças, pais e professores.

equipe
Orientadora Tamires Lima, Graduanda Larissa Ribeiro, Apoio Pibexa Miriã Araújo e Ricardo Matinez.

Stakeholders

- *Miriã: Caso precise para ilustrações e auxílio com o vídeo para o congresso;*
- *Gráficas (printi); Adna;*
- *Orientadora: Tamires Lima;*
- *Flávia Moreira, Ariana Santos e Laísa Xavier: apoio moral;*
- *Ane Karoline: pedagoga;*
- *Ricardo: apoio com o site do projeto;*
- *Crianças;*

premissas

- *A gráfica vai funcionar e entregar o livro no prazo;*
- *A encadernação vai ser realizada no prazo correto;*
- *As ilustrações vão ser terminadas no tempo correto;*
- *Haverá a participação do público alvo principal em algum momento da criação do projeto (criação da história, validação, personificação dos personagens);*
- *O texto do livro será concluído no prazo apropriado.*
- *Vou conseguir ser atendida nas gráficas online ou no centro da cidade;*

A terceira seção é chamada de “quem?” e é composta por quatro tópicos: Público ou produto, equipe, stakeholders e premissas. O público ou clientes são as pessoas que desejamos atingir, a Equipe são todos aqueles que vão realizar o projeto. Já os Stakeholders são todas as pessoas que vão ajudar de alguma forma no projeto, seja financeiramente ou com informações e as premissas são suposições positivas em relação ao projeto que não estão sobre o controle da equipe.

como?

4.

restrições

- *Não é possível realizar atividades (entrevistas, visitas, oficinas, etc) presencialmente devido a pandemia;*
- *Orçamento;*
- *Ter uma linguagem para crianças;*
- *Cenários com características culturais baianas;*
- *As gráficas mais próximas ficam no centro da cidade;*

entregas

Imersão:

- Escrita do tópico discursivo 1;
- Escrita do tópico discursivo 2;
- Escrita do tópico discursivo 3;
- Criação de Canvas;
- Formulários de pesquisa;
- Entrevistas
- Revisão de tópicos iniciais;
- Análise de projetos editoriais do existentes no mercado;
- Síntese de dados;

Prototipação:

- Ajustes no projeto gráfico;
- Impressão das páginas;
- Encadernação do livro;
- Preparação da apresentação final;

- Banca final.

Ideação:

- Escrita da história;
- Storyboard;
- Lineart;
- Coloração;
- Criação do projeto gráfico editorial (diagramação e editoração);
- Validação;

A quarta seção é chamada de “como?” e possui dois tópicos: restrições e entregas. As restrições são limitações projetuais de qualquer natureza que impactam no desenvolvimento do mesmo e as entregas são tudo que é físico e mensurável que será gerado com o projeto e o tópico de risco que é tudo aquilo que é evento futuro incerto que pode influenciar no trabalho para assim buscar respostas para eles.

quanto & quando?

5.

riscos

- A gráfica não entregar meu trabalho a tempo; Impacto: 8
- Não finalizar o texto do livro a tempo; Impacto: 10
- Não conseguir comprar papel na iox; Impacto: 7
- Não conseguir agendar com Adna; Impacto: 9
- O produto/projeto passar do prazo estipulado; Impacto: 10
- Não conseguir colocar crianças em algum momento do projeto; Impacto: 8
- Comércio se manter fechado (em lockdown). Impacto: 7

custos

- Papeis;
- Tinta da impressora;
- Impressão;
- Acabamento;
- Uber para transporte;
- Tempo + Energia;
- Protótipo do livro;
- Valor para realização do protótipo: R\$ 200;
- Valor total de impressão do livro previsto pelo Pibexa: R\$ 1000;

prazos

- | | |
|---|---|
| 2021.1 | 2021.2 |
| <ul style="list-style-type: none">• Coleta de dados: 10/04• Análise e Síntese: 30/04• Planejamento e escrita do texto: 25/04• Storyboard: 1/05• Pré-produção: 05/05 | <ul style="list-style-type: none">• Análise e Síntese: 23/08• Escrita da história: 30/08• Storyboard e Concept Art: 4/06• Ilustração dos cenários: 20/09• Ilustração dos personagens: 20/09• Criação do projeto gráfico: 04/10• Testes de boneca: 11/10• Correção do memorial: 11/10 |
| Pré-Banca: 14/05 | Pré-banca: 22/10 |
| <ul style="list-style-type: none">• Validação: 16/05• Revisão e ajustes: 25/05• Produção do livro: 4/06 | <ul style="list-style-type: none">• Revisão e ajustes: 27/10• Produção do livro finalizada: 10/11 |
| Banca final: 11/06 | Banca final: 26/11 |

A última seção é chamada de “quanto e como?” e possui os tópicos: riscos, custos e prazos. Neste, deve-se destacar e pontuar todos os custos referentes ao projeto, desde gastos com transportes até gasto com produtos físicos. Há ainda um espaço para propormos ambientes possíveis de se trabalhar, pensando em um grande espaço de tempo.

onde?

Ambiente

- Ambiente virtual;
- Na minha casa;
- Na casa das crianças da família;
- Escolas;
- Abrigos.

6.

O mais interessante do método do canvas é que possibilita a revisão durante o processo podendo acrescentar situações que nos deparamos ao longo do projeto.

1.3.2 Mapa da empatia

O Canvas de Empatia, ou mapa de empatia, é uma ferramenta desenvolvida pela companhia de pensamento visual XPLANE para visualizar o perfil do público atendido, ajudando a ir além das características de dados demográficos, desenvolvendo uma compreensão melhor do ambiente, do comportamento, das preocupações e aspirações.

Figura 3 – Modelo de *Mapa da Empatia*



Fonte: Elaboração da autora.

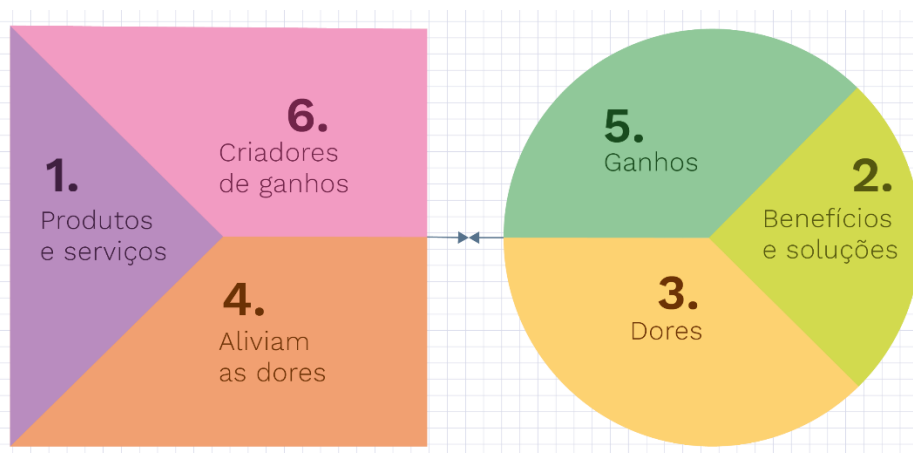
No primeiro campo “O que ela vê” descrevemos o que o público proposto vê em seu ambiente, no segundo campo “O que ela escuta” descrevemos como o ambiente

influencia o cliente, no terceiro campo “ O que ela realmente pensa e sente?” tentamos descrever o que acontece na mente do público-alvo decifrando seus desejos e sonhos, no quarto campo “ O que ela diz e faz” descrevemos o seu comportamento em público e o que geralmente ela pode dizer, no quinto campo “ Qual a sua dor” identificamos suas maiores frustrações e obstáculos e no sexto campo “Ganhos” verificamos o que realmente quer e precisa obter e pensamos em estratégias para que isso aconteça. *O deste projeto foi realizado durante a etapa de Análise e Síntese, no tópico 2.3.*

1.3.3 Canvas de Proposta de Valor

Este Canvas (do inglês *Value Proposition Canvas*) é uma ferramenta criada por Alexander Osterwalder dedicada ao desenvolvimento do projeto para o cliente e nos ajuda a entender o mundo deste cliente e como o seu produto ou serviço oferecido se encaixa nas necessidades do nicho que ele está inserido, verificando se as soluções que o Designer propõe é ideal para a resolução do problema a solucionar e se o mesmo está disposto a pagar por este.

Figura 4 – Value Proposition Design (Canvas da Proposta de Valor)



Fonte: Elaboração da autora.

No primeiro ponto “Produto & Serviços” respondemos “O que pretendemos oferecer”, no segundo ponto “Benefícios e Soluções” respondemos que tipo de soluções ou benefícios serão adquiridos com a implantação do projeto, no terceiro ponto “Dores” é onde listamos todos os problemas e dificuldades que o cliente possui.

O que pretendemos oferecer?

1.

Livro infantil ilustrado sobre educação sexual

Que benefícios ou soluções serão adquiridos?

- Proteção e prevenção através da informação sobre a temática para crianças;
- Meio de iniciar a discussão entre a criança e pais/mães/família fortalecendo o elo da confiança;
- Material lúdico para professores trabalharem a temática na escola;
- Representação cultural e identitária através da diferenciação de padrões estabelecidos;

2.

No ponto quatro “Aliviam as dores” listamos que tipo de soluções podem melhorar e aliviar os problemas e as dificuldades enfrentadas. No ponto cinco “Ganhos” vamos listar tudo que pode vir que não esperamos com a implantação das soluções e no sexto ponto “Criadores de Ganhos” vamos listar como esses ganhos extras serão oferecidos. Através desse mapa é possível obter uma ampla visão do projeto e se entender as reais necessidades do cliente.

Quais são os problemas e as dificuldades?

3.

- Poucos meios lúdicos e didáticos a professores(as);
- O tema é considerado tabu e há a resistência em tratá-lo;
- A falta de livros que tragam a representação de identidade e cultura;
- O abusador, na maioria das vezes, é alguém da família ou próximo dela;
- Diminuição do número de denúncias pela pandemia;
- Poucas disseminação sobre os telefones de denúncia;
- Ausência do espaço de diálogo sobre o tema entre o adulto e a criança;
- O alto valor e acesso dificultado a esses livros;
- Tratar a educação sexual apenas em uma disciplina (biologia);
- Gravidez na infância e adolescência;
- Tratar a sexualidade apenas em aspectos biológicos.
- Diminuição do número de denúncias pela pandemia;
- O período do abuso durar anos pela criança ter uma faixa etária onde ainda não entende, não ser informada a contar para que a denúncia possa ser feita;
- Recente incentivo a danificação e a não disseminação de informações através dos livros;
- Recentes declarações contrárias ao ensino da educação sexual nas escolas;
- Falta de difusão a sociedade civil das leis que protegem a criança e o adolescente.

Como vai oferecer os ganhos?

6.

- Páginas finais do livro que informem dados sobre denúncia e leis.
- Criação de campanhas específicas para difusão desses materiais.
- Número de denúncias proporcionais a real dados sobre a violência;
- Rodas de leitura do livro com professores e familiares responsáveis.

Para cada item, pensar soluções que aliviam.

4.

- Livros ilustrados são ótimos para incentivar a leitura e disseminar a importância da informação.
- Histórias que tragam diferentes padrões (familiares, corpóreos e de gênero) e ambientações locais.
- Orientar a criança dentro da faixa etária indicada sobre o que é permitido ou não, aumentando assim a chance de denúncias.
- Informações de contato para denúncia devem vir junto a livros e cartilhas.
- Ensino de métodos contraceptivos e da sexualidade saudável.
- Através do livro, é possível abrir o espaço sobre o tema seja na escola e em casa, estabelecendo assim um laço de confiança.
- Através das ilustrações é possível tratar o tema de forma lúdica e com leveza.
- A criança deve ser ouvida, amparada e protegida em toda e qualquer situação.
- Tratar da educação sexual dentro da escola e em ambientes externos ao familiar permite a descoberta de abusos parentais.
- Multidisciplinaridade ao tratar do tema.

Pensar em ganhos adicionais não esperados.

5.

- Criação e manutenção de laços de confiança entre a criança e o responsável.
- Maior conversação entre a equipe pedagógica escolar e famílias a respeito do tema;
- Número de denúncias proporcionais a real dados sobre a violência;
- Maior processo de aprendizagem e assimilação através da representatividade.
- Maior conhecimento das leis que protegem a criança e o adolescente no país;
- Queda no número de abusos sexuais em crianças e adolescentes;

2. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

2.1 IMERSÃO

O processo de imersão é a fase onde buscamos todas as informações pertinentes para a realização de um projeto, seja através de bibliografias na Pesquisa Desk ou experiências na imersão em profundidade como na base de informações expostas no livro “Design Thinking: Inovação em Negócios” (SILVA, 2012).

2.1.1 Referencial Teórico

2.1.1.1 A violência sexual infantil como pauta base: histórico, conceitos-chave e a violência em números

É relativamente recente o ponto de partida da mobilização social com relação a violência sexual contra crianças e adolescentes no país. Ocorreu sob o olhar da Constituição Federal Brasileira em 1988, da Convenção Nacional e Internacional pelos direitos Humanos em 1989 e da instituição do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA de Lei nº 8.069 do ano de 1990 que, segundo o SANTOS (2009, p. 12), além desse despertar para o assunto, as crianças e adolescentes tiveram juridicamente a condição de sujeito de direito garantida revelando assim a complexidade de garantias quanto ao ambiente justo e protetor para o desenvolvimento integral e integrado destas. Apenas em 2003 com o presidente vigente, Luiz Inácio Lula da Silva, a temática do abuso e da exploração sexual ganhou um lugar de destaque na agenda pública brasileira onde se comprometeu a priorizar as ações de enfrentamento desse problema.

É importante lembrar que no contexto histórico-social de violência endêmica, no qual a violência sexual está inserida, prevalece uma cultura de dominação e de discriminação social, econômica, de gênero e de raça. No entanto, o paradigma de uma sociedade de direitos rompe com esses padrões antigos e propõe a construção de uma nova cultura de proteção e respeito aos direitos humanos das crianças e dos adolescentes, o que implica tecer relações de trocas afetivas e de aprendizagem, coibir os abusos, enfrentar as ameaças, proteger os vulneráveis, as testemunhas e, finalmente, responsabilizar, oferecendo serviços psicossociais a autores de violência sexual. SANTOS (2009, p.13)

Anteriormente, diversas entidades atuaram isoladamente em cidades distintas voltadas a crianças e adolescentes em situação de rua (1980) nascendo posteriormente organizações nacionais em direitos da criança, a exemplo do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua – MNMMR (1985) e a criação de entidades aos maus-tratos

na infância como o Centro Regional de Atenção aos Maus tratos na Infância – CRAMI – e a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência – ABRAPIA – que já contribuíam para visibilizar a violência sexual doméstica infantil. Outros marcos importantes para a questão foram a inclusão dos direitos da criança e do adolescente na Constituição Federal nos artigos 227 e 228 em 1990, a realização da Comissão Parlamentares de Inquérito – CPI – da Prostituição Infantil em 1993 e a criação de Centros de defesa da criança e do Adolescente – CEDECAs – com apoio do Fundação das Nações Unidas para a Infância – UNICEF – em diversos países. O lançamento da primeira Campanha de Combate à exploração Sexual Infanto Juvenil criada pela CEDECA-BA e a Polícia Militar da Bahia com mais de 40 organizações mobilizadoras envolvidas permitiu a veiculação nacional do problema e a exposição deste na mídia. Durante o *Primeiro Congresso Mundial contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes* em Estocolmo no ano de 1996 o Brasil teve uma posição de destaque pela realização do evento *Consulta das Américas* onde foi aprovado o documento chamado *Carta de Brasília* que garantia o comprometimento político do poder público e da sociedade civil para o desenvolvimento de mais ações e programas sobre a temática.

Art. 227 - É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL,2015)

A junção das ONGs, Governo Federal e órgãos internacionais para a criação do Plano Nacional de Enfrentamento da Violência sexual Infantojuvenil – PNEVSIJ em junho de 2000 fez com que o Brasil se tornasse um dos primeiros países a executar uma das recomendações do Congresso de Estocolmo. Com a elaboração deste plano, a ampliação da campanha lançada em 1997 contra o turismo sexual e implementação do Sistema Nacional contra o Abuso e à exploração Sexual Infantojuvenil⁸ que possibilitava a realização de denúncias por telefone, ainda em vigor através do disque 100, o país buscava formas para solucionar a questão. A partir disso, as esferas de vários setores governamentais passaram a se integrar junto ao ONGS para manter a prioridade de fomentar a implementação, o fortalecimento e avaliação através da identificação das

⁸ Primariamente operacionalizado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência – ABRAPIA e posteriormente coordenado pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

necessidades e metodologias de intervenção pertinentes a fim de que possam gerar um real impacto na vida de muitas crianças e suas famílias. (SANTOS, 2009)

A morte de crianças e adolescentes tem a violência como uma de suas maiores causas, em números elevados na população negra, podendo citar ocasiões onde os direitos da criança são negligenciados pela não inclusão nas políticas públicas e as realizadas por um agressor direto. A violência sexual é uma das mais descobertas em unidades de saúde citando o estupro a violação mais frequente em crianças de 0 a 13 anos e em adolescentes onde os agressores, na maior parte dos casos, são os próprios pais, familiares, namorados ou pessoas próximas a vítima incluindo-a assim como um tipo de violência doméstica. Esta está identificada no Artigo 213 do Código Penal como qualquer ato sexual praticado por pessoas maiores de idade com menores de 14 anos por compreender que há por parte do menor a completa falta de discernimento para o consentimento da prática.

Qualquer prática sexual “forçada” (emprego de violência ou grave ameaça ou fraude) é considerada crime/violência, seja ela exercida contra crianças, adolescentes ou adultos. Práticas sexuais entre uma pessoa maior de 18 anos e outra entre 14 e 17 anos quando obtidas por intermédio de sedução, indução ou exercício de poder são também criminalizadas. A alegação de consentimento por parte da criança e do adolescente nas eventuais práticas sexuais com adultos deve ser sempre questionada e contextualizada, uma vez que elas/eles são considerados seres humanos em condição peculiar de desenvolvimento, quando a capacidade de autonomia para consentir ou não está ainda em processo de construção. (SANTOS, 2009, p. 28)

A violência sexual é comumente classificada nas seguintes categorias: abuso sexual intrafamiliar, extrafamiliar e a exploração sexual comercial. O conceito de abuso se classifica, segundo SANTOS (2009, p. 25) naquelas que são cometidas por um agente agressor, num estágio de desenvolvimento físico, psíquico e social mais adiantados se diferenciando entre o abuso e a exploração sexual comercial. Embora o abuso sexual seja geralmente vinculado a pessoas mais velhas há registros recorrentes de situação abusiva entre pessoas da mesma idade, sendo assim estabelecida uma assimetria por formas de poder que não a faixa etária.

O abuso sexual é uma situação em que uma criança ou adolescente é usado para gratificação sexual de um adulto ou mesmo de um adolescente mais velho, baseado em uma relação de poder que pode incluir desde carícias, manipulação da genitália, mama ou ânus, exploração sexual, “voyeurismo”, pornografia e exibicionismo, até o ato sexual com ou sem penetração com ou sem violência física. (ABRÁPIA, 2002, p. 8)

O abuso sexual intrafamiliar se caracteriza por qualquer relação de caráter sexual entre um adulto e uma criança sendo estas do mesmo seio familiar, por tanto incestuosa, onde esse laço pode ser direto ou não, podendo se configurar também pela relação de responsabilidade envolvida, onde o abusador possui parentesco e dispõe de certo poder sobre ela, hierárquico, econômico e afetivo. Já o abuso sexual extrafamiliar acontece fora do âmbito familiar, não sendo considerado violência doméstica com a caracterização frequente do abusador em alguém que a criança conhece e confia, mas não tem ligação parental como amigos da família ou vizinhos, educadores, médicos, líderes religiosos, podendo eventualmente o autor da agressão ser alguém totalmente desconhecido. Na exploração sexual comercial infantil há além do abusador um intermediário, o aliciador, que estabelece uma relação econômica com o abusador a fim de que este possa realizar o abuso contra a criança se beneficiando muitas vezes da desigualdade social existente e/ou tradição cultural de aceitação da relação entre adultos e crianças, como acontece em muitos países asiáticos.

Dentro desse cenário, o abuso sexual extra e intrafamiliar pode se manifestar de diversas modalidades, acontecendo sem necessariamente haver o contato físico, como vemos no abuso sexual verbal. Este acontece quando há conversas sem nenhum pudor sobre atividades sexuais destinadas a despertar o interesse ou chocar a criança ou adolescente. Já o assédio sexual tem base, em diversas vezes, na posição de poder que o sujeito tem sobre a vítima, que se mantém chantageada e ameaçada pelo responsável da agressão. Os telefonemas obscenos também acontecem como forma de violência verbal realizada, em maioria, por adultos do sexo masculino, sendo fator de ansiedade para a vítima. O exibicionismo consiste em mostrar órgãos genitais ou o ato de praticar masturbação em frente das crianças ou em seu campo de visão com o intuito de chocar a vítima sendo motivado pela espera dessa reação.

No Voyeurismo, a ação de observar atos ou órgãos sexuais de outras pessoas (no caso que falamos aqui de crianças e adolescentes) de forma escondida se torna destaque, onde o Voyeur se gratifica ao conseguir realizar o feito. Já a Pornografia se coloca tanto como o abuso quanto forma de exploração sexual comercial onde mostrar materiais pornográficos à criança ou adolescente é considerado um ato de abuso sexual, porém pensando na exposição de crianças ou adolescentes como forma de obter lucro financeiro a pornografia passa a ser lida como exploração sexual comercial. Uma outra modalidade do abuso seria a dotada de contato físico incluindo carícias em órgãos genitais, masturbação, tentativas de relações sexuais, sexo oral, penetração vaginal e anal

enquadradas dentro da Lei nº 12.015/07.08.2009 como atentado violento ao pudor, corrupção de menores, sedução e estupro. Em sua compreensão mais ampla há ainda a inclusão de contatos a força com a criança como beijos e toques em locais erógenos do corpo.

De modo geral, os crimes sexuais cometidos contra crianças e adolescentes estão cercados por preconceitos, tabus, pelo silêncio e, por esse motivo, muitas vezes sequer são denunciados. Daí a dificuldade de haver números consolidados e detalhados sobre o problema, tanto no Brasil quanto em todo mundo. A situação é mais grave em relação ao abuso sexual. De acordo com estudiosos do assunto, em cerca de 90% dos casos de abuso sexual, o autor é alguém com quem a vítima convive, como o pai biológico, o padrasto, tios, avós, irmãos ou vizinhos, o que, em várias situações, impede que o crime venha à tona. (SANTOS, 2009, p. 31)

Segundo o Ministério da Saúde, de 2011 a 2017, 70% dos 527 mil estupros registrados no Brasil, anualmente, são de crianças e adolescentes. A maior parte das crianças sexualmente abusadas têm de 1 a 5 anos e 45,5% são negras. Em números, conforme o Disque direitos humanos (Disque 100), só em 2019 foram registradas 86.837 denúncias de violação dos direitos da criança e do adolescente, sendo a violência sexual a quarta violação mais registrada com 82% das vítimas do sexo feminino, 18% do sexo masculino e 72,3% dos casos dentro dos lares do agressor ou da vítima. De acordo com o Unicef, em 2019, o Brasil se localizava como o quarto país no mundo no número de casamentos infantis, sendo o sétimo da América do Sul em gravidez na adolescência. (UNFPA, 2006-2015) Se engana quem pensa que o abuso sexual não está nas redes: 61% das denúncias feitas a Central de Denúncias de Crimes cibernéticos se referem a pornografia infantil onde os conteúdos denunciados envolveram quase 40 mil endereços on-line distintos. Em 2018, 70% das adolescentes brasileiras afirmaram ter recebido *nudes* sem pedir e foram computadas 60 mil denúncias brasileiras de pornografia infantil apenas nesse ano mesmo sendo estimado que menos de 10% dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes sejam denunciados às autoridades. Tais dados nos mostram a iminente necessidade da manutenção de programas de combate a esse tipo de violência bem como a abertura para veiculação de meios de difusão de informações de prevenção e proteção à criança.

Em março de 2020, o Ministério Público do Paraná divulgou dados em relação aos abusos sexuais cometidos no Brasil, sendo 3 crianças ou adolescentes violentadas a cada hora no país, relatando também o encerramento de diversos programas federais que tratam dessa questão e faziam a ponte entre entidades e a sociedade civil (que atualmente

vive um momento pandêmico crítico) no combate à violência, divergindo de diversas políticas governamentais anteriores.

2.1.1.2 As consequências do abuso sexual infantil e a importância de informar: a educação sexual como meio

A violência sexual pode marcar intrinsecamente a criança ou adolescente de diferentes formas, apresentando assim sinais distintos desde as que não apresentam sintomas até o aparecimento de problemas de sociabilidade, físicos e emocionais. Estas, adquirem uma visão diferente do mundo e dos relacionamentos interpessoais das que crescem em um ambiente familiar de afeto e proteção. Os vestígios do abuso podem surgir a curto e a longo prazo, de formas diferenciadas de acordo com a idade da vítima, por isso segundo Cordeiro (2006, p. 5) é importante o conhecimento das diferentes fases de desenvolvimento infantil a fim de distinguir um sinal de maus-tratos de um comportamento que seja próprio da sexualidade infantil.

Para Piaget (1971, apud Ippolito, 2014, p. 52), as crianças possuem pensamentos com modalidades e procedimentos completamente diferentes do mundo adulto, desenvolvendo-se ao longo do tempo através de etapas constantes que as levam à complexidade do pensamento operacional formal, como conhecemos. Em seus conceitos as crianças nascem com uma herança genética que forma a base do desenvolvimento biológico e mental, porém seu crescimento ocorre no encontro entre as estratégias inatas com a realidade tendo base no que experienciam, mudando assim as estratégias e tornando-as cada vez mais complexas.

A criança então utiliza-se do processo de assimilação, forma com que novas experiências e informações são absorvidas, processadas e se juntam às estruturas já existentes, e da acomodação que é o processo fundamental para a modificação das ideias ou de estratégias como resultado dessas novas experiências para se relacionar com o meio ambiente, se adaptando ao mundo ao mesmo tempo que constrói padrões de pensamentos. Ele classifica quatro estágios de desenvolvimento onde em cada um deles há uma característica pela qual a criança constrói o conhecimento: o estágio sensório-motor, o pré-operatório, o das operações concretas e o estágio operacional formal. O primeiro estágio compreende de 0 a 2 anos, onde a criança nasce incapaz de reconhecer o mundo exterior, sendo o centro da realidade pois é incapaz de fazer uma separação entre si e a realidade externa. No fim da fase, ela é capaz de reconstruir mentalmente uma imagem através da capacidade de recordar e memorizar adquirida. O próximo estágio, de 2 a 6

anos, se destaca pelas habilidades do desenvolvimento da linguagem, momento onde ocorre uma profunda mudança na vida emocional, nos pensamentos, e o reconhecimento próprio. Falando sempre de si mesma, acontece aqui operações específicas, Piaget o chama de pensamento mágico.

No âmbito da gênese e da natureza do pensamento mágico, essa operação sempre capturou a imaginação e foi, por vários pesquisadores, em diferentes campos, fonte de interesse. Freud, porém, acredita que a magia é produzida pelo desejo. Também acredita que, por trás de cada prática mágica, existe um elemento afetivo particular. Ele considera a mágica o resultado do narcisismo infantil, ou seja, um estágio de desenvolvimento emocional durante o qual a criança apenas está interessada em sua própria pessoa, em seus desejos e em seus pensamentos. A criança tem amor por ela mesma, de acordo com Freud, considera que seus pensamentos e desejos podem influenciar, magicamente, os acontecimentos. (IPPOLITO; SANTOS et al., 2014, p. 53)

O terceiro estágio, de 6 a 12 anos, se faz uma das fases mais importantes pela numerosa e qualitativa quantidade de operações, coincidindo com o início da escolarização e mudando profundamente sua vida social, emocional e intelectual. Aqui as crianças têm um nível alto de concentração individual, bem maior que quando estão colaborando em tarefas comuns. A partir dos sete anos ela consegue se conectar, coordenar e diferenciar suas ações da dos outros, não havendo tentativas de comunicação como nas fases anteriores, mas sim uma completa discussão, sendo capaz de explicar o fato e emitir seu ponto de vista, saindo assim da fase egocêntrica e iniciando a capacidade de reflexão.

Piaget foi o primeiro autor a vincular o nascimento do senso moral com o desenvolvimento de propriedade intelectual da criança, distinguindo duas etapas: a heterônoma e a moral autônoma. O realismo moral começa aproximadamente aos cinco anos e é caracterizado Escuta de crianças e adolescentes em situação de violência sexual: aspectos teóricos e metodológicos por um absolutismo moral (as regras são absolutas e imutáveis) e por uma justiça imanente (a violação segue sempre o justo castigo). Aos sete anos, a criança começa a desenvolver uma moral da reciprocidade, ou a chamada moral autônoma. As regras do jogo já não são imutáveis como antes, e, se todo mundo concordar com a mudança, a punição que segue um mau comportamento é fortemente atenuada. A criança começa a julgar as ações com base nas motivações e não apenas nos efeitos. As dicotomias bem-mal, certo-errado, a partir de agora, tomam a característica do caminho moral do adulto. As estratégias mnemônicas são outro aspecto importante no processo de aprendizagem. A criança encontra estratégias de classificação e de associação, por exemplo, entre imagens e conteúdo indispensáveis para se lembrar de um impressionante conjunto de dados. O desenvolvimento da noção de tempo, em crianças, definido como tempo físico, está intimamente conectado à noção de movimento

e de velocidade. O tempo é um conceito que se constrói de forma lenta e gradual. (IPPOLITO; SANTOS et al., 2014, p. 53-54)

No quarto e último estágio, dos 12 anos em diante, a criança já consegue realizar operações formais, utilizando-se de suas próprias ideias como antes utilizava objetos, agora as ideias são muito mais flexíveis e manipuláveis e podem resultar em suposições inovadoras e diferenciadas. A criança pequena é apenas observadora de fora, sem refletir sobre o que acontece, já o adolescente é caracterizado pelo interesse em assuntos sem relação com a realidade em que se vive diariamente, desenvolvendo teorias abstratas e se projetando no futuro, apesar de viver no presente. Nasce então a representação de objetos ausentes, numa realidade retratada onde além da lógica formal e da conclusão da construção do pensamento, o adolescente define sua própria personalidade (de início aos 8 e definindo aos 12 anos) de acordo com as influências das regras e valores da sociedade em que vive.

Os planos de vida são cheios de sentimentos generosos. Esse adolescente descobre o amor, visto como a projeção de um ideal em um ser real. Por meio de projetos e de programas de vida, ele faz parte da sociedade adulta. Esta também é a etapa da puberdade, com suas mudanças físicas e com suas alterações hormonais. [...] Abrem-se novos horizontes e novas curiosidades, podendo ocorrer as explorações da atração e das fantasias sexuais com pessoas do mesmo sexo e do outro sexo. (IPPOLITO; SANTOS et al., 2014, p. p. 55)

Diante disso, é interessante destacar que a violência sexual infantil não reverbera os mesmos efeitos sobre todos que passaram por ela variando de acordo com a idade do início do abuso, a longevidade do mesmo, o grau da violência ou sua ameaça, o grau de proximidade do agressor com a vítima, a presença ou não de figuras protetoras em sua vida e o grau de sigilo mantido sobre o que ocorreu entre familiares e vizinhos onde o segredo pode dificultar sua compreensão do ocorrido. Algumas tentam dissociar o abuso de si, outras negam a existência da parte inferior do corpo ou até entram em estado alterado de consciência, como se estivessem dormindo e o ato fosse um sonho. (SANTOS, 2009, p. 44) A culpa muitas vezes permeia o pensamento de meninas que são sexualmente abusadas por parentes, estes frequentemente as fazem acreditar que provocaram a situação ou que todos os pais fazem isso como meio de educar sexualmente e por conseguinte, crescem com a crença de que não tem o valor devido, que somente são úteis desempenhando papéis de pouca importância ou apenas de conotação sexual. (ABRÁPIA, 2002, p. 42) Muitas vezes o abuso começa quando a criança é muito pequena, nesse caso nada é dito, e se estende até o período de sua adolescência,

ultrapassando-a. Nos casos de meninos abusados sexualmente existem ainda mais dificuldades de relatarem o abuso: o ir de encontro com a crença social de que pessoas do sexo masculino são inatamente fortes, protetores e que não devem se demonstrar feridos ou magoados, o tabu da homossexualidade e do incesto, e segundo ABRÁPIA (2002, p.42) há ainda uma carência da mídia em relação a meninos enquanto vítimas: eles são, na maioria das vezes, retratados como os agressores.

Estão entre as consequências em curto prazo está o sentimento de ter pouco valor ou ser má, a perda da confiança em outras pessoas, o sentimento de culpa e de vergonha, o medo de voltar a sofrer um novo abuso e a depressão. Pra além disso, a longo prazo, podem ser citados a dificuldade de ligação afetiva e amorosa, as sequelas dos problemas físicos como lesões, hematomas e que doenças sexualmente transmissíveis – DSTs – podem interferir na capacidade reprodutiva (SANTOS, 2009, p.45) dentre outras, como mostra a tabela:

Tabela 1 – Consequências do abuso sexual

CONSEQUÊNCIAS FÍSICAS	
Lesões em geral, hematomas;	Lesões anais;
Lesões genitais;	Gestação;
Doenças Sexualmente transmissíveis.	
Consequências Psicológicas	
CONSEQUÊNCIAS PSÍCOLOGICAS	
Condutas sexuais inadequadas;	Dificuldades em relação ao sono;
Dificuldades de adaptação;	Envolvimento com prostituição;
Dificuldade nos relacionamentos interpessoais, de ligação afetiva e amorosa;	Mudanças de comportamento e de vocabulário;
Dificuldades escolares;	Queixas de ordem psicossomática;
Distúrbios alimentares;	Uso de drogas.
Distúrbios afetivos (apatia, depressão, desinteresse pelas brincadeiras, crises de choro, sentimento de culpa, vergonha, autodesvalorização, falta de estima);	

Fonte: CORDEIRO (2006, p.6)

Faz-se extremamente necessário a quebra do “muro de silêncio” que se estabelece em torno do abuso sexual a partir da notificação dos órgãos que visam a proteção da criança e do adolescente por parte da família, vizinhança e profissionais da educação e saúde que estão inseridas na sua rotina.

Os sinais de aviso são quase sempre não verbais nas situações de violência e do abuso sexual. Estes não são compostos apenas de um, mas do conjunto de indicadores sobre a criança ou adolescente em questão, sendo importante salientar que a relação de afeto e confiança entre a vítima e o adulto delator cria um canal de comunicação forte

onde a própria pode relatar as situações de violência em que passou. Segundo SANTOS (2009), os sinais são:

Tabela 2 – Sinais da violência doméstica e abuso sexual segundo o Centro Regional de Atenção aos Maus-tratos na infância do ABCD (CRAMI)

VIOLÊNCIA FÍSICA		
<i>Indicadores físicos da criança/adolescente</i>	<i>Indicadores Comportamentais da criança/adolescente</i>	<i>Características da família</i>
<ol style="list-style-type: none"> 1. Presença de lesões físicas, que não se adequam à causa alegada; 2. ocultamento de lesões antigas; 3. hematomas e queimaduras em diferentes estágios de cicatrização; 4. contusões em partes do corpo que geralmente não sofrem com quedas habituais. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tem medo dos pais e/ou responsáveis; 2. alega causas pouco viáveis para as lesões; 3. fugas do lar; 4. baixa autoestima, considerando-se merecedor(a) das punições; 5. diz ter sofrido violência física; 6. comportamento agressivo com os colegas; 7. desconfia de contato com adultos; 8. está sempre alerta, esperando que algo ruim aconteça. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Oculta as lesões da criança ou as justifica de forma não convincente e contraditória; 2. descreve a criança como má e merecedora de punições; 3. culpa a criança pelos problemas do lar; 4. acredita no disciplinamento severo como forma de educar; 5. tem expectativas irreais sobre a capacidade da criança, exigindo-a em demasia; 6. autoriza o professor a castigar fisicamente a criança.
VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA		
<i>Indicadores físicos da criança/adolescente</i>	<i>Indicadores Comportamentais da criança/adolescente</i>	<i>Características da família</i>
<ol style="list-style-type: none"> 1. Problemas de saúde sem causa orgânica: distúrbios da fala, do sono, afecções cutâneas, disfunções físicas em geral. OBS.: por se tratar de uma violência que fere o psiquismo e não a integridade física da criança as sequelas são predominantemente emocionais. Quando existem indicadores físicos estes são resultantes de um quadro de psicossomatização. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. isolamento social; 2. carência afetiva; 3. baixo conceito de si; 4. regressão a comportamentos infantis (também pode ser indicador de outros problemas emocionais, que não a violência); 5. submissão e apatia; 6. dificuldades e problemas escolares, sendo que não existem limitações cognitivas e intelectuais; 7. tendência suicida. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. não existe afetividade na relação entre pais e filhos; 2. deprecia a criança, referindo-se a ela de forma negativa e com críticas; 3. tem expectativas irreais sobre a capacidade da criança, exigindo-a em demasia; 4. muitas vezes, existe abuso de álcool ou drogas; 5. ameaça, aterroriza ou ignora a criança.
NEGLIGÊNCIA/ABANDONO		
<i>Indicadores físicos da criança/adolescente</i>	<i>Indicadores Comportamentais da criança/adolescente</i>	<i>Características da família</i>
<ol style="list-style-type: none"> 1. padrão de crescimento deficiente; 2. vestimenta inadequada ao clima; 3. necessidades não atendidas, tais como: higiene, alimentação, educação (evasão escolar), saúde (vacinas atrasadas, etc); 4. fadiga constante; 5. criança sofre frequentemente acidentes (pela falta de cuidados por parte de um adulto); 6. pouca atividade motora (falta de estimulação). 	<ol style="list-style-type: none"> 1. a criança desenvolve atividades impróprias para a idade: é responsável pelos serviços domésticos, cuidados com irmãos menores, etc (é comum esta criança ser considerada madura e “precoce”, mas o fato é que está assumindo responsabilidades de um adulto); 2. isolamento social; 3. carência afetiva; 4. falta de concentração e atenção devido à fadiga e a necessidades não atendidas. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. falta de acompanhamento escolar pelos pais e/ou responsáveis: ausência em reuniões escolares e atrasos constantes; 2. falta de acompanhamento médico; 3. apatia e passividade; 4. abuso de álcool ou drogas; 5. não percebe as necessidades físicas e afetivas da criança; 6. descuido com a própria higiene e aparência pessoal.

Fonte: SANTOS (2009, p. 55-56)

Conhecer esses sinais e entendê-los se faz importante não só por profissionais que trabalham diretamente com esse público, mas sim por toda comunidade de forma a trabalhar preventivamente para evitar casos de abuso infantil.

Profissionais de saúde, psicólogos, advogados, professores, pais e a sociedade em geral devem buscar a promoção de um trabalho mais amplo e profundo, que é o trabalho preventivo através da orientação sexual precoce. A escola e a família devem ser responsáveis por este papel. (ABRAPIA, 2002, p. 47)

Segundo ABRAPIA (2002, p. 48) a prevenção se coloca como a melhor forma de se evitar o abuso, sendo classificada pela Organização mundial de saúde em prevenção primária, secundária e terciária. A primária se baseia na disseminação de informações a sociedade e tem como objetivo a eliminação ou a redução dos fatores sociais, culturais e ambientais que favorecem a violência contra a criança e ao adolescente atuando nas suas causas, a secundária trabalha em cima da detecção precoce dessas crianças em situação de risco, impedindo essa violência e sua repetição atuando na situação já existente e a terciária se foca no acompanhamento integral tanto da vítima e do agressor.

A prevenção primária é a maneira mais econômica, eficaz e abrangente para se evitar a violência contra a criança. Através da prevenção primária atua-se para modificar condutas e formar novas culturas, sensibilizando e mobilizando a sociedade. A participação dos meios de comunicação é de fundamental importância. ABRAPIA (2002, p. 49)

Sendo assim, a informação é dada como o melhor meio preventivo e deve ser a base para atividades de disseminação do assunto como forma de sensibilizar a sociedade e de enfrentar a violência sexual infantil. A possibilidade de análise dos números estatísticos e a leitura de pesquisas científicas ajudam a mensurar o fenômeno bem como a tirada de dúvidas entre o que é mito e realidade nesse universo (*Ver Tabela 1 – Mitos e realidades sobre o abuso sexual em anexos*), incluindo no planejamento pedagógico formas de abordagem rápida para a caracterização dessa violência, exibição de vídeos e/ou a discussão com as crianças e adolescentes sobre casos que já ouviram falar. Para isso, é necessário se quebrar o espanto instaurado no final do século XIX em entender que a criança é também um ser sexuado, conhecer as características das fases do desenvolvimento infantil para anular os equívocos na forma de lidar com a sexualidade das crianças e adolescentes, respeitando sua forma de expressão sem reprimi-las. (Hazeu apud. SANTOS, 2009, p. 50)

A prevenção da violência contra crianças e adolescentes deve acontecer dentro de um trabalho educativo global, enfocando a educação para a saúde sexual, seja ele realizado em casa, na escola ou em uma entidade social. A sexualidade da criança e do adolescente precisa se desenvolver em um ambiente propício para que eles tenham uma vida sexual saudável e feliz. A prevenção e o cuidado em relação à violência sexual não podem se transformar em medo de sexo. (ABRAPIA 1997 apud SANTOS, 2009 p. 50)

Como forma de prevenção ao abuso, a ABRAPIA (2002, p. 52) destaca cinco pontos de diálogo entre pais e crianças de acordo com a etapa de desenvolvimento adequada com base nos textos da Academia Americana de pediatria, sendo elas:

- Entre 18 meses e 3 anos, ensine a ele ou ela, o nome das partes do corpo.
- Entre 3 e 5 anos, converse com ele sobre as partes privadas do corpo (aquelas cobertas pela roupa de banho) e também como dizer não. Fale sobre a diferença entre “o bom toque e o mal toque”.
- Após os 5 anos a criança deve ser bem orientada sobre sua segurança pessoal e alertada sobre as principais situações de risco.
- Após os 8 anos deve ser iniciada a discussão sobre os conceitos e as regras de conduta sexual que são aceitas pela família e fatos básicos da reprodução humana.

No Brasil, as diretrizes para a educação nas escolas são definidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) desenvolvidas pelo MEC, servindo para nortear os currículos das redes de ensino de todo país, estabelecendo os temas que devem ser tratados na educação de crianças e adolescentes. A educação sexual não está presente como pauta na base, sendo compulsória sua aplicação na escola bem como acontece nos países norteamericanos. Entretanto, nos últimos governos (até o final de 2018), o Ministério da Educação passou a incentivar a aplicação não obrigatórias de programas de educação sexual nas escolas, a exemplo do Programa Saúde na Escola formado pela sua junção e do Ministério da Saúde desde 2007, que em muitos casos, a temática é tratada de forma transversal (abordado dentro de outras disciplinas).

Para Fulani (2011 apud Mizunuma, 2017) existem princípios dos quais devem ser considerados no processo da educação sexual de modo a garantir o respeito às diferenças, a saber:

Tabela 3 - Princípios para uma educação sexual na Escola de respeito às diferenças.

Princípio 1	A educação sexual deve começar na infância e, portanto, fazer parte do currículo escolar.
Princípio 2	As manifestações da sexualidade não se justificam, apenas, pelo objetivo da “reprodução”.
Princípio 3	A descoberta corporal é expressão da sexualidade.
Princípio 4	Não deve haver segregação de gênero nos conhecimentos apresentados a meninos e meninas; portanto, a prática pedagógica da educação sexual deve acontecer sempre com coeducação.
Princípio 5	Meninos e meninas devem/podem ter os mesmos brinquedos
Princípio 6	A linguagem plural, usada na educação sexual, deve contemplar tanto o conhecimento científico quanto o conhecimento familiar/popular/cultural.
Princípio 7	Há muitos modos da sexualidade e do gênero se expressarem em cada pessoa; portanto eu posso ter alunos/as se constituindo homossexuais.
Princípio 8	A educação Sexual pode discutir valores como respeito, solidariedade, direitos humanos.

Fonte: FURLANI, 2011 apud Mizunuma, 2017, p. 67-70.

Apesar do caminhar para maior iniciativa no sentido da promoção da educação sexual, são recorrentes projetos de lei que visam a proibição do assunto no ambiente escolar, a exemplo do *Programa Escola sem Partido* que defende que aspectos relacionados à educação moral, religiosa e sexual devem ser tratados apenas no âmbito familiar e não devem ser abordados na escola. Quem se opõe a educação sexual no ambiente escolar acredita que a sexualidade é um assunto da família e cabe somente a ela educar a criança sobre o assunto da forma que julgar adequada, pensamento adepto do atual presidente da república Jair Bolsonaro, que a escola exerce influência sobre a sexualidade do jovem afetando assim sua “orientação sexual” ou incentivá-los a ter relações sexuais mais cedo, bem como a erotização infantil através de imagens de genitálias e outras de cunho erótico, como defende a Ministra da Mulher, Damares Alves⁹. Segundo a UNESCO (2014, p.11), a educação em sexualidade pode ser entendida como toda e qualquer experiência de socialização vivida pelo indivíduo ao longo de seu ciclo vital, que lhe permita posicionar-se na esfera social da sexualidade. Sendo assim ela está presente em todos os espaços em que socializamos (familiar, escolar, religioso, em ambiente de trabalho, mídia) porém ocorre de forma dissolvida e desassociada de uma visão social inclusiva que se baseia nos direitos humanos, se tornando de suma importância a atuação do sistema educacional na missão de organizar, reunir, sistematizar e ministrar essa questão da formação humana.

Apesar das grandes transformações sociais e comportamentais no campo da sexualidade e das relações de gênero observadas nas últimas décadas, a maioria das iniciativas escolares de educação em sexualidade, ainda hoje, concentra-se no discurso biologizante e científico do corpo, silenciando sobre questões importantes como o prazer, o desejo e a diversidade sexual. Muitas vezes, essas iniciativas acontecem dentro de um programa ou projeto estruturado em consonância com o plano pedagógico da escola. Outras vezes, ocorrem de forma aleatória, assistemática e pontual, dentro de um calendário de datas comemorativas, em eventos ou campanhas sobre saúde, ou como resposta a alguma situação na escola (namoro, gravidez na adolescência, violência de gênero, entre outras). UNESCO (2014, p.11)

Em países europeus a maioria dos estados estabelecem instruções básicas sobre as pautas do tema que devem ser tratadas nas escolas, mas essa abordagem se diferencia bastante

⁹ Damares diz que “maior preocupação do presidente é contra a erotização infantil”. Revista Fórum, 11 de março de 2019. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/damares-diz-que-maior-preocupacao-do-presidente-e-contra-a-erotizacao-infantil/>>. Acesso em: 28 de abril de 2021.

CARMO, Márcia. Damares defende que escolas discutam abstinência sexual e critica Popeye. BBC News. 31 de Maio de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48479429>>. Acesso em: 28 de abril de 2021.

entre escolas e unidades federativas. Em média, a educação sexual como currículo se dá entre os 11 e 13 anos e geralmente é abordada de forma transversal majoritariamente nas aulas de biologia e eventualmente em outras disciplinas. Na China os programas de educação sexual são quase ausentes, apesar de ter taxas crescentes de doenças sexualmente transmissíveis, as escolas não oferecem instruções sobre a prevenção das DSTs mas as Universidades oferecem testes de HIV devido à alta incidência da doença no país. A Índia também não incentiva esses programas, no entanto possui um currículo desenvolvido em educação sexual considerado o melhor do mundo, porém que quase não é adotado nas escolas indianas. Já na Holanda a sexualidade é entendida como algo natural e saudável, a aplicação de programas de educação sexual é compulsória em todo o país e tratada a partir dos 4 anos de idade com abordagens diferenciadas de acordo com a faixa etária da criança, bem como em países como Bélgica, Nova Zelândia, Inglaterra e Escócia. A educação sexual do país tem foco no respeito pelo corpo e na sexualidade própria, dos outros e inclui lições sobre consento, prazer e doenças sexualmente transmissíveis. Como desdobramento, o país tem uma das mais baixas taxas de gravidez na adolescência do mundo.

Ainda sobre resultados, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) realizou estudos¹⁰ sobre os efeitos da educação sexual em todo o mundo, onde apresentou seus resultados e instruções para programas de educação sexual no guia *International Technical Guidance of Sexuality Education*, no qual derivou materiais como *Orientações Técnicas de Educação em Sexualidade para o cenário Brasileiro: Tópicos e objetivos de aprendizagem* lançado em 2014. Durante a pesquisa se constatou que os programas contribuíram para a iniciação tardia de atividades sexuais, redução da frequência com que aconteciam entre os jovens, redução de relações arriscadas, prevenção do HIV de baixo custo, maior conhecimento sobre a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e o aumento do uso de contraceptivos.

2.1.1.3 O histórico da ilustração editorial, a literatura infantil e os livros ilustrados para a sexualidade

Os primeiros a utilizarem ilustrações em manuscritos foram os egípcios, responsáveis pela criação da primeira publicação ilustrada da história, o chamado Livro dos Mortos.

¹⁰ Foram realizados pela UNESCO cerca de 87 estudos no ano de 2008 e 99 estudos em 2016. MORAES, Isabela. Educação Sexual: o que é e como funciona em outros países? Politize-se!, 14 de março de 2019 Disponível em: < <https://www.politize.com.br/educacao-sexual-o-que-e-e-como-funciona-em-outros-paises/> > Acesso em: 29 de abril de 2021.

Desde a produção do final do império romano até a renovação tecnológica dos livros impressos em 1450 na Europa, chama-se de “Manuscritos Iluminados”. Estes, adornados com brilhantes folhas de ouro, davam a impressão que a página estava iluminada. Os artistas responsáveis por tal feito eram chamados de Iluminadores¹¹, ou ilustradores. Segundo o autor Andrew Haslan (2007) os profissionais responsáveis pela criação de imagens utilizadas em livros (além de ilustradores, fotógrafos e cartógrafos) trabalham como freelancer, sendo contratados para um determinado projeto. Podem receber um valor fixo pelo trabalho desenvolvido, ou então esse valor fixo acrescido de um pagamento percentual de direitos de reprodução, oferecendo um ganho adicional para quem possui os direitos autorais, em casos onde existe uma predominância das imagens. Nos livros em que as imagens são elementos essenciais, esses profissionais acabam trabalhando lado a lado com o autor do texto, o editor e o designer. Em alguns livros ilustrados infantis, por exemplo, o ilustrador fica responsável pela criação do personagem criado pelo autor em sua história. Ou também, o próprio designer pode fazer a criação das ilustrações que foram necessárias.

No Brasil, segundo Rafael Cardoso (2005) no livro “O design brasileiro antes do design”, podemos identificar a produção de impressos ilustrados produzidos em larga escala e distribuído para o público em massa entre 1840-1850 a partir do surgimento da prensa litográfica rotativa. A mecanização desses processos permitiu um nível de padronização não conhecido pela história até esse significativo momento que por consequência aumentou a valorização do trabalho de projeto, principalmente nos livros ilustrados. Segundo Crush Lawrence Zeegen (2009), são as ilustrações que capturam a imaginação, que permanecem com o espectador e que conectam ao presente momentos da nossa história pessoal. Essas ilustrações teriam o papel decisivo na definição de momentos e períodos importantes ao longo do tempo. Esta, datou e registrou momentos do ser humano de forma improvável antes do advento da fotografia.

No Brasil Colônia todos os materiais impressos, a exemplo de livros, jornais e revistas, eram importados da Europa. Mesmo com a chegada da família real trazendo as linotipos, literatura destinada a crianças e jovens, não era sequer considerada como tal e

¹¹ RAPHAEL SCHIMITZ , Eu vejo tudo e não morro , Uma Breve história da ilustração. Disponível em <<http://rtz2.blogspot.com.br/2008/03/uma-breve-historia-da-ilustrao.html>> Acesso em: 17 jan de 2021.

os livros continuam sendo importados com traduções portuguesas ou vindas diretamente da Inglaterra e da França com ilustrações em preto, segundo Rosa Maria Miguel Fontes¹².

Segundo POWERS (2008) a partir de 1915, a Wiszflóg Irmãos Editora, lançou uma coleção iniciada com o clássico *O patinho feio*, de Andersen tendo como primoroso aspecto gráfico as ilustrações em cores da mais alta qualidade de impressão e acabamentos impecáveis. Um dos primeiros livros brasileiros com ilustrações na capa reconhecida é o livro *Vergastas*, de 1889, do autor Lúcio de Mendonça, desenhada pelo escritor Raul Pompeia. Embora houvessem outros, as capas de livros com ilustrações continuaram a ser exceção até o final da Primeira Guerra Mundial. A partir da década de 1920, especialmente nos países de menor tradição tipográfica a exemplo de Brasil e Estados Unidos, que explode a cultura forte de ilustração das capas. Monteiro Lobato seria um pioneiro no rompimento de capas apenas com padrões tipográficos introduzindo o uso das capas ilustradas pela sua editora Monteiro Lobato & Cia, por meio de uma parceria com o pintor José Wash Rodrigues. Fruto de tal parceria, o livro *Urupês*, de 1918, do próprio Monteiro com a capa de Wash Rodrigues seria o marco da ilustração de livros no Brasil, assim como o início da reconfiguração dos projetos de livros de modo geral. Essa foi uma forma de melhorar a inserção mercadológica das suas edições. Tais ilustrações, por conseguinte, faziam parte de um esforço para tornar atraente as novas edições mais baratas em brochura, o qual distanciava-se de livros como objeto de luxo no qual possuía uma boa encadernação, com um papel de boa qualidade artesanal, dos projetos gráficos vistosos, mas com um péssimo acabamento e má qualidade de materiais.

A partir das capas de Fernando Correia Dias, no mesmo período, podemos identificar projetos gráficos simples e bem resolvidos, que trazem em destaque a assinatura do autor, característica essa que está presente no chamado “vocabulário gráfico do século XIX” por Rafael Cardoso no livro *O design Brasileiro antes do Design*. Dentro desde mesmo vocabulário a opção de ostentar o nome do ilustrador na capa, ao mesmo tempo que tem referenciais na prática da gravura, acrescenta valorização a capa, associando-se a artistas de renome, como a exemplo de Dias Correia. Vários foram os caricaturistas que se dedicaram a ilustrações de capas entre 1920 e 1930, a exemplo de Álvaro Cotrim e Anízio Oscar Mota, entretanto esse cenário inclui também artistas

¹² ROSA MARIA MIGUEL FONTES, Conte uma História, *História da ilustração no Brasil*, disponível em: < <http://contaumahistoria.com.br/2014/02/historia-da-ilustracao-no-brasil/> > Acesso em: 10 de março de 2021.

plásticos que são mais lembrados por sua atuação nas belas-artes, como Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. (CARDOSO, 2005, p.181)

A literatura infantil é tão recente quanto a idealização da infância, como conhecemos atualmente. No século XVII, as crianças eram consideradas igualmente capazes e viviam no mesmo meio que os adultos, não havendo a consciência de um mundo dedicado a elas. Socialmente, elas compartilhavam os mesmos ambientes do lar e externos bem como de trabalho não tendo nem vestimentas específicas a idade. Para Zilberman (1985 apud SILVA, 2009, p. 136), essa concepção de faixa etária diferenciada com necessidades próprias só acontece em meados da Idade Moderna partindo do surgimento de uma nova noção de família, centrada no núcleo unicelular, preocupada em manter a privacidade e estimular o afeto entre os membros.

Antes disso, a criança acompanhava a vida social do adulto, consumindo todas as artes voltadas ao público adulto, o que acontecia também com a literatura. É importante destacar as duas realidades existentes no século XVIII, que diferenciavam o tipo de conteúdo consumido por crianças de diferentes posições sociais: a criança da nobreza, sempre orientada por preceptores, era leitora de grandes clássicos, enquanto a criança das classes desprivilegiadas ouvia as histórias de aventuras, cavalarias, lendas e contos folclóricos envolvendo personagens de sua própria classe social. (MEYER, p. 47)

No início do século XVIII a criança se torna um ser diferente do adulto, recebendo uma educação diferenciada e sendo vista como um indivíduo inocente que depende do adulto por não ter experiências com o mundo real. No Brasil, segundo Santos (2015) a inserção de práticas cristãs foi um meio de educar sobre o comportamento moral do homem e criar exemplos da família cristã que zela pela educação e pelo trabalho, onde não cultivar esses valores era um hábito considerado de pessoas inferiores e selvagens, possibilitando assim que a criança chegasse a um patamar de merecer o cuidado e a atenção a ponto de ser resguardado.

Com maiores manifestações de afeto surgidas no desenvolvimento da escolarização, começaram a analisar as necessidades lúdicas da criança, como a importância dos brinquedos e o momento da imaginação, da brincadeira e da criatividade. (SANTOS, 2015)

A literatura infantil nasce justamente com a função de educar moralmente essas crianças, com histórias maniqueístas com o intuito de demarcar claramente o que era bom a ser aprendido e o mal que deveria ser desprezado, inspirando assim diversos contos de fadas, fábulas e textos contemporâneos que continuam com essa característica até hoje. Segundo Cunha (1999, p. 23 apud Silva, 2009, p. 137) no Brasil, a literatura infantil tem início com

obras pedagógicas e, sobretudo adaptações de obras de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias.

A partir do lançamento de *Os contos da Carochina* de Figueiredo Pimentel, pela Livraria Quaresma o Brasil iniciava sua produção em livros para criança em 1894. Com uma prática editorial considerada moderna a obra divulgava clássicos europeus e inovava ao não ser necessariamente vinculada ao contexto escolar. Segundo Marisa Lajolo, o educador Carlos Jansen já se dedicava a adaptar tais contos, sinalizando assim começos anteriores. Apesar de se manter em traduções a adaptações na virada do século, escritores já havia uma preocupação na promoção de uma literatura voltada para questões nacionais e com a finalidade educativa a exemplo de Olavo Bilac, que publicou em 1904 o livro *Poesias Infantis*. É sabido que Monteiro Lobato se dedicou em especial atenção a literatura infantil, distribuindo exemplares em escolas públicas de sua publicação *Narizinho Arrebitado* em 1921, porém nas décadas sucessivas surgiram novos autores a exemplo de Cecília Meireles e Viriato Correia dando início a variedade de títulos originalmente brasileiros. Segundo Regina Zilberman¹³, a literatura infantil dessa época se preocupava em valorizar o folclore e a cultura nacional, se aproximando dos ideais do Modernismo. Com o país deixando de ser rural e cada vez mais defensores da agricultura como economia isso reverberou em diversas histórias que se passavam em sítios e fazendas, especialmente sobre o café. Após a sua queda, a temática rural foi ficando em segundo plano e a partir de 1960 as histórias passam a valorizar elementos políticos, focando na temática urbana, e na sua condição emancipadora trazendo escritores renomados como Vinícius de Moraes, Clarice Lispector e, nas décadas seguintes, Ziraldo e Ana Maria Machado.

Se engana quem pensa que os livros que falavam de sexualidade para o público geral não existiam. Os livros e manuais para a educação sexual no país surgem apenas a partir da Independência do Brasil no século XIX, através do destaque da ciência e do discurso científico sobre o religioso, que anteriormente impunham normas de orientação sexual, mudando assim o foco da medicina para o cuidado com a família estabelecidos com base na ciência.

Assim, a sexualidade passa a ser tratada como caso de higiene e saúde; com isso, iniciamos o segundo momento histórico da educação sexual.

¹³ HISTÓRIA DA literatura infantil no Brasil. Centro de alfabetização, leitura e escrita (Ceale), FAE UFMG. 20 abr. 2016. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/historia-da-literatura-infantil-no-brasil.html>. Acesso em: 2 maio 2021.

Enquanto na Colônia se apresenta como uma educação informal, no Império ela passa a ser relatada em documentos como livros, teses e manuais. (AUGUSTO, 2015, p. 18)

A inserção da educação sexual nas escolas a partir de 1930, através da disseminação dos ideais higienistas e eugenistas pelos meios de comunicação, sendo apoiado por médicos, professores, alguns sacerdotes e a existência de um grande interesse médico por esta questão faz com que a divulgação de livros passasse a existir, gerando demandas de grandes tiragens para as editoras mais conceituadas do país.

Esse é considerado o terceiro momento da educação sexual, partindo da veiculação da educação sexual e da sexualidade por meio de livros cientificamente fundamentados, que tinham como objetivo orientar a prática sexual dos indivíduos. Os autores dos livros publicados nesse contexto eram médicos, educadores e sacerdotes. (AUGUSTO, 2015, p.19)

Segundo Xavier Filha (2014, p. 158) os livros infantis que foram publicados entre os anos de 1930 e 1970 trazem características comuns em relação a adoção de uma linguagem impositiva e normativa a respeito da sexualidade da criança. A partir da década de 1970 ocorre uma mudança temática pela aproximação do texto e das ilustrações com o possível público leitor. Mais recentemente, essa mudança ocorre com a mudança de linguagem para o lúdico, trazendo aspectos estéticos e conteúdos que focam na reflexão e na discussão dos temas ligados a dúvidas e aos problemas reais que as crianças vivenciam.

Tais estratégias captam os/as leitores/as produzindo neles/as a identificação do reconhecimento dos saberes instituídos pelos livros, o que os/as leva à autoanálise e à autocondução diante daqueles saberes-poderes-verdades expressos pelos livros. Tais aspectos constituem importantes elementos dos vários dispositivos pedagógicos utilizados contemporaneamente para educar a infância. O livro é um deles, e dada sua importância cultural, merece destaque nas pesquisas. Um primeiro destaque leva em consideração que ele educa ao mesmo tempo adultos e crianças. O livro é comprado pelas pessoas adultas, que também o escolhem. Escolhido e comprado, transforma-se em um instrumento que educa adultos e crianças, indicando e apresentando as maneiras por eles como adequadas de viver a sexualidade.

Como resultado de suas pesquisas, Constantina Xavier Filha apresenta que a partir da década de 1980 houve um aumento editorial significativo de livros com a temática envolta da sexualidade e gênero para o público infantil, diante panorama dos livros publicados no Brasil ganharem mais espaço que as traduções vindas do exterior, apresentando diversas formas dependendo do referencial moral e teórico do período

histórico em que se situam, trazendo conceitos ora da religião, ora da medicina e ora da moralidade da época. Como pontos em comum entre eles há a heterossexualidade como única e desejável possibilidade da identidade sexual, apenas nos livros da década de 2000 a homossexualidade aparece quando a pauta é a diversidade familiar, e a construção de um corpo feminino ligado a procriação e o corpo reprodutivo sendo o natural e desejável, enfatizando muitas vezes termos biológicos da reprodução, sendo desvinculada do prazer.

Os corpos masculino e feminino são fragmentados, com ênfase no aspecto biológico e em sua constituição física como sinônimos de beleza, isto é, são apresentados como corpos jovens, magros e brancos. [...] Outro aspecto a destacar na análise dos livros é a apresentação de duas perspectivas de infância. Uma assexuada, que necessita aprender para conduzir sua sexualidade, e outra, de uma infância sexuada, que necessita ser educada para não ser um problema no futuro. (XAVIER FILHA, 2014 p. 161)

Dentro dessa perspectiva, esses livros demonstram para as crianças através dos textos e ilustrações o que é considerado normal para a vivência da sexualidade, predominando a linguagem impositiva e normativa que visa dizer aquilo que é o correto na educação dessas crianças, compondo o que Xavier Filha chama de dispositivos pedagógicos para a educação na infância. É importante ressaltar que essas ferramentas entendíveis como artefatos culturais educam e impulsionam o leitor a se questionar, gerir e até controlar-se diante daquilo que se mostra ser a sexualidade normal e desejável.

Alguns livros, publicados mais recentemente, tentam discutir esses enunciados e propõem novas formas de socializar informações, a saber, sair do meramente pedagógico para indicar possibilidades de diálogo, de ludicidade, de criatividade, de imaginação e de reflexão. A criança é vista majoritariamente como sexuada e como alguém que questiona a vida, questiona tudo, inclusive sua sexualidade. Assim, os temas relacionados ao gênero passam a ser pensados e debatidos. Meninas ocupam lugares de destaque e de comando. Os meninos passam a experimentar a possibilidade de serem frágeis e de poderem chorar. As famílias homoafetivas passam a ter visibilidade juntamente com os outros arranjos familiares. No entanto, nesses livros, a homossexualidade ainda é pouco presente. Outros temas, com violência sexual e autoerotismo na infância, também continuam pouco expressivos. (XAVIER FILHA, 2014, p. 161)

Com a análise dos livros infantis para educação sexual, realizada sob pesquisas de 1930 a 2013, Xavier em seu artigo *Gênero, Corpo e Sexualidade na Infância* os identifica como dispositivos pedagógicos em relação a sua linguagem, a sua possibilidade de produzir subjetividades na infância e o que tecem sobre corpo, gênero e sexualidade, abordando as

principais temáticas tratadas além do silenciamento de questões ausentes nos livros, que apresentam as seguintes características e elementos comuns:

Tabela 4 – Características presentes nos livros infantis

Características presentes nos livros infantis	
Característica	Descrição
a) utilizam a prerrogativa da infantilização para explicar a prática sexual e a concepção;	Vê-se o uso de “carinhas” em óvulos e em espermatozoides ou observa-se o emprego de uma linguagem no diminutivo, com o intuito de estabelecer uma aproximação com a “linguagem da infância”
b) há nos discursos uma tendência a explicar a sexualidade com argumentos biológicos, essencialistas e universalistas;	Quase sempre é excluída a relação de sexualidade com o prazer;
c) o corpo, especialmente o feminino, é reduzido à dimensão reprodutora	a constituição do corpo da criança está em linha com sua função reprodutora na idade adulta no âmbito do casamento heterossexual e monogâmico
d) existe uma preocupação em utilizar elementos da natureza para explicar fatos da concepção de crianças, explorando-se amplamente as semelhanças entre animais e humanos;	-
e) o modelo de família mais frequente é o patriarcal e nuclear, composto de membros definidos – pai, mãe e filhos/as;	-
f) alguns temas são praticamente excluídos da maioria dos livros – autoerotismo; homossexualidade, diversidade sexual e violência sexual;	-
g) grande parte dos livros traz informações e conceitos distantes da realidade da criança	Observa-se também que há uma desqualificação da capacidade da criança de produzir conhecimentos e de realizar hipóteses e teorias)
h) o gênero masculino tem obtido uma visibilidade ativa e dominante	nas imagens, observam-se meninos em situação de atividade e as meninas, em condições de execução de trabalhos domésticos e manuais;
i) o essencialismo em relação à identidade de gênero é visto em situações que expressam relação direta entre passividade e submissão por parte do gênero feminino, como nos seguintes exemplos – denominação dos órgãos genitais femininos	geralmente com o uso de palavras no diminutivo
submissão feminina, ao mostrar imagens da relação sexual em que o homem ocupa uma posição superior à da mulher; as imagens que apresentam o momento do parto	as gravuras mais comuns a esse respeito representam mulheres felizes e serenas, o que pode levar a pensar aspectos como os da reprodução aliados à resignação e à idealização da “mulher-mãe”
j) há indicativos de que a procriação feminina seja um dado “natural” desejável e esperado pelas meninas/mulheres	-
k) a heterossexualidade configura-se como a única e desejável possibilidade de constituição de identidade sexual;	-
l) o corpo feminino e o corpo masculino, em muitos livros, são fragmentados, ora com ênfase no aspecto biológico, ora com ênfase na construção de ideais do que seja considerado ser belo – corpos jovens, magros, brancos;	-
m) muitos livros trabalham com duas perspectivas – com a concepção de que a infância seja um período assexuado e com a ideia de que a infância, caso seja sexuada, necessite ser educada para não vir a se tornar um problema no futuro	-

Fonte: Organização da autora. Informações do texto *Gênero, Corpo e Sexualidade na Infância*, Constantina Xavier.

Atualmente, vem se inserindo no mercado editorial novas formas de pensar o livro infantil possivelmente muito pela influência dos meios digitais. O entendimento da criança como sujeito transforma a forma de trata-la dentro do cenário cultural, possibilitando a entrada de novas temáticas a esses livros. É observado que:

[...]observamos a existência de livros, publicados na última década, que apresentam novas narrativas em relação às anteriormente salientadas.

Há novas ideias, formas diferentes de questionar e de provocar a reflexão do público leitor, novas temáticas, além de uma clara intenção de desestabilizar as verdades consideradas e produzidas como “únicas”. Mesmo nesses casos, urge salientar que os livros exercem suas funções como instrumentos de dispositivos pedagógicos na educação na infância. Agora, a infância é pensada com novas possibilidades argumentativas, com seres pensantes, sujeitos produtores de cultura e sujeitos de direitos. (XAVIER FILHA, p. 163)

2.2 IMERSÃO EM PROFUNDIDADE

Esta consiste no entrosamento a fundo no contexto do dia-a-dia dos atores e dos assuntos trabalhados, prevendo a realização de diversas ferramentas como entrevistas, cadernos de sensibilização, sessões generativas, um dia na vida e sombra.

2.2.1 A Escuta ativa

As pessoas tem experiências diferentes quanto a violência e é imprescindível que as escutemos para se inteirar de suas nuances. Numa postagem no Instagram da página *Quebrando o Tabu* sobre prevenção ao abuso sexual nos deparamos com relatos da vivência particular de cada um, explicitando as sombras que ficaram na memória até os dias atuais.

Imagem 5 – Comentários na postagem do *Quebrando o Tabu*

The image shows a grid of Instagram comments. Each comment includes a profile picture, a text comment, and engagement metrics (likes and replies). The comments discuss various experiences of sexual abuse and the impact on victims and their families.

Comment 1: Eu e minha família moramos na Noruega e nossa filha de 4 anos tem aula sobre seu corpo no jardim da infância. Ensinam que ninguém pode tocar ela, perguntam sobre relacionamento em casa e etc. Uma vez ao ano também temos q levar ela num especialista em crianças designada pelo município para que vejam o desenvolvimento motor, fonética e também a questionam diretamente sobre alimentacao, nossas rotinas em casa, e etc. País preocupadíssimo com bem estar e desenvolvimento infantil
1 sem 2.746 curtidas Responder

Comment 2: Exatamente isso eu fui vítima de abuso sexual aos 10 para 11 anos de idade meu pai me levou para o motel para uma garota de programa me abusar tenho traumas até hoje isso prejudicou toda minha infância minha adolescência e por fim minha vida adulta , o mal está em quem menos desconfiamos ! Triste 🙄 lembrar disso
1 sem 277 curtidas Responder

Comment 3: Com 9 anos sofri uma tentativa de estupro na escola graças a Deus chegaram a tempo de acontecer alguma coisa na hora ã entendi .. quando fui entender , isso me entristece traumas até hj pesadelos os mesmos há anos. Ñ sei se isso interfere em várias coisas na minha vida ã consigo me relacionar bem com ninguém sempre da errado.
1 sem 340 curtidas Responder

Comment 4: Eu fui abusada aos 8 e aos 10...a gente nunca esquece. Sempre que posso, como assistente social que sou exerço meu papel de orientar a meninada e a sociedade essa questão, infelizmente ainda tão presente. Minha resistência para ter filhos precisa ser trabalhada, pq eu sei que meu não a maternidade começa em decorrência dessa questão!
1 sem 125 curtidas Responder

Comment 5: Os pais deveriam sempre escutar seus filhos. Na época em que aconteceu comigo, eu contei. No entanto, me foi dito que levaria uma surra se estivesse mentindo, como eu, uma criança ia ter a palavra mais forte que a de um adulto? Então depois denunciei no MP, mas a essa altura já não tinha mais prova física, agora como eu, uma mulher teria a palavra mais forte que a de um "cidadão de bem, cristão e pai de família"? Espero poder sempre ouvir meus filhos futuramente.
1 sem 105 curtidas Responder

Comment 6: Por isso como professora eu reforço, a escola deveria sim trabalhar educação sexual...A mesma família que julga pode ser a família que tem uma vítima dentro de casa. O abuso infantil é um problema de Todos!
1 sem 72 curtidas Responder

Comment 7: Fui abusada pelo meu avô e hoje morro de medo de acontecer algo com a minha filha. Não confio 100% em NINGUÉM
1 sem 50 curtidas Responder

Comment 8: Eu fui vítima de abuso Do meus 3 a 12 anos. Por alguém que era obrigada a respeitar alguém que todos confiavam. Acredite essas dicas são NECESSÁRIAS 🙄🙄
1 sem 46 curtidas Responder

Comment 9: Já fiz uma atividade com os alunos sobre direitos das mulheres. A dinâmica final era para escreverem anonimamente no papel o que já sofreram ou se conheceu alguém que sofreu algo que feriu o direito de ser mulher, e em seguida debatemos sobre isso em sala de aula. As maioria das respostas foram sobre abuso sexual por algum membro familiar mas os pais não acreditaram na filha. Não consegui guardar o material, queimei todos os papéis. Muito forte os relatos.
1 sem 33 curtidas Responder

Comment 10: Falando sério o negócio não é ensinar a criança a se prevenir mas aos pais e adultos acreditar. Criança sem saber ela sabe quando um abraço tem segundas intenções, quando algo está errado.
1 sem 36 curtidas Responder

Comment 11: Ja sofri abuso aos 9 anos e minha mãe não acreditou em mim. Foi o filho do primeiro casamento dela, eu sou adotiva, ela disse q eu menti, fiquei tão traumatizada q tentei me matar, e quando ela soube ela disse: vai em frente, quem vai pro inferno é vc mesmo". Meu Deus 🙄🙄 Como dói 🙄
1 sem 26 curtidas Responder

Comment 12: Morro de medo. Todo banho (que ela já toma sozinha) eu ensino e bato de novo na tecla: filha, esse corpo é só seu, só você deve encostar nele e se alguém quiser encostar você corre e conta pra mãe. Maldito mundo de estupro emancipado que a gente vive.
1 sem 15 curtidas Responder

Comment 13: Minha filha foi molestada pelo padrasto. Eu não percebi. Ela era hostil com ele. Eu achava que ela tinha ciúmes de mim. Nunca os deixei a sós em casa. Mas quando todos dormim, ele saía da nossa cama e ia pro quarto da minha filha. Não tinha chave, porta aberta. Como eu poderia imaginar uma coisa dessas? Por isso não culpeim, não julguem as mães sem saberem o q de fato ocorreu. Somos vítimas tbém.
1 sem 81 curtidas Responder

Comment 14: Nesse verão, uma criança bem conhecida da minha família, repreendeu minha sogra no momento que ela foi pegá-la no colo, sem se atentar a mão da minha sogra passou nas nádegas da criança para trazê-la ao colo e ela imediatamente pediu para sair do colo, disse que só mãe dele pode encostar ali. Minha sogra pediu desculpas e disse que foi sem querer, mas o menino seguiu firme na cara de brabo. Quando a mãe dele se aproximou, contou que ela ensinou assim, bem desse jeito nas plaquinhas. 🙄🙄🙄🙄
1 sem 48 curtidas Responder

Comment 15: Muitas crianças falam, mas quem gosta do abusador despreza os apelos, desesperados dos indefesos, por isso, quem conhece a família, aparentado ou não com ela, não estará errando ao acompanhar a vida da criança ou do adolescente criados dentro daquela residência. A vítima de abusos sexuais sofrem chantagens. E temem não ter para onde ir. Sabendo, contudo, que a vítima terá uma rota de fuga, os abusadores poderão pensar várias vezes antes de fazerem isso.
1 sem 27 curtidas Responder

Comment 16: Ensinar e deixar claro pra criança que Mãe e Pai sabem se defender! Fui vítima e nunca contei porque os abusadores diziam que se eu contasse iam machucar minha mãe.
1 sem 27 curtidas Responder

Comment 17: queria muito ter tido essas dicas quando criança 😊 com certeza me ajudaria a saber que aquilo que o "vovô" fazia era errado... 🙄
1 sem 11 curtidas Responder

Comment 18: Só quem passou por isso sabe quantos traumas isso acarreta ao decorrer da vida, uma dor que nunca somel! Cuidem dos seus filhos.
1 sem 15 curtidas Responder

Fonte: @quebrandoatabu no Instagram

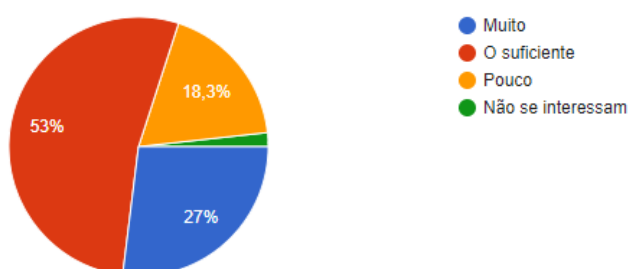
Esse momento da pesquisa se dedicou a escutar ativamente tanto o público em geral, bem como o público-alvo, profissionais diretamente ligados a educação e crianças sobre a questão, como forma de se aproximar das suas necessidades reais.

2.2.1.1 Questionários online

Realizado as leituras iniciais, apliquei uma pesquisa quantitativa através de um formulário online criado no *Google Forms*. A ferramenta tem funções de fácil compartilhamento e possibilita que a pesquisa alcance um número maior de pessoas em relação a uma entrevista presencial, trazendo uma contagem de respostas automatizadas em gráficos, simplificando a visualização e o gerenciamento dos dados coletados. Apesar dessa facilidade de alcance numérica de respostas na forma de compartilhamentos através das redes sociais (como *Instagram* e *Whatsapp* principalmente) a pesquisa ainda acaba circulando dentro de uma parte da sociedade que tende a ter uma linha de pensamento correlato, sendo desvantagem para mostrar o “todo” social. Denotei também que alguns dos gráficos não evidenciam dados de pesquisas realizadas no âmbito nacional e internacional. No entanto, a pergunta aberta (onde era possível escrever por extenso) me ofereceu uma pluralidade de pontos de vista e ajudou muito na compreensão de diferentes formas de pensar. Além do questionário direcionado o público geral, foram realizadas entrevistas presenciais e online, através de chamadas de vídeo e formulário privado a profissionais (pedagogos e assistentes sociais), onde foi possível conversar com os possíveis públicos-alvo. No questionário enviado pelo *Google Forms* se obteve um total de 115 respostas.

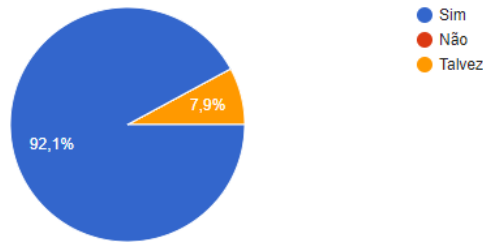
O quanto você sente que as crianças se interessam sobre o assunto? (como eu nasci? como fui parar na barriga da mamãe? Meninas tem pipi?..)

115 respostas



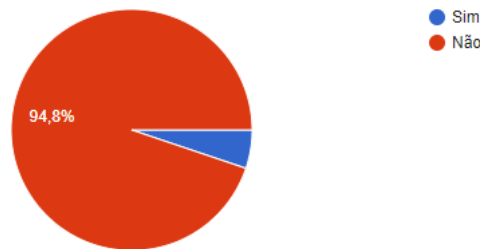
Você acha importante abordar assuntos que permeiam a sexualidade com crianças? (órgãos sexuais, nascimento, áreas erógenas, toques de sim e não - atos e ações que podem ou não ser aceitas pela criança a respeito das áreas do corpo - ..)

114 respostas



Você encontra materiais com facilidade sobre sexualidade para crianças que apresentem diversidade e representatividade?

97 respostas



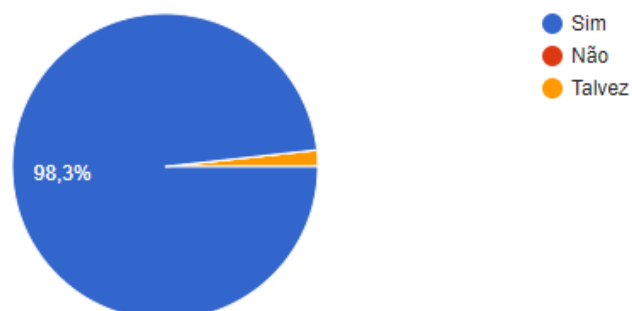
"[...] Acho que temos uma carência de materiais sobre esse assunto, e que deveríamos ter mais produção e acesso a essa temática. [...]"

Fala deixada na pergunta aberta

Três dados particularmente relevantes para validar a necessidade do tema foram as perguntas *"O quanto você sente que as crianças se interessam sobre o assunto?"*, *"Você acha importante abordar assuntos que permeiam a sexualidade com crianças?"*, *"Você encontra materiais com facilidade sobre sexualidade para crianças que apresentem diversidade e representatividade?"* demonstrando o interesse de ambos os públicos-alvo no assunto.

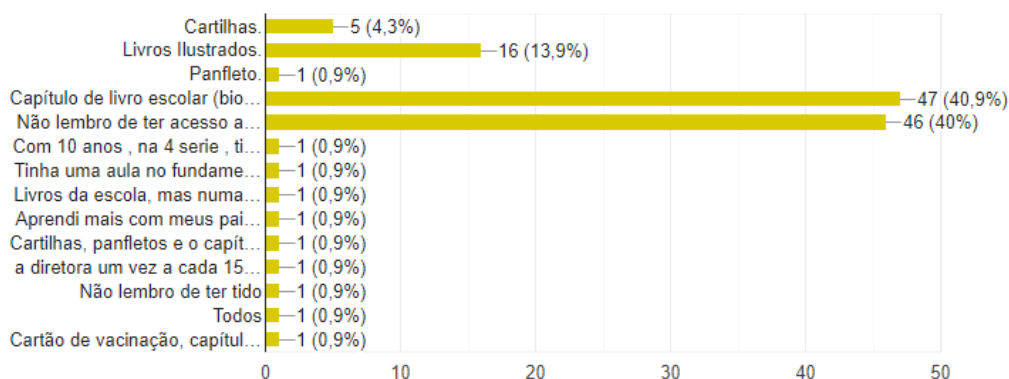
Você acredita que possível orientar a criança sobre o que seria um abuso sexual?

115 respostas



Quando criança, que tipo de materiais educativos sobre sexualidade você já teve acesso (na escola ou fora dela)?

115 respostas



“Eu tive uma excelente educação sexual na primeira infância, com meus pais e com o suporte de dois livros ilustrados infantis: “De Onde Viemos?” e outro, mesma coleção, que não me lembro o nome mas detalhava a gestação. Além desses infantis, eu tinha acesso irrestrito à estante de livros de meus pais e em particular ao Dicionário Médico da Família, onde via as ilustrações médicas e lia e/ou perguntava aos meus pais. Em particular os livros infantis mencionados me preveniram quanto a duas tentativas de estupro, aos 5 e aos 7 anos. Ambas as tentativas foram encabeçadas por adolescentes de 13/14 anos e os mesmos levaram outros colegas de idades próximas à minha. O intuito era q os + novos perdessem a virgindade (!). Entendi o q havia por trás da conversa fiada e corri do aniversário de meu coleguinha (1ª situação, com o irmão mais velho dele) e da casa de minha amiguinha (2ª situação, com o irmão mais velho dela e outros meninos). [...]”

Fala deixada na pergunta aberta

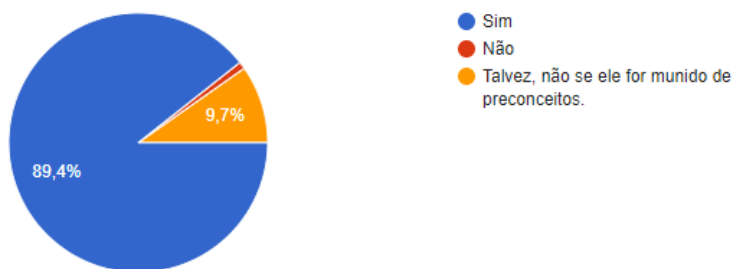
Quanto a possibilidade da informação da criança sobre o abuso sexual os dados mostram a afirmação positiva, mas em contra partida a maior parte de respostas sobre o acesso aos materiais utilizados para o ensino da sexualidade se concentram através do capítulo de livro escolar da disciplina de biologia e ao não lembrar de ter tido contato com nenhum material durante a infância.

[...] A educação sexual é importante porém a dificuldade está em como apresentar o tema. Como estabelecer esse limite do que deve ser dito em cada fase da infância. Saber dessas informações dependendo de como apresentadas não pode gerar um despertar para a sexualidade de forma precoce? Como crianças de 9 anos dizendo que querem transar, por exemplo? A hipersexualização que as crianças já sofrem também é outro fator aí pra perda dessa inocência e amadurecimento sexual precoce. Fica o questionamento. Nesse ponto, a abordagem em termos biológicos e mais técnicos ao meu ver parece ser o caminho menos tendencioso. Pois foca nos processos físicos e não em ideologias que podem ser inclusive preconceituosas. É de fato um assunto bem delicado, de muita responsabilidade. Parabenizo pela coragem de falar sobre o assunto.[...]

Fala deixada na pergunta aberta

Você acha que o ensino da educação sexual para crianças pode ser um meio de proteção contra violência sexual infantil?

113 respostas



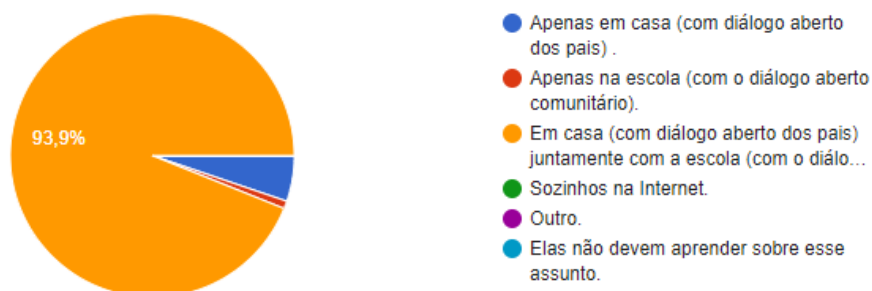
“Acredito que é importante tratar o assunto de acordo com a idade, assim como usar materiais adequados a cada faixa etária.”

Fala deixada na pergunta aberta

Saber que 93,9% dos questionados acredita no ensino compartilhado (entre a família e a escola) da educação sexual através do diálogo aberto e que 87% vê importância nas mudanças atuais de padrões sobre a questão de gênero revela como se encontra a real abertura contrapondo-se a questão que trata do desconforto dos pais para a temática.

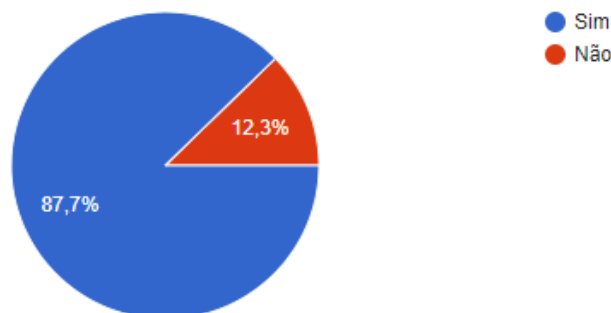
Onde você acha que as crianças devem aprender sobre educação sexual?

115 respostas



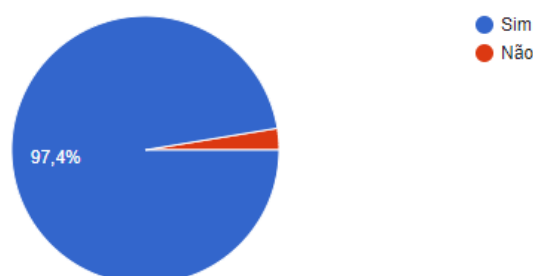
Você acha importante a mudança de padrão a cerca da questão de gênero? (azul para meninos, rosa para menina etc)

114 respostas



Como professor(a), você sente que existe desconforto por parte do pais em relação a esse tema?

77 respostas



“Acho importante abordar questões LGBT nesse material, pois a vivência de pessoas LGBT+ nesse sentido pode ser diferente.”

Fala deixada na pergunta aberta

O questionamento sobre o valor que cada pessoa estaria disposta a pagar por um livro infantil me traz a perspectiva a respeito de um valor final adequado para o livro, o que, por muitas vezes, depende de custos finais para a sua produção.

Que valor médio você pagaria por um livro infantil que achasse interessante?

111 respostas



“O valor deve ser de acesso a todos ou gratuito de preferência, e usar preferencialmente os métodos virtuais e digitais...”

Fala deixada na pergunta aberta

2.2.1.2 Conversação através da leitura

Neste momento, para introduzir a temática com as crianças e observar suas reações, foram utilizados livros de acordo com a faixa etária apropriada. Com o intuito de proteger a identidade seus nomes e de parentes citados, não serão identificados durante o texto.

Conversa 1: Criança, 5 anos, Salvador

Como forma de conversar sobre a temática com a criança entrevistada foram utilizados os livros *Pipo e Fifi – Prevenção de Violência Sexual na Infância (2014)* de Caroline Acari e o vídeo da história contada do livro *Segredo Segredíssimo (2012 – 1ª ed)*, de

Odívia Barros, no canal do Youtube Historinhas da Pitty. Sobre a criança entrevistada: tem 5 anos de idade, ainda não sabe ler textos (mas tem o interesse na leitura imagética dos livros) e é muito comunicativa.

Durante a leitura do livro, a criança demonstrou muita curiosidade sobre a história, pedindo inclusive para seguir com o texto através de um “*vai, conta mais!*”, e também sobre os personagens narradores “*quem é Pipo e Fifi? Pipo é esse e essa é Fifi? Eu acho que essa é a Fifi e esse é o Pipo*” fazendo sua própria leitura das ilustrações que estavam a sua frente. Quando a autora se inclui na história através da recomendação do livro “*Fifi, pipo e Carol recomendam que esse livro seja lido na companhia de um adulto bem legal e responsável*” a criança conseguiu estabelecer conexão com sua vida pessoal e lembrar de parentes próximos que tinham o mesmo nome. O fato da história trazer personagens em suas roupas íntimas a surpreendeu muito, “*por quê ai tudo é de calcinha e cueca?*”, dando destaque para as diferenças características de cada personagem “*mais Fifi usa sandália e o Pipo meia..*” e causando um riso ao falar da roupa íntima do sexo biológico oposto. Nas páginas 8 e 9 (que mostram os personagens em suas formas naturais no banho e/ou trocando de roupa) houve o estranhamento em ver as ilustrações com corpos desnudos.

Criança: ec.. não da nem pra ver..

Leitora: porquê que não dá pra ver?

Criança: é, todo mundo tem isso.

Leitora: todo mundo tem isso?

Criança: tem! Oh, oh, oh! (mostra com os dedos a igualdade entre os personagens)

As páginas seguintes (10 e 11) abriram espaço para a oportunidade de discussão mais detalhadas sobre as partes íntimas onde a criança compartilhou os nomes já conhecidos e rotineiros dela:

Leitora: essas partes que cobrimos com a roupa de baixo..

Criança: eu sei que parte é essa!

Leitora: podemos chamar..

Criança: é o bumbum, que todo mundo tem!

Leitora: hmm..

Criança: e essa aqui é a..

**Silêncio* (pensando se deveria dizer)*

Criança: xereco¹⁴ ou pepeca?

Em relação aos órgãos sexuais opostos ao seu a criança se mostrou bem mais tímida em pronunciar os nomes, chegando a confundir a nomenclatura e/ou esperando

¹⁴ Os trechos aqui foram transcritos de maneira exata, como falados na conversação.

uma resposta minha. Quanto as páginas onde citam-se toques de sim ou de não já era sabido por ela que devíamos dar a mão para atravessar a rua, deixar o médico examinar (mesmo ela me contando que não gostava de médicos), porém os toques do abuso ainda lhe causaram dúvida com exceção do toque as partes íntimas, que já estava bem informada.

Tanto na leitura de *Pipo e Fifi* quanto na escuta da história de *Segredo Segredíssimo* a criança se mostrou interessada e atenta ao conteúdo que ela estava tendo acesso. O primeiro possibilitou muito mais interações entre a criança e o interlocutor da leitura, lembrando-se de fatos da sua rotina. Já o segundo teve grandes possibilidade de relações entre a história e essa rotina, prendendo a atenção da criança por um período maior no sentido de que dentro de uma dinâmica de sala, com várias crianças, possivelmente seja mais fácil de conduzir o grupo.

Conversa 2 – Adolescente¹⁵, 14 anos, Camaçari

Como forma de introduzir a temática com a criança entrevistada foi utilizado o livro *Tuca e Juba - Prevenção de Violência Sexual para Adolescentes* da autora Julieta Jacob. Sobre a entrevistada: tem 14 anos de idade, não tem o costume de ler livros e geralmente não se interessa pela leitura, tem acesso à internet e contato com redes sociais.

Pela criança já ser letrada, no primeiro momento teve um tempo para que tivesse contato com o livro. Após isso, comecei perguntando suas impressões sobre o que leu.

Eu achei muito bom porque o livro... passa uma informação importante, principalmente pra "adolescentes" que estão entrando na pré-adolescência e é isso sabe.. tipo.. a pessoa entender que o corpo dela não é uma vergonha e que ta tudo bem ser diferente das outras pessoas.

Em relação a conversar com a família sobre essa questão e até de tirar dúvidas, me contou que nunca teve essa conversa com ninguém demonstrando que não há um diálogo tão aberto sobre isso no ambiente em que vive. Quando perguntada sobre se já fez algo que não queria pra ser aceito no ambiente que estava, estabelecendo assim uma ponte entre as questões sobre consentimento que o livro traz e a sua realidade, me disse:

As meninas.. me.. forçavam, diziam que todas as meninas tinham que namorar pra.. porque pra elas isso era uma coisa legal e não algo que envolvesse o amor

¹⁵ LEI N° 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990 Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 21 de ago. de 2021

de verdade. E aí elas diziam que se eu namorasse eu podia ficar andando com elas. Aí eu.. namorei com alguns meninos, só que tipo, não fazia nada assim, não beijava, não tocava neles, num hum.. namoro de criança é um negócio estranho, “a gente” só dizia que tava namorando.

Os responsáveis não ficaram sabendo. Segundo a criança ela achou que aquilo era normal e que talvez não se importassem sobre. É notável aqui a reprodução de comportamentos sociais pré-estabelecidos por parte das crianças, onde é esperado que se largue os brinquedos e queira um namorado, solicitando assim ações consideradas mais adultas, já que não se está mais nas fases primárias da infância.

A respeito de telefones de contato para denúncias sobre as violências citadas no livro ela me falou que não sabe nenhum para telefonar, mas que provavelmente contaria a um adulto que “fosse próximo a ela” para que o mesmo fizesse a denúncia. Isso nos mostra a importância de estabelecer, estreitar e firmar a relação de confiança entre adultos e crianças para assim viabilizar possíveis denúncias a casos assim.

[...] Eu acho que seria muito bom para as meninas que assistem muita coisa no Youtube, que tem redes sociais a enxergar que... o corpo dela pode ser diferente dos outros que ela tá vendo mais não é por isso que ela deve se achar feia.. ou ele deve se achar feio. Então eu acho que esse assunto deveria sim ser aborda.. abordado em escola. É um livro que se tivesse na prateleira da minha escola eu com certeza pegaria para ler.

2.2.1.3 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas através da internet pelo *Google Forms* e *Google Meet* como forma de manter as medidas restritivas necessárias e driblar os empecilhos ocasionados pela pandemia, a exemplo do isolamento social e em respeito ao recente tempo de trabalho extenso em videoaulas dos profissionais envolvidos durante o período. Participaram da entrevista 7 profissionais da educação, 1 graduando da área de história com experiência em sala, e 1 assistente social, totalizando 9 pessoas. A entrevista em vídeo foi semiestruturada, possibilitando o compartilhamento de experiências do entrevistado. As outras foram realizadas através de um formulário com questões abertas que possibilitava o entrevistado discorrer a temática perguntada.

Respondidas pelo Google Forms

Acredito que o tema ainda é vista como um tabu. É preciso discutir e problematizar o tema. Na maioria das intuições que trabalhei os professores/ instituição não vai em busca desse conhecimento. Não se colocam no lugar de ir aprender, dialogar, debater. Preferem não opinar e quando opinam seguem a linha do senso comum ou religiosa. O que dificulta o dialogo e só reproduz a ideia de que a sexualidade deve ficar fora das escolas. Uma triste tragédia e ilusão.

Rebeca Olímpia, 35 anos, trabalha em instituição privada

Educação sexual é de "NÓS" do nosso corpo. Como isso pode ficar de fora da escola? A escola não é preparar para vida. Ela é a própria vida. Dewey. (Cit. do depoente) O debate é urgente. Conhecer e entender nosso corpo para respeitá-lo.

Rebeca Olímpia, 35 anos, trabalha em instituição privada

A mesma acontece com as demandas culturais nas famílias ou a falta delas. Quem coloca o batom na menina de 5 anos? Quem ensina ao menino de 5 anos que ele vai ser "pegador"? Com certeza não é na escola.

Luciana, 42 anos, coordenação geral pedagógica no município de Conceição da Feira

Não acredito que se a educação sexual for trabalhada, nas escolas, de maneira coerente estimule a hipersexualização. Porém cabe aos educadores, com apoio das famílias e gestores municipais, estaduais e federais, proporcionarem discussões coerentes e necessárias à cada faixa etária.

Djane, 31 anos, trabalha em instituição privada

Penso que crianças e adolescentes se interessam de formas diferentes. Crianças estão muito voltadas para si mesmas, para descobrir mais sobre seu próprio corpo, tanto quanto qualquer outra parte do corpo; e com isso também a diferença entre os corpos. Já os adolescentes estão mais voltados para descobrir os limites que permeiam os corpos, a relação entre eles e as sensações envolvidas no contato entre os corpos.

Ane Karoline Cavalcante, 32 anos, trabalha em instituição pública para 900 adolescentes.

Quando a professora de ciências estava trabalhando sobre reprodução em sala de aula, uma criança de 10 anos perguntou "se o homem ejacular na boca da mulher, ela engravida"? Outra vez, crianças aproveitaram o intervalo pra assistirem filme pornô no tablet. Imagino que elas tem curiosidade sobre o tema, então buscam informações acessíveis.

Jamile Menezes, 31 anos, trabalha em instituição privada como arte-educadora

Observo meus educandos e percebo que já se preocupam excessivamente com o corpo. Meninos e meninas com medo de engordar e ser chamado de gordo (a) pelo grupo. Um padrão perverso que coloca todos em uma mesma caixa. Quem não se adequa, tá fora! E a velha e reducionista discussão de menina rosa e menino azul. Um empobrecimento mental da população. As famílias e a escola reproduzem isso.

Rebeca Olímpia, 35 anos, trabalha em instituição privada

Respeitar todas as raças, aprender a respeitar a sexualidade do outro, já que não vai interferir em nada a sua vida... apenas pontos positivos. Me vejo como futuro da nação, professores mais novos possuem um acesso e mente mais aberta para essas questões. Enquanto houver professores com mentes pequenas, irão interferir negativamente na formação desses sujeitos. Como formadores de sujeitos, devemos ser neutros e sempre ter uma inclinação para as questões respeitadas e de diversidades. Não cabe a nós decidir o que é certo ou errado, muito menos interferir na formação desses sujeitos.

João Paulo, 23 anos, trabalha em instituições privadas como professor de inglês.

A violência sexual é uma agressão não somente a vítima mas sim ao contexto familiar. Logo se faz necessário um amparo para que os familiares seja orientado de como será trabalho esse psicológico e suas consequências do ato. Na rede de proteção mas precisamente ao CREAS centro de referência especializado a assistência social é o órgão aonde será trabalho juntamente com o Conselho Tutelar para que desta forma seja tomada todas as medidas necessárias. Tanto conselho tutelar como o Creas irá conduzir como rede de apoio, direcionado aos familiares o conforto e atendimento a vítimas e até mesmo médicas jurídicas quanto ao processo judicial quando for o caso.

Fernanda Mota, 37 anos, serviço social, atualmente dedica-se ao lar e ao filho de 5 anos

Vale lembrar que a vítima é a criança, logo se o ato foi dentro de uma fundação, subentende que é de responsabilidade da instituição todos os cuidados e responsabilidade. Quanto ao agressor será analisado perante ao judicial alguns requisitos para que seja penalizado perante ao ato. Quem foi o agressor? Qual idade? Fatores como esses também são levados em questão. Porque já existiu essa fatalidade entre os próprios que convivem em grupo na fundação. Ou então se foi um ato cometido por um tutor. Então esses fatores serão destinados como cada caso. E quem analisa é o juiz da vara da infância e juventude. Para que desta forma seja tomada as medidas cabíveis mas volto a afirmar a vítima foi uma criança. Logo os cuidados tem que ser redobrados.

Fernanda Mota, 37 anos, serviço social, atualmente dedica-se ao lar e ao filho de 5 anos

Para ver mais respostas, visite os *anexos*.

Respondidas por vídeo chamada

Vi muita importância em convidar um graduando que já tivesse experiência em sala para saber a sua visão sobre o assunto e entender mais profundamente sobre como o tema está incluso em sua formação. Willian tem 26 anos, graduando em história e já teve experiências em sala tanto em instituições públicas e privadas com alunos do ensino fundamental I e médio. Perguntado sobre se havia tido ou se ainda teria alguma disciplina voltada para lidar com a educação sexual em sala me falou que não tratou do tema em nenhuma matéria e que acreditava que não teria nenhuma específica nas próximas que viriam, apesar de achar necessária essa abordagem preparatória não só para sua formação, mas para seus educandos. Segundo ele, o país se coloca como conservador quando poderia passar conhecimento, evitando a gravidez na adolescência e até o abuso. Sobre o interesse dos alunos, me contou que desde o primeiro emprego sentiu que os alunos se interessam muito, principalmente os do 6º e 7º ano, chegando a ser mais abertos quanto a

suas próprias experiências com a sexualidade, tão abertos que faz parecer dentro da “normalidade” crianças de 10 a 12 anos falando de múltiplas vivências nesse sentido.

[...] A gente estava esperando para entrar na sala (eu e o meu colega professor) e aí uma “colega” né, devia ter 11, 12 anos, estava relatando né, que ela acreditava que ela fazia mais sexo do que a própria mãe. [...] ela parecia ser até uma menina bem quieta né, mas acredito que a própria mãe ou os pais não conhecem. Talvez até porque fica o dia todo fora de casa né, então não sabe a procedência, aonde o filho.. o que a filha está fazendo. Isso não se reflete somente nas meninas, meninos também tem muito disso. É complicado, chega a assustar, você fica sem entender. isso numa realidade de escola particular né, eu não sei como anda na pública porque estou agora com ensino médio.. o ensino médio é bem mais maduro. [...]

Willian, 26 anos, graduando em história, estagiário da rede pública e privada no ensino fundamental e médio

É possível perceber que experiências e vivências existem, porém o diálogo é silenciado por preceitos sociais. Dentro do âmbito escolar os alunos conseguiriam adquirir informações mais adequadas quanto a sexualidade, visto que a busca por dados acontece por vias que estão a mão, como pela internet ou pelos próprios amigos. Se faz necessário então também preparar esses profissionais para isso, mesmo porque durante o fazer da profissão se deparam iminentemente com diversas situações que perpassam a temática.

2.3 ANÁLISE E SÍNTESE

Ao fim da etapa de Imersão é realizada uma etapa chamada pelo livro *Design Thinking* (Silva et al, 2012) de Análise e Síntese. Ela consiste na organização das informações coletadas e insights de forma que estimule a criação de desafios que ajudem na compreensão do problema como um todo.

2.3.1 Análise de similares

2.3.1.1 *Segredo Segredíssimo – Odívia Barros*

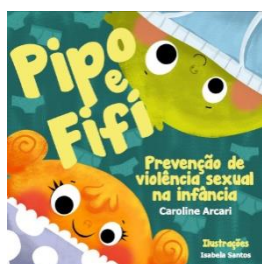


Idade de leitura: 5 anos e acima
Data de Publicação: 19 de jul. de 2019/ 2012 (1ª ed)
Número de Páginas: 32 páginas
Editora: Geração Editorial
Preço médio: R\$ 31 a R\$ 44
ISBN-13: 978-8561501587

A história do livro fala sobre Alice, uma menina esperta e comunicativa que escuta um segredo de sua uma amiga chamada Adriana e lhe incentiva a conta-lo a sua mãe. Sendo o segredo a vontade expressa do “tio” em fazer “brincadeira de adulto” com ela, a sua mãe lhe conforta e coloca o tio para fora de casa. Um dos aspectos interessantes do livro é ter uma personagem negra como protagonista, sendo o ponto de inteligência e confiança de sua amiga. Além disso, o

incentivo a figura do adulto de confiança é destaque dentro da narrativa exemplificando o comportamento esperado tanto desse adulto, em acolher e proteger a criança, quando da vítima, que confia e confia a pessoa certa. Uma lacuna na trama seria a partida do agressor sem uma responsabilização dos atos, podendo essa ser uma deixa para divulgar canais por onde possa ser feita a denúncia. Sobre o projeto gráfico, o livro possui diversas páginas duplas que causam a sensação de movimento ao leitor pela troca de planos dos personagens dentro da ilustração, criando uma dinâmica de leitura. A tipografia escolhida dialoga com a estética das ilustrações, permanecendo em sua maioria na parte superior da página.

2.3.1.2 *Pipo e Fifi: Prevenção de Violência Sexual – Caroline Arcari*



Idade de leitura: a partir de 3 anos
Data de publicação: 1 de janeiro de 2018/ 2014 (1ª ed.)
Editora: Editora Caqui
Número de Páginas: 32 páginas
Dimensões: 20.8 x 20.8 x 0.4 cm
Preço médio: R\$ 35 a R\$ 47
ISBN-10: 8592468205 / ISBN-13: 978-8592468200

No livro conhecemos os monstros(as) Pipo e Fifi que vem numa missão de informar ao leitor sobre o corpo, suas partes íntimas e os chamados “toques de sim” ou “toques do não”. A ilustração tem destaque no projeto gráfico, deixando o texto em segundo plano (acredito que pela idade de adequação do livro que ainda realiza leituras mais imagéticas do que textuais). Os cenários ilustrados ora relacionam-se ao contexto diário (página que ilustra menina e adulto atravessando a rua), ora ilustram a criatividade da imaginação infantil (página onde há balões de cuecas), conseguindo chamar o leitor a esse lugar de reflexão, somando-se ao texto que possibilita a troca de conversas com a criança. Ao fim do livro, a autora deixa informações importantes para os adultos acerca da necessidade de informação sobre a violência sexual infantil e coloca o livro como ferramenta de proteção para este fim. O projeto criado por Arcari se estende com os livros *Pipo e Fifi para bebês*, *Livro de atividades Pipo e Fifi* e outros disponíveis para download no site¹⁶. Há ainda o áudio-book disponível, possibilitando abranger de maior forma o público alvo. No livro para bebês há uma didática ainda mais interativa, com espaços selecionados para colar papéis, algodão e outros materiais.



¹⁶ Publicações gratuitas do site Pipo e Fifi. Disponível em: <<https://www.pipoefifi.org.br/publicacoes-gratuitas>>. Último acesso em: 26 de abril de 2021.

2.3.1.3 *Tuca e Juba: Prevenção de Violência Sexual para Adolescentes – Julieta Jacob*



ISBN: 978-65-991223-3-0
2ª Edição
Páginas: 48
Dimensões: 21x15 cm
Preço: R\$ 37,80 (Disponível na plataforma Issuu)
Editora: Caqui Editora

Produzido para o público que está saindo da infância e entrando na adolescência, o livro traz uma abordagem interativa quanto a forma de lidar com o leitor, permitindo que o mesmo marque alternativas, desenhe, escreva e com os personagens interagindo com o mundo real através das falas. As ilustrações possuem padrões estéticos corporais diversificados, mostrando corpos “felizes” em sua forma natural de ser. A mensagem é clara: seu corpo é seu, caso alguém o toque sem a sua vontade está classificado como um dos tipos de violência apresentadas mais na frente. A especificação de cada violência também é descrita, passando informações necessárias sobre a temática, onde acrescentaria somente contatos relevantes para denúncias de tais práticas. A tipografia é manual e lúdica, o que incentiva o leitor a estar centrado no texto e, quando intercalada de páginas mais ilustrativas, permite o descanso do leitor evitando uma possível fadiga. O livro completo está disponível para leitura na plataforma Issuu, permitindo o livre acesso a todos e o projeto também possui perfil em outras redes, a exemplo do Facebook (@tucaejoba), onde disponibiliza sua versão em áudio-book¹⁷.

2.3.1.4 *Kiko e a Mão – Grey Amsterdam, Council of Europe (Conselho da Europa)*



Ano de publicação: 2013
Instituição promotora: Conselho da Europa
Autor: Grey Amsterdam

O e-book *Kiko e a Mão* foi criado pelo Conselho Europeu durante a campanha *Uma em cinco* e traduzido para o português de Portugal através de órgãos estatais do país por intermédio da psicóloga Ana Cristina Santos¹⁸, que visou a necessidade de tratar da temática. No livro, Kiko interage com essa mão e descobre diversas possibilidades do que ela pode fazer, chegando ao ponto de partes onde não é adequado que a mão toque. A história relaciona a rotina infantil através do texto, citando algumas situações diárias em que as mãos podem produzir afeto,

¹⁷ Áudio-book ilustrado TUCA E JUBA. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tucaejoba/videos/205605270863769/>>. Último acesso em: 26 de abril de 2021.

¹⁸ Kiko e a mão - Psicóloga Ana Cristina Santos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KGnQ-tYRVe0>>. Último acesso em: 26 de abril de 2021.

como através da preparação de um bolo ou do momento que tocamos um instrumento. As ilustrações trazem o imaginário infantil através de cores luminosas e aspectos lúdicas, até por este não possuir um cenário desenvolvido, sendo a ambientação da história localizada no não-lugar, mas ainda sim dependente do texto. É interessante notar que o projeto extrapola a mídia textual e se reverbera no audiovisual através de um vídeo¹⁹ de 31 segundos utilizando-se da linguagem do cinema mudo, possibilitando assim incluir e atingir públicos de diversas plataformas. Durante a pesquisa, os sites indicados pelo e-book não se mostravam ativos, mas é possível fazer o download do mesmo através do site do Serviço de Saúde Português.

2.3.1.5 De onde vem os bebês? – Andrew C. Andry e Steven Schepp



Data de publicação: 1 de julho de 1969
Número de páginas: 88 páginas
Edição: 41ª Edição
ISBN-10: 9788503005012 / ISBN-13: 978-8503005012
Editora: José Olympio
Preço: R\$ 49 a R\$ 79
Dimensões: 20.6 x 20.6 x 0.8 cm

O livro faz uma abordagem científica em relação ao nascimento, trazendo aspectos universais sobre a fecundação, seja elas na flora, fauna e humana. O texto não tem um contexto da rotina diária que aproxime o leitor, mas sim explicações científicas sobre o nascimento. Não há menções a prevenção ao abuso, mas sim a intenção de compartilhar informações acerca da reprodução biológica. Há um narrador que descreve as cenas mostradas nas ilustrações de forma detalhada sem fazer questão de utilizar-se de palavras comumente infantis para explicar os pontos a serem tratados. As ilustrações chamam a atenção pela forma como foram produzidas: utilizando fotografia das formas, com sobreposições de papéis e texturas de tecido.

2.3.1.6 Gogo de onde vem os bebês? – Caroline Arcari



Data de publicação: 1 de janeiro de 2018
Número de páginas: 36 páginas
ISBN-10: 8592468213 / ISBN-13: 978-8592468217
Editora: Editora Caqui
Preço: R\$ 42,90 (Disponível na plataforma Issuu)
Dimensões: 29.8 x 29.6 x 0.8 cm

No livro, a autora faz uma releitura de uma história que geralmente os adultos contam para saciar as perguntas das crianças sobre o nascimento, acrescentando aspectos reais

¹⁹ Kiko e a mão. Council of Europe. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=4bhHBhn2OXs>>. Último acesso em: 26 de abril de 2021.

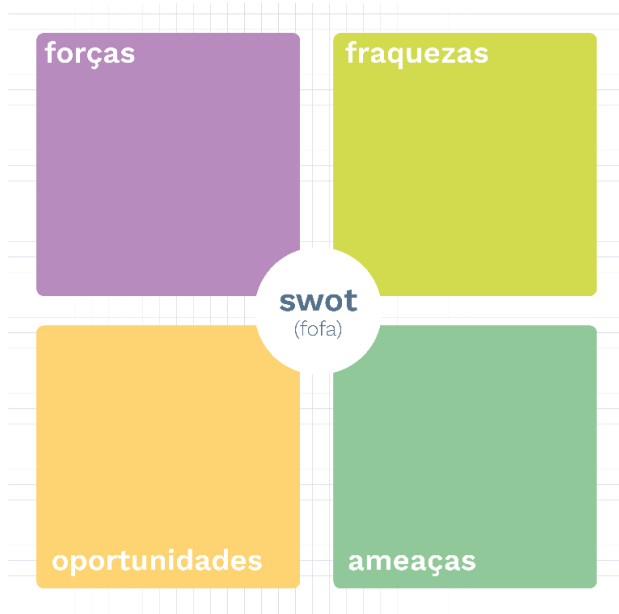
biológicos e sentimentais sobre esse momento. Gogô é uma cegonha disposta a contar a verdade sobre o nascimento dos bebês e ela atua como narrador personagem do livro. Já nas primeiras páginas vemos bebês representativos, que fizeram história no mundo podendo citar Frida Khalo, Paulo Freire, Martin, Malala, etc. Os bebês e corpos presentes no livro tem tons de pele variados, demonstrando também a nudez de diferentes corpos, sejam eles ditos normais ou dotados de deficiência possibilitando a identificação, o reconhecimento das crianças e a aceitação das diferenças. O entendimento que esse corpo se transforma é claro, destacando a importância do consentimento e da privacidade com o desenvolvimento deste, mesmo quando falado sobre a decisão do casal de ter um bebê. A versão primária da história é justificada pela vergonha dos adultos, dando lugar a verdades científicas quanto ao corpo humano sobre a produção de óvulos pelas mulheres e os espermatozoides pelos homens. O texto permite a interatividade do leitor através da sinalização de dobras de páginas que devem ser feitas durante a história e da criação de um desenho no próprio livro nas páginas finais para repassar toda a aprendizagem. A prevenção a violência acontece de forma clara, explicando o motivo de crianças e adultos não poderem realizar esse “tipo de carinho”. Além do livro mostrar as fases da gestação, ele também mostra as formas de nascimento e como acontecem. O diferencial aqui é incluir a inseminação artificial e a adoção como formas em que esse bebê também pode vir. Ao fim da história, a releitura quebra o imaginário de que a cegonha traz os bebês para outras pessoas em sua trouxa, colocando Dona Gogô como transportadora do seu próprio bebê. Podemos relaciona-lo a utilização do Wrap Sling, amarração que pais fazem com tecido em volta do tronco para manter seus bebês próximo e ainda sim conseguir deixar as mãos livres. Nas páginas finais o livro possui informações básicas ao pais sobre questões que geralmente são feitas acerca do quanto a educação sexual na idade certa pode permitir a proteção da criança além de avisos sobre as leis que o livro atende. Quanto ao projeto gráfico, a tipografia escolhida ressalta o aspecto lúdico do livro, que possui ilustrações bem coloridas, delicadas e explicativas quando a temática que trata. A predominância da cor azul bebê reforça a linha cronológica da história.

2.3.2 Análise SWOT (FFOA ou FOFA)

A análise das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças (FFOA) é uma ferramenta inventada na década de 1960 por Albert Humphrey que permite que tenhamos a visualização geral de uma situação a respeito de um determinado tema e é comumente utilizada pelo ramo empresarial para analisar concorrentes. No caso do projeto em questão

esta análise foi utilizada para entender e sintetizar as características dos produtos similares presentes e disponíveis no mercado editorial.

Imagem 6 – Diagrama Swot (FFOA/FOFA)



Fonte: Elaboração da autora

O primeiro campo denominado Forças aborda as qualidades diferenciais adquiridas pelas empresas e produtos analisados. Por sua vez, o quadro de fraquezas retrata os pontos fracos atrelados ao que se analisa, no qual proporciona desvantagens ao objeto de análise. Já o quadro de oportunidades coloca as possibilidades que este tem de prosperar e de exploração a novos seguimentos dentro do seu campo de atuação. Por fim, as ameaças, sinalizam obstáculos que podem surgir, prevendo assim antecipadamente e possibilitando seu enfrentamento.

Dentro deste projeto foram analisados os seis similares que tive contato durante a fase de imersão.

Imagem 7 – Análise dos livros similares

Análise Swot: Gogô, de onde vem os bebês?

<p>Forças:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▷ tipografia lúdica e “viva”; ▷ o texto trata o assunto como uma conversa com que lê, promovendo a interação; ▷ representa diversidade de tons de pele, de corpos e de gênero; ▷ o projeto gráfico permite a interferência do leitor desenhando; ▷ demonstra personalidades representativas: frida, martin etc; 	<ul style="list-style-type: none"> ▷ insere novos conceitos de família e de sua geração: adoção e laboratorial; ▷ aborda temas gerais importantes quanto as fases de um relacionamento durante a vida como o nascimento, consentimento e auto-estima; ▷ possui informações relevantes pós-livro quanto a classificação do livro; 	<p>Fraquezas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▷ tipografia pode ser de difícil leitura em alguns trechos; ▷ poderia incluir contatos para denúncias e notificações a órgãos competentes. <p>▷ ilustrações muito lúdicas mas precisas quanto a aspectos científicos (gravidez, órgãos etc);</p>	<p>Oportunidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▷ permite que diversos públicos tenham acesso por estar disponível para donwload na internet; ▷ consegue ser abordado dentro e fora da sala de aula. 	<p>Ameaças:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▷ pessoas que são contra a discussão do tema dentro de ambientes escolares; ▷ livros com informações mais regionalizadas. ▷ produções com traduções em outros idiomas;
---	---	--	--	---

Análise Swot: Pipo e Fifi

Forças:

- ▷ possui um projeto gráfico lúdico;
- ▷ inclui momentos comuns do cotidiano da criança para falar do tema;
- ▷ representa diversidade de tons de pele, de corpos e de gênero;
- ▷ o projeto gráfico permite a interferência do leitor desenhando;
- ▷ o projeto possibilita a interação entre o livro, a criança e o narrador;
- ▷ possui informações relevantes pós-livro quanto a importância do assunto e como tratá-lo.
- ▷ possui links para saber mais atualizados.

Fraquezas:

- ▷ não aborda o assunto de forma regionalizada;
- ▷ corpo de texto serifado mais adequada para a leitura adulta.

Oportunidades:

- ▷ disponibiliza conteúdos extras no site do projeto;
- ▷ possui versões específicas para a faixa etária adequada.
- ▷ abrange múltiplas mídias (audiovisual ou texto) possibilitando contato com crianças de diversas idades além de incluir algumas com necessidades especiais;
- ▷ atende as crianças na sala de aula em sua versão paradidática conjunta com a grupo cores (solução educacional);
- ▷ permite que diversos públicos tenham acesso por estar disponível para download na internet;

Ameaças:

- ▷ produções com contextualização mais regionalizada;
- ▷ produções com traduções em outros idiomas;
- ▷ pessoas que são contra a discussão do tema dentro de ambientes escolares;

Análise Swot: Segredo Segredíssimo

Forças:

- ▷ inclui momentos comuns do cotidiano da criança para falar do tema;
- ▷ representa diversidade de tons de pele com a personagem principal representativa negra;
- ▷ trata do tema de forma sensível;
- ▷ possui quantidade adequada respiros entre texto e ilustração;
- ▷ ilustrações de página dupla;
- ▷ tipografia "viva";
- ▷ pioneiro no período de lançamento.

Fraquezas:

- ▷ não aborda o assunto de forma regionalizada;
- ▷ não está disponível para download nas plataformas digitais;
- ▷ poderia incluir contatos para denúncias e notificações a órgãos competentes;
- ▷ sem interação direta com o leitor;

Oportunidades:

- ▷ propicia para o ambiente da contação de histórias fluida por não possuir interação direta com o leitor;
- ▷ permite a introdução sutil ao assunto através do fortalecimento das relações familiares;
- ▷ consolidação do público pelo tempo que tem presente no mercado.

Ameaças:

- ▷ produções com contextualização mais regionalizada;
- ▷ produções com traduções em outros idiomas;
- ▷ produções que estão inseridas no meio digital/download;
- ▷ livros que combinam outras plataformas de mídia (áudio, vídeo).

Análise Swot: De onde vem os bebês?

Forças:

- ▷ utiliza-se de conhecimentos científicos sobre as plantas e animais para explicar a reprodução humana, permitindo que a criança adquira novos conhecimentos;
- ▷ Possui como forma ilustrativa fotografias de desenhos com colagens em papéis de diferentes texturas;
- ▷ representa diversidade de tons de pele, ainda que de forma mínima.

Fraquezas:

- ▷ não aborda questões atualmente mais recentes como a prevenção ao abuso;
- ▷ não aproxima o leitor do contexto vivido por ele diariamente para explicar esse tema;
- ▷ utiliza uma tipografia interna de corpo de texto serifado mais adequada para a leitura adulta.

Oportunidades:

- ▷ dentro do segmento ilustrado, se coloca como forma singular a sobressair o lado científico para o ensino da reprodução o que é um diferencial para refutar tabus no ensino do tema;
- ▷ proporciona um momento de leitura conjunta com adultos/letrados dando abertura para que o tema seja discutido.

Ameaças:

- ▷ a falta da discussão de temas que permeiam a atualidade, como o abuso ou questões de gênero, dão espaço a concorrência e tornam a forma de lidar com o assunto um tanto ultrapassada;
- ▷ livros que inserem o universo vivido na infância conseguem ser inseridos em outros momentos da vida escolar que não quando tratados na sexualidade;
- ▷ livros que combinam e estão em outras plataformas de mídia.

Análise Swot: Kiko e a Mão

Forças:

- ▷ possui um projeto gráfico lúdico;
- ▷ tradução para diversos idiomas.
- ▷ o programa se estende para a mídia audiovisual;
- ▷ trata do tema de forma contemporânea e sensível;
- ▷ inclui momentos comuns do cotidiano da criança para falar do tema;
- ▷ a tipografia utilizada se aproxima da adequada para a infância;
- ▷ possui quantidade adequada respiros entre texto e ilustração.

Fraquezas:

- ▷ os sites indicados pelo e-book durante a pesquisa não se encontravam mais no ar;
- ▷ órgãos citados são internacionais e não de abrangência local regionalizada;
- ▷ traduzida em português europeu.

Oportunidades:

- ▷ permite que diversos públicos tenham acesso por estar disponível para download na internet;
- ▷ abrange múltiplas mídias (audiovisual ou texto) possibilitando contato com crianças de diversas idades além de incluir algumas com necessidades especiais;

Ameaças:

- ▷ produções com contextualização e informação mais regionalizada;
- ▷ produções com o português brasileiro;

Análise Swot: Tuca e Juba

Forças:

- ▷ linguagem muito propícia para o público-alvo: quadrinhos;
- ▷ tipografia lúdica e "viva";
- ▷ o texto trata o assunto como uma conversa com que lê, promovendo a interação;
- ▷ representa diversidade de tons de pele, de corpos e de gênero;
- ▷ elenca em tópicos práticos os tipos de violência existentes e situações possíveis de acontecer com o leitor;
- ▷ o projeto gráfico permite a interferência do leitor seja escrevendo, pintando ou desenhando;
- ▷ aborda temas gerais importantes para a adolescência quanto a relacionamento durante a vida como consentimento e auto-estima;

Fraquezas:

- ▷ tipografia pode ser de difícil leitura em alguns trechos;
- ▷ poderia incluir contatos para denúncias e notificações a órgãos competentes.

Oportunidades:

- ▷ permite que diversos públicos tenham acesso por estar disponível para download na internet;
- ▷ abrange múltiplas mídias (áudio-descrição ou texto) possibilitando a inclusão de adolescentes com algumas com necessidades especiais;
- ▷ consegue ser abordado dentro e fora da sala de aula.

Ameaças:

- ▷ pessoas que são contra a discussão do tema dentro de ambientes escolares;
- ▷ livros com informações mais regionalizadas.

Fonte: Elaboração da autora

2.3.3 Personas

As personas são personagens criados para a partir da síntese da junção de comportamentos observados entre o perfil do público-alvo do projeto, sendo dotados de motivações, desejos, expectativas e necessidades dos mesmos. Na etapa de Análise e Síntese, a partir de todo o conteúdo buscado na pesquisa, foram criados personas para que houvesse uma identificação com o público-alvo em questão na hora da criação dos personagens da história a ser criada.

Para criar as personificações foram utilizados gráficos do quarto título da franquia de jogo eletrônico de simulação de vida, The Sims, desenvolvido pela Maxis, publicado pela Eletronic Arts (EA) e lançado em 2 de setembro de 2014 no Brasil. O jogo possibilita a criação e a mudança de todas as características físicas, vestimentas e até aspirações de vida facilitando assim a representação mais aproximada do perfil que conhecemos durante a nossa escuta ativa.

2.3.3.1 Persona 1 – Família

Imagem 8 – Representação da persona familiar



Fonte: Criação da Autora. Gráficos reservados a Eletronic Arts via The Sims 4.

Valdinéia tem 28 anos e trabalha de 8 às 18h como gerente numa pequena empresa da cidade vizinha. Ela também faz a maior parte dos trabalhos domésticos em casa: lava, passa e cozinha. Todos os dias acorda mais cedo que o sol para preparar lanches, café da manhã e as crianças para escola. Depois que ambas estão prontas, Ayana e Marcelino, ela pega 2 conduções pra

deixar Ayana na escola e Marcelino na creche e mais 2 para chegar ao seu trabalho, onde geralmente escuta seus chefes perderem a paciência e choramingarem por pouco. Na volta pra casa ela repete todo caminho, buscando as crianças e pegando as quatro conduções. Quando chega trata de requentar a comida feita no fim de semana, tenta dar uma ordem na casa (sem sucesso), prepara as crianças pra dormir e só aí vai cuidar de si (tomar banho e capotar na cama). Seu marido, Washigton, tem 31 anos e se denomina faz tudo: ajudante de obra, pintor, marceneiro, mecânico e tudo mais que quiserem lhe pagar. Ele passa pouco tempo em casa e muitas vezes na semana viaja para pegar trabalho fora da cidade. Durante a semana, o único momento que realizam atividades junto é na hora das tarefas escolares. Ayana recebe atividades xerocadas e Marcelino geralmente recebe livros de literatura para ler em família. Nos finais de semana, quando todos estão em casa, é raro a família ter um momento junto, salvo quando se reúnem de frente pra televisão para ver a novela. Tanto Valdinéia quanto Washigton desejam que os filhos tenham uma infância boa como criança e um futuro melhor. Apesar de não terem muito dinheiro para comprar muitos livros e brinquedos, os que compram são com a temática relevante e com pessoas de diversas realidades. Quanto as crianças dormirem fora ou brincarem sem a supervisão deles: sem chance. Corria um boato na vizinhança sobre uma criança que foi abusada por um familiar. Mas é nunca que vai acontecer isso com os filhos deles! Valdinéia sempre fala tanto para Ayana quanto pra Marcelino contarem tudo para ela, tudo! E que nas partes íntimas ninguém pode se aproximar. O presidente disse na tv que educação sexual vem de berço e esse nós temos.

2.3.3.2 Persona 2 – Professoras(es)

Imagem 9 – Representação da persona da pedagoga(o)



Fonte: Criação da Autora. Gráficos reservados a Eletronice Arts via The Sims 4.

Cecília tem 40 anos e trabalha em duas escolas, uma pública e outra particular, com isso tem acesso a diversas realidades. Durante a sua certificação de magistério não pegou nenhuma disciplina sobre educação sexual, até porque há alguns anos atrás quase ninguém falava disso abertamente. Hoje ainda não falam, mas pelos jornais recebemos notícias de violência sexual

infantil. Ela acredita que devam falar mais sobre educação sexual como forma de proteger as crianças e também de ensiná-las uma forma mais consciente de viver sexualidade, já que vivencia tantos casos precoces de início de atividade sexual. Chega a assustar! Ela até já pensou em falar na secretaria de ambas as escolas para incluírem o tema nas disciplinas, mas acredita que a escola não vai querer colocar por causa dos pais. Pensam que os pais vão se irritar pois cada um tem suas crenças e convicções religiosas. Já até buscou livros sobre isso! Alguns são um pouco caros, de vez em quando ela compra porque achou muito diferente, outros ela procura na internet. De vez e nunca consegue colocar na roda de leitura, de outras vezes deixa o trabalho para o professor de biologia das turmas maiores: no livro didático deles tem.

2.3.3.3 Persona 3 – Criança 1

Imagem 10 – Representação da criança não letrada



Fonte: Criação da Autora. Gráficos reservados a Eletronic Arts via The Sims 4.

Marcelino tem 2 anos e ainda está aprendendo as palavras. Passa a maior parte do tempo na creche onde brinca com outras crianças, come a maior parte das refeições, tira cochilos e aprende coisas novas. A tia da creche costuma ler livrinhos e brincar de roda, onde para ele ficar paradinho não dá: é ouvindo e zigzagueando pra lá e pra cá. A ele encanta as cores, os sons, as texturas e formas dos objetos. Se fosse pra contar a mamãe e o papai algum abuso ia ser difícil pois ainda não consegue formar frases e nem sabe do que se trata. Os livros que teve acesso todos falam de princesas e príncipes.

2.3.3.4 Persona 4 – Criança 2

Imagem 11 – Representação da criança em fase de letramento

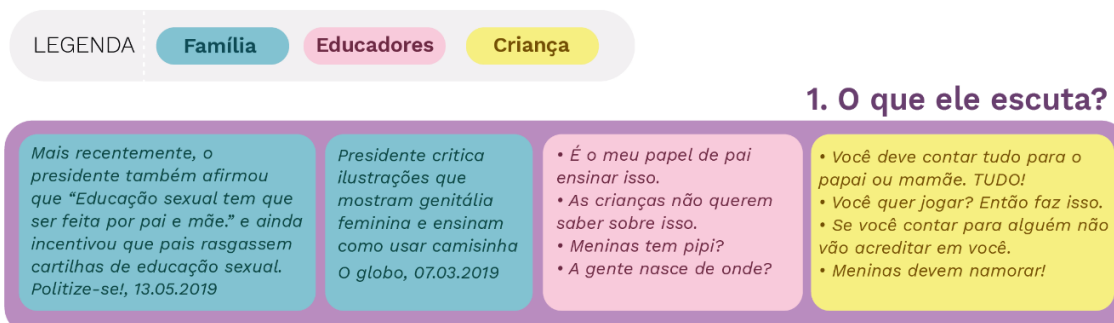


Fonte: Criação da Autora. Gráficos reservados a Eletronic Arts via The Sims 4.

Ayana tem 5 anos e ama brincar, correr e pular por aí. Já consegue formar frases muito bem, agora está encarando as letrinhas. Elas estão por toda parte! No ônibus, nos livros de historinha e até no pacote de biscoito. Assim como as cores. Os coleguinhas falam que existem cores “de menino” e “de menina”, mas eu gosto de azul e não sou menino. Eu gosto mesmo. Meninos usam cuecas, eu não uso cuecas. Na hora do banho na escola as meninas vão primeiro e depois ficam sentadinhas esperando a professora voltar do banho dos meninos. As meninas falam que pra andar com elas tenho que usar rosa! Então eu uso de vez em quando... Uma vez guardei um segredo da coleguinha: um senhor da rua dela queria tocar onde não podia. Falou então pra coleguinha contar a sua mãe! E sabe o que a mãe dela disse? Que ela não podia brincar com uma coisa dessa. Pensei em contar pra professora, mas a minha coleguinha disse que ele era um moço até legal, dava doces a ela.

2.3.4 Mapa de empatia do projeto

Após a imersão em profundidade, a partir da coleta de dados de entrevistas, questionários e leituras guiadas foi possível montar o mapa de empatia com base nas preocupações e atitudes relatadas.



2. O que ele sente e pensa?

- *Eu não tenho muito dinheiro para comprar livros!*
- *É um tema tão pesado!*
- *A educação sexual pode estimular a minha criança fazer sexo mais cedo.*
- *É um tema para adultos!*
- *Como vou fazer meu filho se interessar pela leitura?*
- *Como vou tratar desse tema com a minha criança?*

- *Quero Brincar!*
- *Que personagem é esse?*
- *Por que esse livro tem calcinhas e cuecas?*
- *Eu vou fazer isso e ele vai me dar doces!*
- *Meus pais não podem saber pois não vão gostar. Ele vai me levar pra longe.*
- *Não precisam saber. É normal!*
- *Vergonha.*
- *Nojo.*

- *São poucos os livros que tratam da ambiente cultural da criança.*
- *Preciso ensinar meus alunos de forma lúdica.*
- *A escola não vai incluir o tema na grade curricular pois a família vai reclamar então não vou propor!*
- *Não tive nenhuma matéria específica sobre o assunto. Como vou ensinar?*

3. O que ele diz e faz?

- *Responde superficialmente as perguntas sobre sexualidade das crianças.*
- *Não tem escuta ativa para as crianças.*
- *Não denuncia o familiar abusador pois o mesmo é provedor do sustento.*
- *Acusa a criança de mentir.*
- *Mantém o abusador em casa.*
- *Compra livros para falar sobre o tema com a criança.*

- *Separa meninos e meninas na hora de dar banho nas crianças pois juntos é terrivelmente inviável.*
- *Entra em contato com o conselho tutelar caso descubra o abuso.*
- *Responde o que sabe sobre o tema com base nas suas crenças.*
- *Não propõe o tema por receio da escola.*

- *Tenta ler tudo ao seu redor.*
- *Sente vergonha depois de descobrir o que fez a pedido do abusador.*
- *É coagida a não contar a verdade ao adulto de confiança.*
- *Faz o que não deseja para atender a um padrão do lugar onde deseja ser inserido.*
- *Não identifica os "toques de sim e de não"*

4. O que ele vê?

- *Os livros mais diferenciados são muito caros!*
- *Filho calçando sapatos femininos;*
- *Não encontro livros sobre sexualidade facilmente;*
- *Gravidez de crianças e adolescentes da família;*
- *Notícias de abuso sexual infantil nos jornais televisivos;*

- *Livros de biologia são os únicos que tem informações sobre sexualidade.*
- *Crianças de diversas realidades.*
- *Manifestações da sexualidade infantil.*
- *Sinais de mudanças de comportamento brusca das crianças.*
- *Pais e escolas conservadores.*
- *Cobranças para atender padrões ditos de beleza.*

- *Há letras em toda parte!*
- *Há cores em toda partes!*
- *Diferenças entre meninos e meninas.*
- *Relações de afeto nas mídias e em casa;*

6. Ganhos

- *Abertura a discursão.*
- *Meios de conversar sobre o tema.*
- *Estabelecimento da relação de confiança entre o adulto e a criança.*

- *Materiais de qualidade para utilizar em classe.*

- *Aprendizagem significativa, relacionamento com o dia-a-dia e possibilidade de leitura.*
- *Informação e por consequência proteção.*

5. Dores

- *Esse livro custa mais do que posso pagar.*
- *Preciso informar para proteger.*

- *Falta de qualificação dos profissionais para falar do tema.*
- *Falta de materiais representativos sobre a temática.*

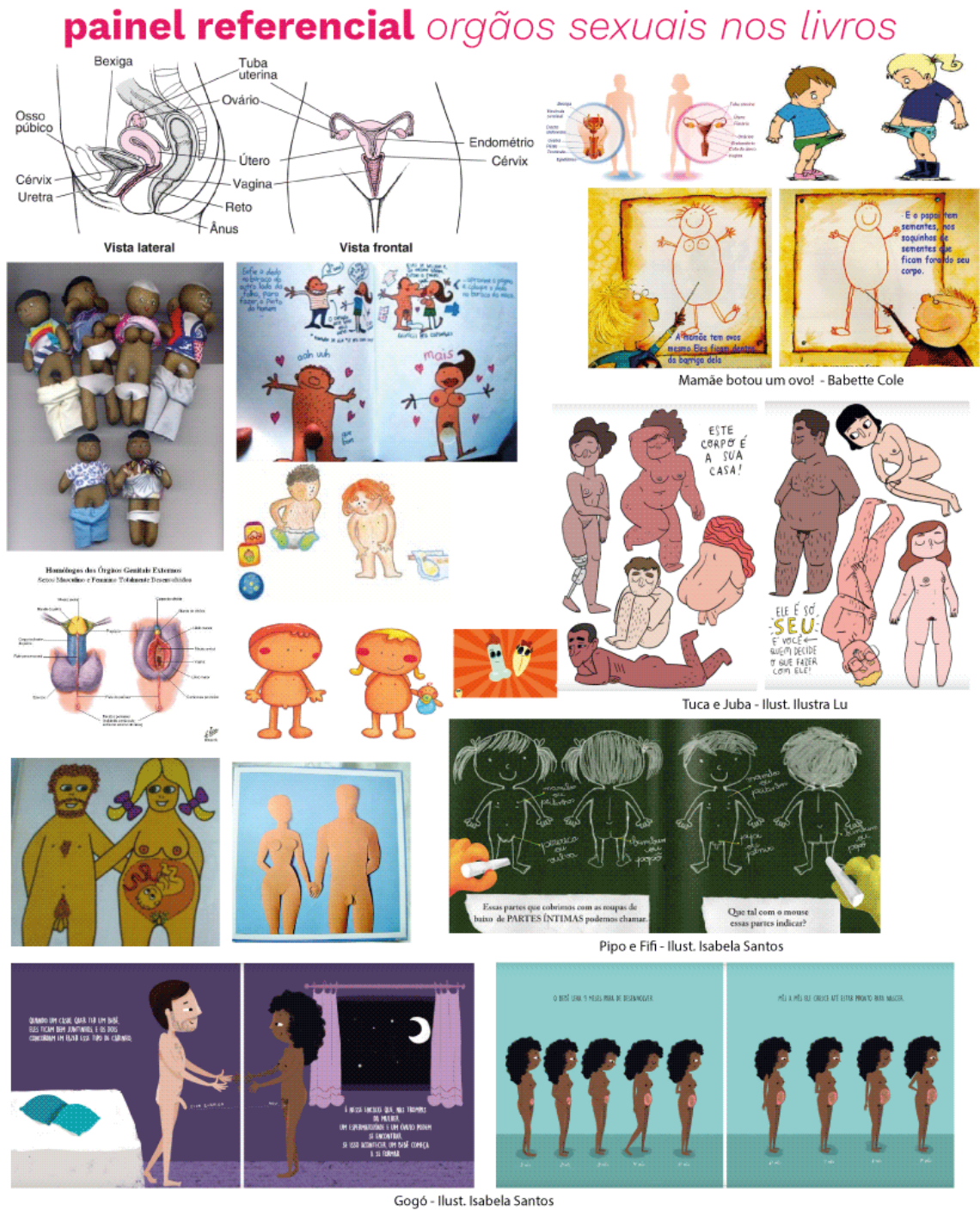
- *Ser alvo "fácil" de agressores de abuso sexual.*
- *Não posso falar para ninguém sobre o que aconteceu.*

Fonte: criação da autora com base no Mapa da empatia.

2.4 IDEIAÇÃO

A ideação é o momento onde toda a variedade de pessoas envolvidas no processo de geração de ideias, segundo o livro de Silva et. al (2012), *Design Thinking: inovação em negócios*, se une para contribuir em soluções permitindo explorar perspectivas diferentes, tornando o resultado mais rico e tendo uma possibilidade maior de acertar no projeto. Geralmente esse processo se inicia com dinâmicas como a construção do Brainstorm ou até de Mapas Mentais para a captura de ideias.

Imagem 15 – A presença da nudez e órgãos sexuais nos livros



Fonte: Imagens coletadas através de pesquisas no Google Imagens

Dentro do contexto da pesquisa busquei também referências quanto a representação de corpos femininos e masculinos quanto a sexualidade dentro dos projetos gráficos editoriais que fossem além do que os que tive contato na análise de similares, formando o *painel órgãos sexuais nos livros* (Imagem 15). Pensando na estética e poética do projeto, reuni referências (Imagem 16) visuais que pudessem transmitir acabamentos similares ao desejados.

Imagem 16 – Referências de poética e estética



Fonte: Imagens coletadas através de pesquisas no Google Imagens

2.4.2.2 Painel Conceitual

Por fim, analisei todos os painéis e selecionei os exemplos que mais se alinhava com a proposta que desejava estruturar.

Imagem 17 – Referencias conceituais



Fonte: Imagens coletadas através de pesquisas no Google Imagens

2.4.2 Partido gráfico primário

Diante da pesquisa de referências imagéticas através dos painéis foi possível imaginar primariamente as cores que estariam envolvidas na criação de cenários e personagens. Pensando na contextualização da história em espaços nordestinos o colorido dos casarões históricos serviram de inspiração, bem como a variedade de tons de pele do giz de cera Amora Bonecas para a utilização em personagens, buscando a representação de diversos tons de pele possíveis.

Imagem 18 – Referencias conceituais



Fonte: Criado pela autora. Imagens coletadas através de pesquisas no Google Imagens

A partir dos painéis também foi possível pensar em características de ilustração a serem alcançadas no projeto das quais já fazem parte das técnicas treinadas e particularmente utilizadas por mim em outros projetos, sendo estas o uso da ilustração e da fotografia se complementando em cenários e texturas, o excesso de cores e o uso de traçados/hachuras em locais estratégicos.

Imagem 19 – Referencias conceituais



Fonte: Criado pela autora. Imagens coletadas através de pesquisas no Google Imagens

2.4.3 Partido tipográfico primário

A escolha da tipografia para livro infantil precisa ser pensada de acordo com as necessidades do público leitor, diante da legibilidade e leiturabilidade, bem como ressalta Lourenço (2011, p. 84) em seu texto *Tipografia para livro de literatura infantil: Desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers*. Dentro da sua pesquisa cita o “*caractere infantil*” dito por Walker (2005) como utilizado para descrever as letras que foram projetadas de acordo com essas necessidades percebidas nas crianças, onde algumas fontes são redesenhadas para parecerem manuscritas e outras vezes diferenciando-se dos demais caracteres, chamadas de “caracteres adultos”. Diante desses fatores é previsto a utilização da fonte *Sassoon Infant* para ser atribuída ao corpo de texto visto sua adequação aos parâmetros, e a fonte *Ramona* ou a *Butler* para atender aos títulos, como forma de diferenciação.

Imagem 20 – Padrões tipográficos primários

Sassoon Infant Std

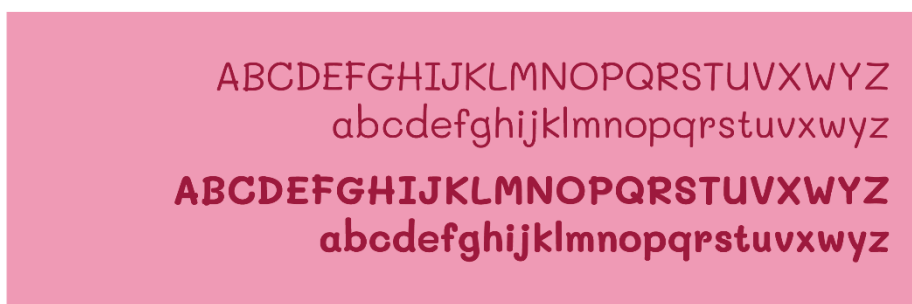


Exemplo: O rato roeu a roupa do rei de roma. | **O gato tomou leite.**

Ramona



Exemplo: O rato roeu a roupa do rei de roma. | **O gato tomou leite.**



Exemplo:

O rato roeu a roupa
do rei de roma.

O gato
tomou leite.

Fonte: Criação da autora.

2.4.4 O projeto no PIBExA TESSITURAS 2021

O PIBExA é um edital realizado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEXT) com a finalidade de fomentar propostas de experimentação artística se estabelecendo atualmente em processos não-presenciais, em seguimento as recomendações sanitárias de distanciamentos físico, sendo as obras provenientes de seus resultados veiculadas em mídias digitais. Seus objetivos centrais inferem na contribuição da formação artística aos discentes das áreas de artes e afins, a contribuição para a implementação das Ações Afirmativas dentro da Universidade, o incentivo a prática experimental dentro do que tange a lógica massificadora e de mercado, dentre outros.

Diante das datas presentes no edital e as etapas criativas e de experimentação da realização deste trabalho serem no mesmo período resolvi escrever o projeto juntamente com a professora orientadora, visto que se configura como uma ótima forma de atender um dos meus requisitos: a geração de trabalhos posteriores a graduação. Além disso, seria a oportunidade perfeita para vivenciar um projeto de pesquisa aplicado, ter experiência de gerenciar a impressão de um produto gráfico em grandes tiragens, e com resultados palpáveis sendo um de seus requisitos do edital a apresentação a comunidade universitária no Congresso UFBA 2021. Na esfera social, a participação do projeto no edital significa também conseguir reverberar o projeto no âmbito exterior a Universidade pois prevê a distribuição de exemplares físicos em escolas da rede pública e seus exemplares por vias digitais na forma de PDF em um blog.

O projeto foi bem classificado durante o resultado preliminar e aprovado pela banca examinadora no dia 11 de agosto de 2021.

2.4.5 Criação da história

Pensando nos conceitos constituídos primariamente e apreendidos durante as pesquisas realizadas é que a história a ser retratada foi construída. Nesta etapa, o livro *Contar histórias: uma arte sem idade* de Betty Coelho foi de grande valia para o protejo pois dissecou detalhes da estrutura de uma história e aborda vivências da própria autora com a narração das mesmas para crianças dentro de âmbitos escolares possibilitando uma base técnica para a sua criação.

Saindo do *Era uma vez..* comum a todos os contos de fadas exportados da Europa a história inicia-se retratando um patrimônio cultural belo do cenário soteropolitano que dentro da narrativa também serve de marcador de tempo: o momento da descida da ladeira pela baiana de acarajé que vai rumo a montar seu tabuleiro. Em seu desenvolvimento a narrativa busca abarcar a dissociação das funções atribuídas ao gênero comuns a sociedade (como na cena da surpresa do pai cozinhar para a mãe na volta do seu trabalho), a diversidade familiar real dentro do cotidiano brasileiro (como nas cenas onde há a presença de dois pais ou a avó criam filhos), o protagonismo do feminino em papéis de expertise (como em momentos onde Maria e Zuri se colocam a frente e são qualificadas como sabichona, corajosa etc.), a valorização de saberes culturais locais (através da citação de comidas e brincadeiras típicas nordestinas), a responsabilidade do todo coletivo com as crianças e a importância da comunicação entre adultos e crianças visando o aumento do elo de confiança da criança como forma de proteção da mesma.

Durante a escrita da história reverberaram dúvidas pessoais quanto ao papel de abusador atribuído ao pai da personagem principal dentro da história: se esse deveria explicitado, se não deveria ser um tio ou um avô, já que um pai é a figura masculina mais próxima de um pequeno ser. Porém, o papel atribuído a este na história se justifica pelos índices encontrados nas pesquisas realizadas durante a fase de imersão e creio que não deve ser suprimido colocando esse tom a outra figura masculina da família, já que o abuso pode sim ser cometido por figuras mais próximas e em sua maioria são. Essa dúvida se mostra pra mim como cuidado com a interpretação infantil, mas também como consequências de uma visão coberta pelos preceitos de um assunto que é tabu dentro da sociedade. Por fim, pensando na manutenção da escrita textual adequada a norma da língua portuguesa, a revisão do original foi realizada por Mariana Rios, Pós-graduanda em Revisão de Textos pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e Revisora na Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba).

2.4.5.1 Pareceres concedidos sobre a história

Nesta fase foi importante buscar a avaliação de profissionais qualificados que pudessem realizar a análise da história de forma a validar o seu uso funcional e criticar qualquer ponto que pudesse desvirtuar-se do que se propõe. Particularmente, foi um momento onde pude experimentar os primeiros leitores externos ao meu âmbito de trabalho (orientadora e discente) mesmo que não sendo a faixa etária focal, mas sim sendo participes do contato com a mesma através da convivência com crianças em espaços públicos ou diretamente com o produto a ser criado, no caso livros. Essa experimentação gera também a possibilidade de entender como a produção textual chega ao leitor, a forma como ele interpreta a leitura de forma a cercar qualquer ponto faltante para a escritora.

Os pareceres citados foram da pedagoga e coordenadora pedagógica escolar na Rede Estadual da Bahia Ane Karoline Ribeiro Cavalcante, da diretora da EDUFBA Flávia Goulart e da escritora de livros infantis Ladjane Alves Sousa. *Para a apreciação destes, visite a sessão dos anexos.*

2.4.5.2 Sobre a Faixa Etária do livro

Durante todo o processo de desenvolvimento do projeto, desde a fase de pesquisa até a sua validação o livro sempre foi pensado como meio de abrir o diálogo sobre o tema, quer seja com a leitura conjunta, compartilhada ou solitária. Com base nisso, foi necessário durante a criação da história a consulta de uma pedagoga quanto classificação indicativa do livro para além das referências lidas. Conversando sobre o assunto com Ane Karoline Ribeiro Cavalcante, pedagoga que emitiu um parecer favorável a história, ficou evidente que o conteúdo presente no livro pode abranger uma extensa faixa etária, sendo de extrema relevância do uso inicial a partir dos 5 anos, etapa onde a criança inicia a alfabetização e começa a centrar-se fora do eu, cabendo facilmente até os 12 anos, momento que esta já possui maior domínio da leitura. Para um projeto com tempo hábil maior caberia neste momento o acesso ao *Novo Manual de Classificação Indicativa* de José Eduardo Romão et.al. para se aprofundar mais sobre o tema.

2.4.5.3 Sinopse do livro

Kauê e as espertas crianças da ladeira saíam todas juntas para brincar até a chegada de Zuri: uma nova moradora que nunca podia se juntar a eles e ainda guardava um segredo que a fazia chorar! Que tipo de segredo poderia ser esse que só causava lágrimas e aflição?

A *coragem de Zuri: um livro de proteção contra a violência sexual infantil* aborda de forma sensível essa temática, dando ênfase à importância de construir laços de confiança entre adultos e crianças a fim de evitar essa violência, bem como de reduzir a subnotificação dos casos. Através de elementos regionais nordestinos, o livro dispõe a informação como forma mais eficaz de prevenção da violência desse cunho, diminuindo a vulnerabilidade das crianças e incentivando o debate em espaços públicos ou dentro dos nossos lares. Mostra-nos ainda como a amizade e a coragem pode mudar tudo.

2.4.6 Concept Art

A técnica de ilustração denominada *Concept Art* consiste na representação inicial através do desenho de elementos de uma obra ou projeto artístico a exemplo de cenários, personagens, veículos, figurinos ou quaisquer outros presentes em filmes, livros, animações, dentre outros. Tem por finalidade o desenvolvimento de uma identidade estética e conceitual do elemento a ser criado, como um personagem, diferenciando-se do *Storyboard*, que possui uma ligação bem mais profunda com a organização da sequência cronológica de uma história e não para com o conceito.

Imagem 21 – Rascunhos da criação estética e conceitual dos personagens



Fonte: Criação da autora.

Dentro deste projeto o processo foi desenvolvido através da busca de personalidades referenciais, descrição textual de características de personalidade

desejadas, da criação de esboços dos personagens e sua finalização além da paleta de cores definidas para cada um destes. Foram utilizadas aqui rascunhos manuais e finalizações utilizando o editor gráfico *Procreate*, da empresa Savage Interactive.

A paleta de cores dos personagens foi criada com base a extinguir padrões de gênero estabelecidos pela sociedade e descobertos durante a pesquisa referencial do projeto, bem como incitando a diversidade de representação de tons de pele como nos painéis referenciais do mesmo.

Imagem 22 – Conceito primário do cenário



Fonte: Criação da autora.

Imagem 23 – Conceito primário dos personagens

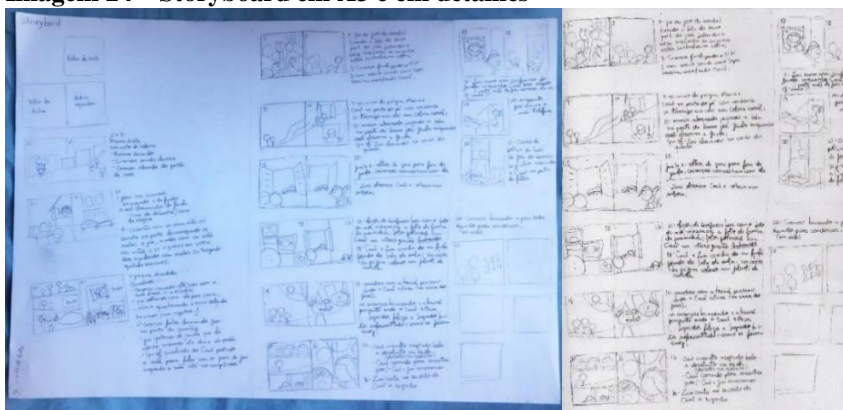


Fonte: Criação da autora.

2.4.7 Storyboard

Após a criação do estudo de personagem foi desenvolvido o *Storyboard*, técnica onde se representa o roteiro numa sequência de ilustrações ou imagens, onde cada uma delas transmite uma cena, facilitando assim a visualização da disposição proposta para o produto final.

Imagem 24 – Storyboard em A3 e em detalhes



Fonte: Criação da autora. (Veja ampliado nos anexos)

2.4.8 Ilustração de personagens e cenários

Nesta fase, as ilustrações do livro foram desenvolvidas com base em toda a coleta de dados e dos processos criativos realizados anteriormente citados. A partir disso, foram realizados rascunhos manuais com papel sulfite 90 g/m² nos quais foram transferidos através do decalque em grafite para o papel opaline 200 g². Daí então, os personagens foram coloridos com lápis de cor profissional *Derwent Softcolor* e escolar *Faber Castell Super Soft* e finalizados com canetas Posca 0.7 mm, Caneta Nanquim (0.1/0.3), Marcadores Sinoart tons de pele, e Caneta em tom Sépia (0.3) para em sequência serem digitalizados.

Imagem 25 – Rascunho (1) e coloração (2) personagens digitalizados (página 7 do livro)



Fonte: Criação da autora.

Em seguida, os cenários foram desenhados no aplicativo *Procreate*, arte finalizados com inserção de fotografias como texturas no formato de colagem digital e da realização de tratamento dos personagens no programa Adobe Photoshop.

Imagem 26 – Processo de arte finalização no Procreate (1) e Photoshop (2) (página 5 do livro)



Fonte: Criação da autora.

Imagem 27 – Elementos, personagens e cenários presentes no livro (páginas 1 e 2)



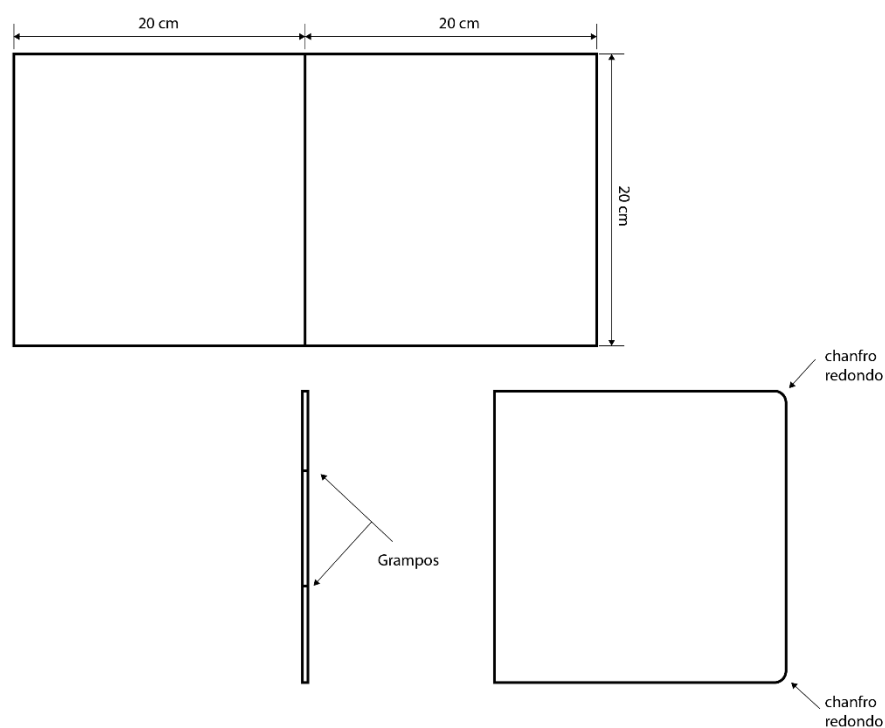
Fonte: Criação da autora.

2.4.9 Projeto editorial gráfico

Com as ilustrações e cenários criados tinha chegado a hora de realizar o projeto gráfico do livro. Pensando no formato adequado da publicação para o uso em salas de aula por grupos e ambientes familiares bem como para o transporte fácil (cabem com facilidade em mochilas e bolsas) além de ser um dos mais utilizado comercialmente é que o 200x200mm foi escolhido. Se mantendo em 28 páginas para manter os custos de produção, a disposição dos elementos presentes no miolo foi pensada com base nos

similares analisados deixando espaço para a interferência da criança nas páginas finais e acrescentando números de contato uteis a realização e formalização de denúncias de violência deste cunho. O papel utilizado para a boneca no miolo foi o Offset 180 g/m², na capa 240 g/m² sendo escolhida em papel de gramatura maior e não com capa dura seguindo a linha da redução de custos, mas também reforça o quesito da facilidade de transporte. Desta forma, o acabamento se mantém em grampos, dada a quantidade de páginas totais do livro.

Imagem 28 – Esquema da boneca do livro



Fonte: Criação da autora.

A tipografia final escolhida para compor o corpo textual do projeto foi a Mali, criada por Cadson Demak, por possuir características similares a *Sassoon Infant* apropriadas ao público a quem se destina o projeto, porém sendo ela uma fonte de uso comercial livre, disponível através do *Google Fonts* possuindo também diversas variações de espessura na família tipográfica que em livros são necessárias como o itálico e o bold. Para títulos foi mantido a tipografia *Ramona* como previsto nos padrões gráficos primários e a *Bad Script* como destaque apenas no título do livro presente na capa e na folha de rosto.

Os Pré-textuais do miolo é composto pela folha de rosto, página da ficha catalográfica (que foi realizada pela bibliotecária Sandra Batista) e informações referentes a produção do livro como créditos de ilustração, revisão e dados quanto a instituição

realizadora. Em seguida, a página de agradecimentos pessoais da autora e 23 páginas de ilustrações contando a história criada durante o processo da escrita criativa.

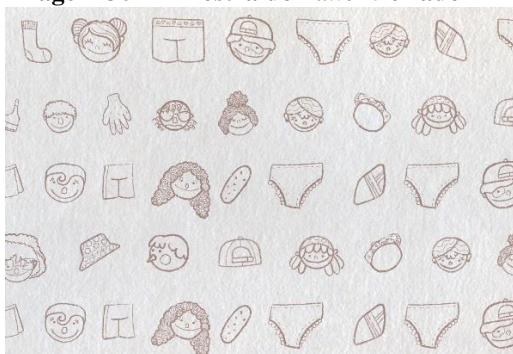
Imagem 29 – Páginas pré-textuais do projeto gráfico (folha de rosto, ficha e agradecimentos)



Fonte: Criação da autora.

Para abrigar as páginas pré-textuais foi criado um plano de fundo (*Pattern*) divertido incluindo roupas íntimas femininas e masculinas com elementos característicos e culturais a exemplo dos personagens e comidas típicas que estão presentes na narrativa.

Imagem 30 – Amostra do *Pattern* criado



Fonte: Criação da autora.

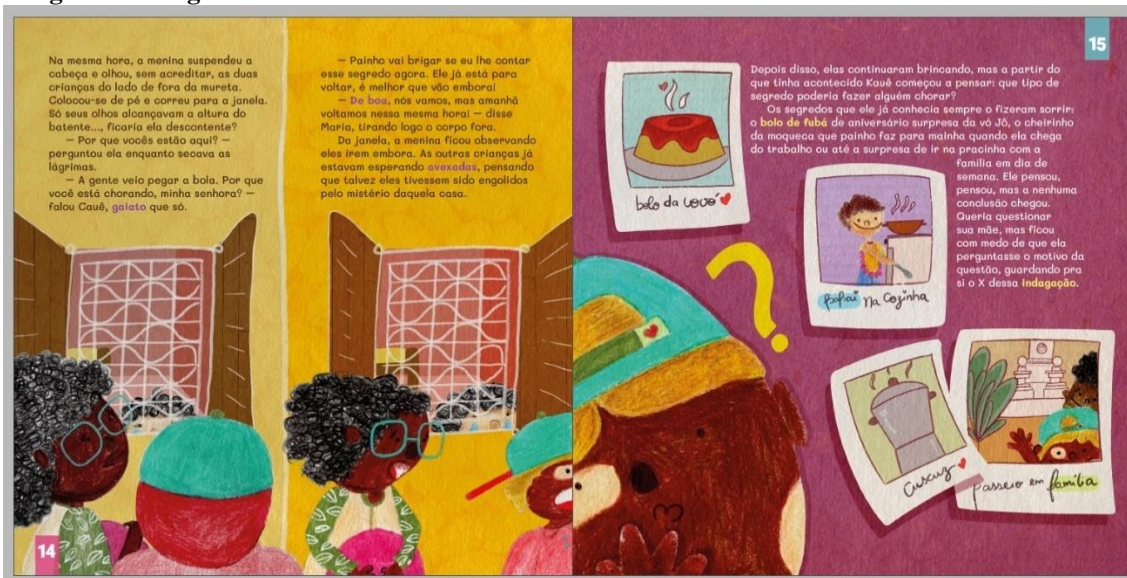
Nas páginas da história buscou-se integrar texto e imagem em espaços propícios sempre que possível priorizando a boa legibilidade textual, variando as ilustrações entre páginas duplas e simples para tornar a leitura mais dinâmica. Foram também incluídas as numerações de páginas ora na parte superior, ora na parte inferior da página visando localizar o leitor caso precise fazer uma pausa durante a leitura da história.

Imagem 31 – Páginas 6 e 7 da história



Fonte: Acervo da autora.

Imagem 32 – Páginas 14 e 15 da história



Fonte: Acervo da autora.

Após a história criei uma página onde a criança possa relembrar o ponto focal do que foi lido e/ou falar de si através das perguntas “Quem são seus adultos de confiança? E os personagens dessa história?”, dessa forma abrimos espaço para o diálogo se o livro for lido em conjunto ou podemos levar a reflexão do leitor sobre o assunto se for lido sozinho.

Foi incluído também com um glossário, onde algumas palavras menos usuais da história estão explicadas de forma mais simples para o leitor.

Na última página foi inserido um aviso aos responsáveis da importância de conversar com as crianças sobre o assunto incluindo dados atuais quanto a violência deste cunho no nosso estado deixando também as referências de onde foram retiradas as informações. Por fim, inclui a biografia da autora como presente nos similares analisados.

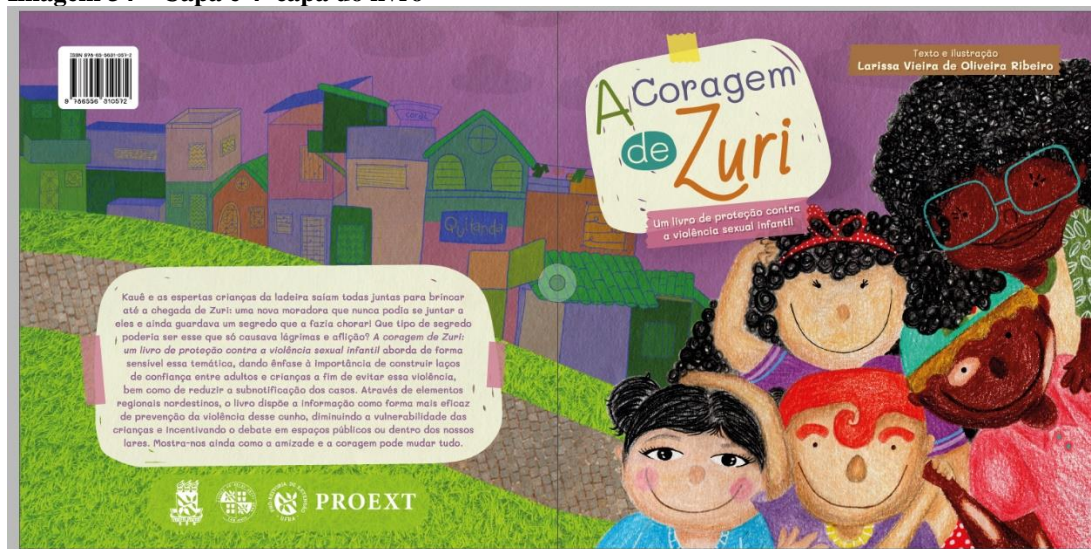
Imagem 33 – Páginas finais (Desenhe, anote ou rabisque e sobre o autor)



Fonte: Acervo da autora.

Para criar a capa foi utilizado um dos cenários simbólicos para a história, a ladeira, concomitantemente com os personagens da mesma em uma pose que reflete a união entre eles. O padrão de notas coladas foi mantido, trazendo a mesma linguagem artística do miolo para a capa.

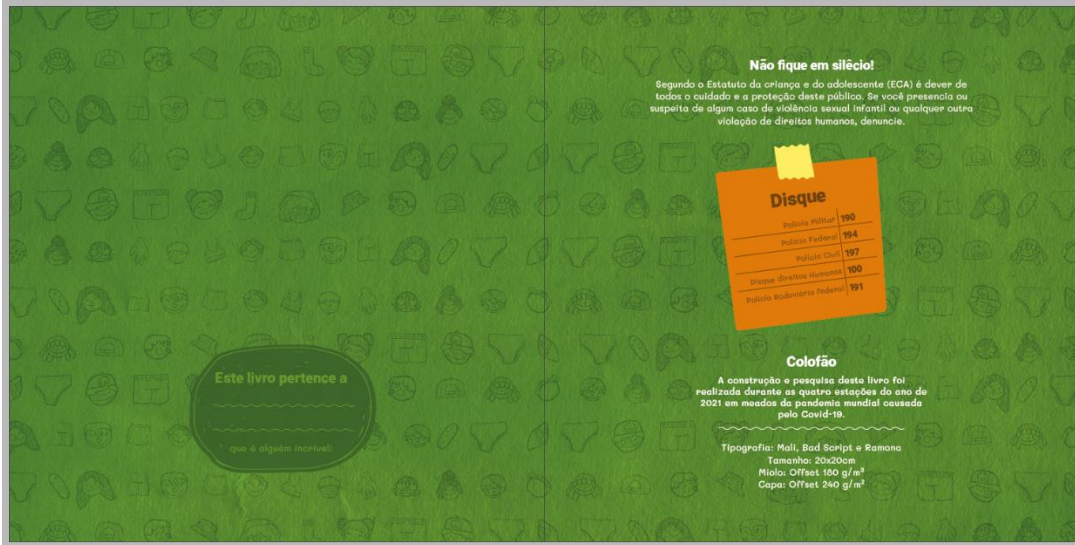
Imagem 34 – Capa e 4ª capa do livro



Fonte: Acervo da autora.

Na parte interna da capa foi inclusa uma tag que possibilita a escrita de quem pertence o livro e na 4ª capa ficaram informações de contato para incentivar denúncias e informações técnicas acerca da produção do livro.

Imagem 35 – Parte interna da capa e 4ª capa



Fonte: Acervo da autora.

Durante o processo de criação se mostrou necessário diversos testes de impressão em tamanho real para verificar as proporções dos elementos gráficos e tamanho da fonte de forma a ajustar antes da montagem da boneca final.

Imagem 36 – Testes de impressão durante o processo de criação do projeto editorial



Fonte: Acervo da autora.

3. PROTOTIPAÇÃO

Segundo Silva et. al (2012) a prototipação tem a função de auxiliar a validação de todas as ideias geradas e, apesar de estar em uma das últimas etapas do processo de *Design Thinking* ela pode ocorrer ao longo do projeto em paralelo com a Imersão e a ideação. Este aspecto é notável quando falamos do projeto gráfico editorial visto que desde a criação dele já realizava impressões em tamanho real para verificar tamanho de fontes, estilos e aspectos do cenário criado. A realização do protótipo aqui se estabelece como a passagem do projeto do campo da ideia para a sua materialização, sendo um elemento que possibilita a validação e proporciona o aprendizado tanto para quem realiza quanto para quem o experimenta.

Imagem 37 – Fotos das páginas internas boneca finalizada



Fonte: Arquivo da autora.

Nesta etapa a boneca se manteve impressa em papel Offset onde o miolo tinha 180 g/m^2 e a capa 240 g/m^2 de gramatura. A forma de impressão foi a jato de tinta através de uma impressora multifuncional tanque de tinta. Foram ainda utilizados materiais como guilhotina, estilete, cola branca e bastão para a finalização de sua encadernação.

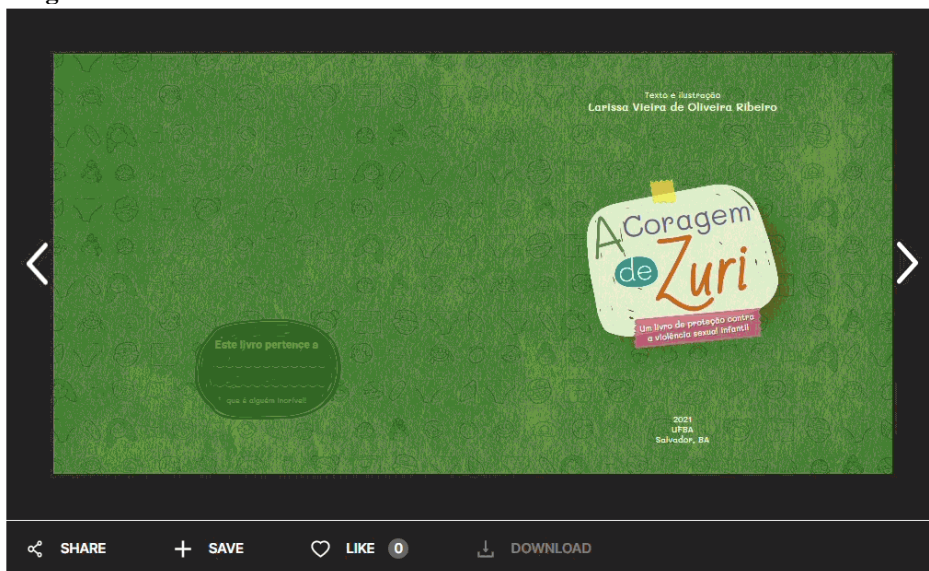
Imagem 38 – Boneca final: Capa, 4ª capa, p. 6-9



Fonte: Acervo da autora

O arquivo também foi salvo em formato Portable Document Format (PDF) pensando em sua disponibilização na internet, como foi solicitado e demarcado durante o questionário público executado na etapa de imersão, buscando reduzir ao máximo seu tamanho do arquivo, mas também pensando em dispositivos adequados para leitura a exemplo do site ISSUU.

Imagem 39 – Livro no visualizador do ISSUU



Fonte: Imagem Gif, print do site do Issuu. *Para ver em movimento, visite os anexos.*

Devido ao projeto ser pertencente ao edital Pibexa Tessituras 2021 este também ganhou uma versão de protótipo impresso em gráfica, possuindo as seguintes características: Papel Cartão 250 g/m², Papel Couchê Fosco 180 g/m² e encadernação em grampos (canao).

Imagem 40 – Boneca realizada em gráfica



Fonte: Imagem Gif, acervo da autora. *Para ver em movimento, visite os anexos.*

4. VALIDAÇÃO

Respeitando as recomendações das instituições de saúde e governamentais quanto a realização de atividades em grupo durante a pandemia relacionada ao Covid-19 a validação do protótipo foi realizada online, através do Google Meet.

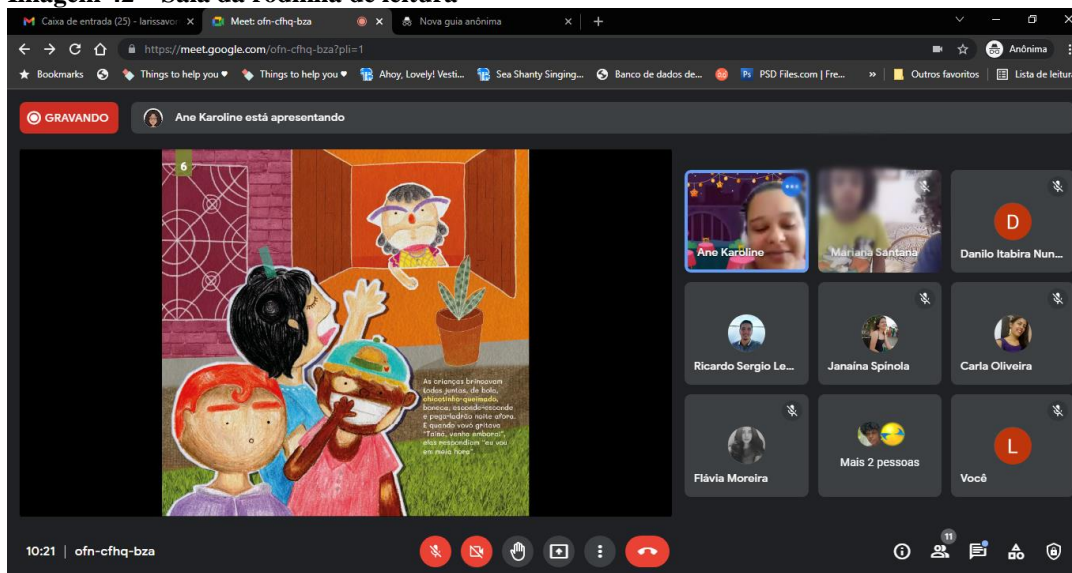
A proposta de convidar uma pedagoga para realizar a leitura teve o intuito de primeiramente observar a utilização real por parte do leitor-narrador (neste caso o pedagogo) e de quem escuta (crianças e responsáveis) tendo o mínimo de interferência do autor da história. Ademais parte de uma preocupação em colocar um profissional devidamente qualificado e habituado a lidar com o público infantil.

Imagem 41 – Convite para a rodinha literária



Fonte: Criação da autora.

Imagem 42 – Sala da rodinha de leitura



Fonte: Chamada do Google Meet. Acervo da autora. *As crianças com câmeras ligadas foram ocultadas.*

Na ocasião, após a pedagoga contar a história, ela pôde fazer perguntas para as crianças sobre as partes que mais gostaram e também sobre o significado de confiança. Foi oportuno também para escutar a opinião dos responsáveis quanto o seu conteúdo. Em consenso, gostaram bastante da forma como tema foi tratado, conseguindo fazer inferências para futuros desdobramentos do projeto.²⁰

Pedagoga: “Qual parte da história vocês mais gostaram?”

Criança 1: “O que eu mais gostei foi que o adulto mau foi preso”

A fala da *criança 1* me trouxe tranquilidade em saber que apesar de ter modificado o final algumas vezes buscando suavizar ao máximo uma situação complicada que se apresenta quando o agressor é um familiar, preocupada em não causar gatilhos em quem teria o acesso ao conteúdo, a criança conseguiu entender a consequência que deve ser dada a quem inflige a lei de proteção a ela e conseguiu coloca-la como parte favorita.

Um outro ponto detalhado pelos participantes foi a extensão da história versus o tempo de atenção que a criança dedica a ela, pensando em usos dentro da sala de aula ou em classes online (principalmente agora em tempos de pandemia), uma vez que é sempre complicado reter a atenção destas por muito tempo. Uma solução dada é que a forma como a história foi criada possibilita ao professor(a) a divisão de páginas para diversos dias de aula, possibilitando assim uma maior atenção das mesmas.

No geral, o projeto gráfico agradou a todos e despertou a curiosidade em projetos futuros, surgindo sugestões de adequações para casos específicos como portadores de dislexia e sua realização em formatos maiores além do interesse em sua distribuição, se através das redes e de forma física, para a utilização em classes ou ambientes domésticos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apreendi muitas coisas durante a minha graduação e tenho consciência de que só através do devaneio de uma pergunta-chave em minha mente a mais de um ano atrás é que pude iniciar este projeto. Por que tanto receio frente a um assunto que a todos nós pertencemos, principalmente quando falado para crianças? De que forma a linguagem literária poderia ser prejudicial ao conhecimento sobre determinado assunto a ponto de ser silenciado, rasgado ou incinerado, como no ano de 2019 na bienal de São Paulo, quando uma revista em quadrinhos foi recolhida por ter a temática dita socialmente inapropriada?²¹

²⁰ Após a rodinha, algumas sugestões foram testadas na versão PDF. Visite os anexos para visualizar.

²¹ BALBI, Clara. Decisão que permitiu recolher livros na Bienal é censura, dizem especialistas: Segundo advogados ouvidos pela Folha, ato não tem respaldo legal e discrimina comunidade LGBT. 2019.

O processo de pesquisa e desenvolvimento de criação me permitiu um aprofundamento e entendimento de conceitos primordiais sobre o tema, do seu contexto atual, mas também me apresentou barreiras quanto ao produto final. Estas mesmas barreiras me mostraram o caminho para entender o que poderia responder a minha questão inicial: está no senso comum que a sexualidade é exclusivamente adulta e, dessa maneira, a educação sexual para crianças precisa ser podada e polida todo o tempo; a violência deste cunho é algo que acontece em famílias disfuncionais, se faz um gatilho principalmente para crianças e por esse motivo não deve ser tratada em nenhuma hipótese; se vamos tratar desse assunto vamos retirar órgãos genitais, roupas íntimas, contraceptivos e conceitos ditos não-tradicionais da pauta, nos mantendo somente no científico que nos convém. Esse é a visão deturpada que prevalece na sociedade quando não nos dispusemos a abrir o diálogo franco e honesto, pautado dentro das informações científicas e dados públicos claros. Não pense você que no período atual da dita *Fake News* e da ocultação de informações não senti dificuldades nesse âmbito: sites, repositórios e dados governamentais que tratavam do tema em anos anteriores se encontraram indisponíveis. Por que apenas falar do tema já é uma transgressão, dialogar então extingue os tabus existentes.

Concluo que o livro é mesmo um perigo, uma ofensa, uma arma na mão de gente pequena. Um perigo para aqueles que querem impor a sua visão de mundo a seres com ainda menos vivências como no caso da criança, pois o livro é uma janela na qual podemos visualizar a realidade do vizinho que pode ter a grama mais verde ou uma árvore de espécie que nunca vimos antes. Uma ofensa ao pensamento ditatorial e retrogrado que se limita a se eximir de respeitar a individualidade sexual, identitária e do ser humano. Arma essa que possibilita a mudança de perspectiva, da realidade e potencializa os saberes daquele indivíduo. No processo do fazê-lo, desde a concepção da ideia até a sua materialização, se faz necessário escutar os envolvidos com olhar empático e buscar ajuda especializada, sobretudo quando falamos para crianças, e é dessa forma que o profissional designer pode gerar projetos únicos e exemplares, que atendam a todas as carências da sociedade. Escutei, durante o processo, de uma profissional que possui contato frequente com crianças de diversas realidades socioeconômicas que elas não pensam igual aos adultos: possuem uma forma toda delas de ver o mundo como se apresenta, deste modo devemos ter isso em mente quando criamos conteúdo direcionado a elas. Isso me atingiu

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/decisao-que-permitiu-recolher-livros-na-bienal-e-censura-dizem-especialistas.shtml>. Acesso em: 16 nov. 2021.

em cheio! Foi um momento em que tive de treinar ainda mais meu olhar empático, me colocar como a criança que fui e ainda tenho dentro de mim, e revisar toda a produção textual e visual com minúcia para que nada ofendesse, ferisse ou trouxesse gatilhos para quem teria acesso ao livro. Mesmo assim não foi algo que me parou: estava claro que isso era algo que mantinha as amarras da temática presas aos tabus vigentes. Falar de educação sexual mexe no vespeiro do que é e o que não é moralmente aceito, escancara as desigualdades socioeconômicas, afinal uma criança que presencia a violência noite e dia dentro de seus ambientes de moradia não tem o mesmo olhar de outrora que habita os topos dos edifícios de alto padrão (o que, diferente do que o senso comum prega, não impede ou limita essa também de sofrer a violência dentro de seus lares), e grita para nós que os padrões de gênero e de representação visivelmente reforçados pelas mídias atuais já não fazem parte da realidade vivida, está apenas no campo da ideia não beirando ao menos a etapa da prototipação.

Sendo assim, realizar este projeto foi um enorme desafio, mas também o início de uma jornada de descoberta e aprendizagem que espero continuar a trilhar, percorrendo caminhos que jamais imaginei. Me regozija saber que o que eu criei com base nas descobertas que fiz é sensível e delicado na forma de tratar a temática, mesmo não aprofundando em certas minúcias do tema por sua tamanha extensão, que tem potencial para ao menos proporcionar a abertura do diálogo dentro dos nossos lares e representar de forma honesta os padrões que são vividos na prática como as diferentes instituições de família, identificações de gênero e comportamento.

Saber que o mercado editorial para educação sexual na infância tem se renovado com novas formas de abordar o tema é muito enriquecedor. Identificar que o embaraço da questão não é o livro em si, mas quem e qual poderá ser o entendimento do leitor dentro dos preceitos morais e éticos que construiu durante a vida aproxima-me da resposta para a pergunta inicial deste projeto e me mostra que há sim pessoas dispostas a dialogar sobre esse assunto para crianças pelo viés crítico e não só pelos olhos que o tabu visiona. A chave está na *resistência*: faz-se necessário continuar pesquisando e criando para o mercado editorial brasileiro mesmo que as últimas notícias sejam desanimadoras²²,

²² RALPH MACHADO. Agência Câmara de Notícias. Leitores e editores criticam taxaço sobre livros em reforma tributária: proposta do executivo prevê tributo com alíquota de 12%; governo diz que cobrança afetaria os mais ricos e que recursos poderiam ser direcionados para políticas públicas voltadas aos mais pobres. 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/750873-leitores-e-editores-criticam-taxacao-sobre-livros-em-reforma-tributaria/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

persistindo em criar sobre o tema e se aliando com profissionais qualificados ligados a temática sem se eximir de escutar a sociedade, mas também não tão somente a ela, pois vão haver momentos em que você vai escutar falas que se apresentam como limitantes assim como escutei durante a minha pesquisa, porém são apenas o reforço dos tabus contemporâneos (“*esse tema é muito complexo*”, “*quem é a pessoa que vai tratar desse tema com meu filho?*”, “*a palavra ‘educação sexual’ já é bastante pesada*” etc.). Vai então te caber o olhar atento²³ para parar, entender, dar dois passos para trás para correr dez passos em um momento mais a frente. Embora esteja nesse senso comum que é um assunto laborioso a se tratar, principalmente com crianças, é notável que existem sim meios e métodos para discuti-lo em ambientes de sala de aula, como alguns dos quais tive acesso durante este trabalho, porém caímos novamente nas credices instauradas na coletividade sendo então crucial um certo antagonismo para resistir e florescer.

Um outro ponto no qual me deparei e acho significativo tratar aqui é sobre o quanto é valioso todos terem acesso a informação de qualidade. Dentro da academia temos esse espírito de compartilhamento de dados e saberes como parte intrínseca da nossa formação, porém quando olhamos fora dessa realidade vemos que este lugar ainda permanece utópico. Para a violência de cunho sexual, como discutido na etapa de imersão, a disseminação de informações se destaca como mais eficaz, econômica e abrangente prevenção primária, agindo como modificadora de condutas e formadora de novas culturas através da sensibilização e mobilização da sociedade. Fica evidente então que é de suma importância a divulgação de materiais educacionais quanto a sexualidade, dos

AGÊNCIA SENADO. Senado Federal. Reforma tributária pode fazer livro ficar mais caro. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/11/reforma-tributaria-pode-fazer-livro-ficar-mais-carro>. Acesso em: 16 nov. 2021.

REGIÃO, Tribunal Regional Federal da 1ª. DECISÃO: a imunidade tributária cultural não se aplica à atividade de venda de livros nem se estende às contribuições ao pis/cofins e a opção pelo simples nacional afasta o regime de alíquota zero. 2021. Disponível em: <https://portal.trf1.jus.br/portaltrf1/comunicacao-social/imprensa/noticias/decisao-empresas-de-venda-de-livros-que-optaram-pelo-simples-nacional-nao-tem-direito-a-isencao-de-impostos-prevista-na-constituicao-federal.htm>. Acesso em: 16 nov. 2021.

²³ “O olhar atento é um incremento da agudeza, mas nunca uma insistência. (...) O respeito é a aproximação que mantém a distância. O respeito me protege da vaidade ou presunção excessiva de meus conhecimentos e das veleidades da minha vontade (...) Porque nunca veremos tudo, nunca teremos atentado a tudo, nunca o mundo infinito ou quase infinito se esgotará como fonte de novidade, nunca o olhar atento acabará de perceber completamente o perceptível.” (ESQUIROL, 2008, p. 93-34)

O olhar atento diferencia-se do olhar indiscreto pois se deriva de alguma deficiência perceptiva. Sua relação com o respeito está na proteção que o mesmo tem para com meus conhecimentos da chamada vaidade excessiva. Faz-se o diálogo também como forma de aumentar a nossa atenção sobre as coisas. Apesar do autor acreditar que nossa capacidade moral deveria ser descrita sempre no infinitivo, acredita também que nunca seremos capazes de ver tudo. Sempre haverá algo para atentar-se.

canais para denúncias de violência deste cunho e das leis de proteção que abarcam e protegem crianças e adolescentes visando a manutenção dos seus direitos primordiais. Citar aqui o papel fundamental da democratização da leitura é oportuno pois nos coloca ao pé igualitário e possibilita a difusão dessas informações de ambientes institucionais para os meios comunitários. Os meios digitais podem e devem auxiliar neste processo.

Apesar deste trabalho ser realizado durante um momento frágil como a pandemia do Covid-19 e com isso nos apresentar mais desafios na construção do projeto, no sentido de anular possibilidades de pesquisas físicas e da realização de oficinas presenciais, foi possível desenvolver um projeto relevante fazendo as adaptações necessárias para os dias complicados que vivemos hoje.

O que espero deste projeto é que essa seja apenas a semente que coloco embaixo de uma terra fértil de possibilidades; que com o tempo Kauê, Zuri e sua turma desçam a ladeira, assim como a baiana faz todas as tardes, e subam num avião que plana a cima das nuvens: indo para os lares, escolas, instituições globais de proteção as crianças e diretamente para suas mochilas, se mantendo como objeto capaz de proteger e modificar futuros.

“Não basta saber ler mecanicamente ‘Eva viu a uva’.
É necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social,
quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho.”

Paulo Freire, in Moacir Gadotti,
Paulo Freire: Uma Biobibliografia, 1996.

6. REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA – ABRAPIA. *Abuso sexual contra crianças e adolescentes*. 3. ed. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 2002.
- DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DA BAHIA. *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: não deixe acontecer em sua casa*. 3. ed. Salvador: ESDEP, 2019.
- Áudio-book ilustrado TUCA E JUBA. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tucaejuba/videos/205605270863769/>>. Último acesso em: 26 de abril de 2021.
- ARAGUAIA, Mariana. Piaget e o desenvolvimento moral na criança. *Brasil Escola*. [20--]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/piaget-desenvolvimento-moral-na-crianca.htm>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- AUGUSTO, Viviane Oliveira. Uma contribuição à historiografia da educação sexual no Brasil: análise de três obras de Antonio Austregésilo (1923, 1928 e 1939). UNESP. Araraquara, 2015.
- BRASIL. [Estatuto da criança e do adolescente (1990)]. Estatuto da criança e do adolescente [recurso eletrônico]: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. – 13. ed. – Brasília :Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.
- BRASIL. Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. Declara Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 04 fev. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- BRASIL. Medida Provisória nº. 934 de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Diário Oficial da União, [Brasília, DF], 01 abr. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- BRASIL. Portaria 544, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Ministério da Educação, [Brasília, DF], 17 mar. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872> . Acesso em: 30 ago.2020.
- BARREIROS, Edleide Xavier. História oral de Homens que praticaram violência sexual infanto-juvenil/ Edleide Xavier Barreiros. – Salvador, 2009.
- BAXTER, Mike. Projeto de Produto: guia prático para o design de novos produtos. 3. ed. São Paulo: Blucher, 2011. p. 110-111
- COELHO, Betty. Contar Histórias: uma arte sem idade. 10. ed. São Paulo, Sp: Editora Ática, 2001. 78 p.
- CORDEIRO, Flávia de Araújo. Aprendendo a prevenir: orientações para o combate ao abuso sexual contra crianças e adolescentes - Brasília: Promotoria de Justiça de Defesa da Infância e da Juventude, 2006.
- CARDOSO, Rafael. O design antes do design: aspectos da história gráfica (1870-1960). São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- CARMO, Márcia. Damares defende que escolas discutam abstinência sexual e critica Popeye. BBC News. 31 de Maio de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48479429>>. Acesso em: 7 abril. 2021.

Dados da violência sexual contra crianças e adolescentes – 2020. CHILDHOOD: pela proteção da infância. Disponível em: <https://childhood.org.br/childhood/publicacao/DadosViolenciaSexualcontraCriancaseAdolescentes2020_FINAL.pdf> Último acesso em 21 de abril de 2021.

CAVASIN, Sylvia. GAVA, Thais. BAPTISTA, Elizabete Regina. Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília : UNESCO, 2014.

DENIS, Rafael Cardoso. Design, Cultura Material e o fetichismo dos Objetos. In: Arcos, Rio de Janeiro, vol.1, 1998, p. 15-39.

É MAIS GOIÁIS. *Bolsonaro sugere que pais rasguem páginas sobre educação sexual de Caderneta de Saúde da Adolescente*. [2019]. Disponível em: <<https://www.emaisgoias.com.br/bolsonaro-sugere-que-pais-rasguem-paginas-sobre-educacao-sexual-de-caderneta-de-saude-da-adolescente/>>

Estatísticas: Três crianças ou adolescentes são abusadas sexualmente no Brasil a cada hora. Ministério Público do Paraná. Disponível em: <<http://crianca.mppr.mp.br/2020/03/231/ESTATISTICAS-Tres-criancas-ou-adolescentes-sao-abusadas-sexualmente-no-Brasil-a-cada-hora.html>>. Último acesso em: 21 de abril de 2021.

ESQUIROL, J. *O respeito ou o olhar atento: uma ética para a era da ciência e da tecnologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FLAESCHEN, Hara. REIS, Vilma. Sobre a violência contra crianças, adolescentes e jovens brasileiro. ABRASCO. 27 mar 2019. Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/posicionamentos-oficiais-abrasco/sobre-a-violencia-contra-criancas-adolescentes-e-jovens-brasileiros/40061/>>. Último acesso em: 21 de abril de 2021.

HASLAM, Andrew. *O livro e o designer II – Como criar e produzir livros*; tradução Juliana A. Saad e Sérgio Rossi Filho. São Paulo: Edições Rosari, 2007

HERDY, Thiago. Estatísticas: três crianças ou adolescentes são abusadas sexualmente no Brasil a cada hora. CAOP Informa, Curitiba, 5 mar. 2020. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/2020/03/231/ESTATISTICAS-Tres-criancas-ou-adolescentes-sao-abusadas-sexualmente-no-Brasil-a-cada-hora.html>. Acesso em: 21 abr. 2021.

HISTÓRIA DA literatura infantil no Brasil. Centro de alfabetização, leitura e escrita (Ceale), FAE UFMG. 20 abr. 2016. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/historia-da-literatura-infantil-no-brasil.html>.. Acesso em: 2 maio 2021.

IPPOLITO, Rita. O desenvolvimento infantil segundo Piaget. In: Escuta de crianças e adolescentes em situação de violência sexual: aspectos teóricos e metodológicos. Brasília, DF. UCB, 2014. p. 52-55.

IBGE EDUCA. Perfil das crianças no Brasil. [20--]. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2697-ie-ibge-educa/jovens/materias-especiais/20786-perfil-das-criancas-brasileiras.html>>. Último acesso em 21 de abril de 2021.

Isolamento social na pandemia potencializa aumento de casos de abuso contra crianças e adolescentes. G1 Pará, Belém. 15 de maio de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/05/15/isolamento-social-na-pandemia-potencializa-aumento-de-casos-de-abuso-contra-criancas-e-adolescentes.ghtml>>. Último acesso em 18 de julho de 2021.

JACOB, Julieta. Tuca e Juba: prevenção de violência sexual para adolescentes. Ilustrações de Ilustralu. Recife, 2018. Disponível em: <https://issuu.com/jubajacob/docs/tuca_e_juba_pdf_final_-_leve>.

KIKO e a mão - Psicóloga Ana Cristina Santos. [S. l.: s. n.], [2016]. 1 vídeo (9 min 46s). Publicado pelo canal Abusos sexuais - prevenção/informação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KGnQ-tYRvE0>. Acesso em: 21 abr. 2021.

KIKO e a mão. [S. l.: s. n.], [2016?]. 1 vídeo (9 min 46s). Publicado pelo canal Council of Europe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4bhHBhn2OXs>. Acesso em: 21 abr. 2021.

- LOURENÇO, Daniel Alvares. Tipografia para livro de literatura infantil: desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- MELO, Chico Homem de. O design gráfico brasileiro: anos 60. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- MEYER, Caroline Arcari. Livro "O que é privacidade?": uma ferramenta de prevenção da violência sexual para crianças. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação Sexual, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, Sp, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150592>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- MEYER, Caroline Arcari. Gogô, de onde vem os bebês? Ilustrações Isabela Santos. Disponível em: <https://issuu.com/pipoefifi/docs/de_oude_v_m_os_beb_s_01_19-ilovepdf>.
- MIRANDA, Amanaiara Conceição de Santana. Sexualidade e gênero na educação infantil / Amanaiara Conceição de Santana Miranda.- Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.
- MIZUNUMA, SAMANTA. Caderno de Orientação para o desenvolvimento da educação com abordagens científicas e o auxílio da literatura infantojuvenil. Ponta Grossa. UTFPR, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/2337>>
- MORAES, Isabela. Educação Sexual: o que é e como funciona em outros países?. *Politize-se!* 14 de março de 2019. Disponível em: < <https://www.politize.com.br/educacao-sexual-o-que-e-e-como-funciona-em-outros-paises/>>. Último acesso em: 2 de maio de 2021.
- CHILDHOOD BRASIL. *Nossa causa*. São Paulo, [201-]. Disponível em: <https://www.childhood.org.br/nossa-causa#numeros-da-causa>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- OSTERWALDER, Alexander. PIGNEUR, YVES. Business Model Generation - Inovação em Modelos de Negócios: manual para visionários, inovadores e revolucionários. 1º ed. - Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. Brasília, DF: OPASBrasil, 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812. Acesso em: 20 jul. 2020.
- (O) Desenho gráfico no século XX (1/3). [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (17 min 49s). Publicado pelo canal Otávio Guedes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PwuBMWNmv_U. Acesso em: 21 abr. 2021.
- (O) Desenho gráfico no século XX (2/3). [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (23 min 33s). Publicado pelo canal Otávio Guedes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=igIrm48JJ1s>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- (O) Desenho gráfico no século XX (3/3). [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (23 min 33s). Publicado pelo canal Otávio Guedes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=290eoYwIfR0>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- POWERS, Alan. Era uma vez uma capa: História Ilustrada da Literatura Infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- SILVA, Maurício José Viana de ... [et. all]. Design Thinking: Inovação em negócios. 1º ed. - Rio de Janeiro: MJV Press, 2012.
- SANTOS, Benedito Rodrigues dos. IPPOLITO, Rita. Guia de referência: construindo uma cultura de prevenção à violência sexual. São Paulo : Childhood -Instituto WCF-Brasil: Prefeitura da Cidade de São Paulo. Secretaria de Educação, 2009.
- SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e dos conceitos mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. Regrad – Revista eletrônica de graduação do UNIVEM. v. 2 - n. 2 - jul/dez – 2009

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; GONÇALVES, Itamar Batista; VASCONCELOS, Gorete (org.). Escuta de crianças e adolescentes em situação de violência sexual: aspectos teóricos e metodológicos : guia para capacitação em depoimento especial de crianças e adolescentes. Brasília, Df: Educab, 2014. 396 p. Disponível em: <https://www.childhood.org.br/publicacao/guia-de-referencia-em-escuta-especial-de-criancas-e-adolescentes-em-situacao-de-violencia-sexual-aspectos-teoricos-e-metodologicos.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2021.

SANTOS, Tamires Maria Lima Gonçalves. Memórias brincantes: o design de brinquedos artesanais das marisqueiras do bairro paripe em salvador-ba. 2015. 154 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Ba, 2015.

Serviço Nacional de Saúde (SNS) Portugal. Kiko e a mãe: Livro para crianças sobre abusos sexuais. [20--] Council of Europe. Disponível em: < <https://biblioteca.sns.gov.pt/artigo/livro-para-criancas-sobre-abusos-sexuais/>>.

RAPHAEL SCHIMITZ , Eu vejo tudo e não morro , Uma Breve história da ilustração. Disponível em <<http://rtz2.blogspot.com.br/2008/03/uma-breve-historia-da-ilustrao.html>>.

Revista Fórum. Damares diz que “maior preocupação do presidente é contra a erotização infantil”. 11 de março de 2019. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/damares-diz-que-maior-preocupacao-do-presidente-e-contra-a-erotizacao-infantil/>>.

REDE TV. "*Educação sexual tem que ser feita por pai e mãe*", afirma Bolsonaro. 30 out 2018. Disponível em: <<https://www.redetv.uol.com.br/superpop/videos/ultimos-programas/educacao-sexual-tem-que-ser-feita-por-pai-e-mae-afirma-bolsonaro#:~:text=VOLTAR-,%22Educa%C3%A7%C3%A3o%20sexual%20tem%20que%20ser%20feita%20por%20pai%20e%20m%C3%A3e,afirmou%20veementemente%20o%20ent%C3%A3o%20parlamentar.>> Acesso em: 10 jan 2021

ROSA MARIA MIGUEL FONTES , Conte uma História, *História da ilustração no Brasil*. 4 ago 2020. Disponível em: < <http://contaumahistoria.com.br/2014/02/historia-da-ilustracao-no-brasil/> >. Acesso em: 21 de março 2021.

TANG, Roger Fawcett. O livro e o designer I – Embalagem, Navegação, estrutura e especificação. 1ª Ed. São Paulo: Editora Rosari, 2007.

TSCHICHOLD, Jan;. A Forma do Livro: ensaios sobre tipografia e estética. São Paulo, Sp: Ateliê Editorial, 2007. 224 p. Tradução de José Laurênio de Melo.

UNESCO Brasil. Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências. Trad. International technical guidance on sexuality education: An evidence-informed approach for schools, teachers and health educators. 2019 Disponível em: < <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/369308por.pdf>>.

WALKER, Sue. The songs the letters sing: typography and children's reading. Typographic design for children. National Centre for Language The University of Reading. 2005.

XAVIER FILHA, Constantina. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 1/2014, p. 153-169. Editora UFPR

XAVIER FILHA, Constantina. Entrevista: gênero nos espaços educativos. Revista Diversidade e Educação, v. 6, n. 2, p. 6-17, Jul./Dez. 2018.

ZEEGEN, Lawrence. Fundamentos de Ilustração./ Lawrence Zeegen e Crush; tradução Mariana Bandarra. Porto Alegre: Bookman, 2009.

O que é análise SWOT? Lucidchart. Disponível em: <https://www.lucidchart.com/pages/pt/o-que-e-analise-swot>. Acesso em: 30 ago. 2021.

EIKO, Julia (ed.). O que é Concept Art? 2020. Disponível em: <https://revospace.com.br/artigo/o-que-e-concept-art/>. Acesso em: 11 set. 2021

7. ANEXOS

Livro *A coragem de Zuri: um livro de proteção contra violência sexual infantil no RI UFBA*

<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/34583>

Livro disponível no ISSUU

<https://issuu.com/ilustralaris/docs/a-coragem-de-zuri-miolo-otimizado>

PDF do livro com testes de sugestões feitas durante a rodinha

<https://drive.google.com/file/d/1CfKNxVGXloNfmiX5Vn2dfuBMDWTTD3So/view?usp=sharing>

Tabela 1 – Mitos e realidades sobre o abuso sexual

MITOS	REALIDADES
O abusador sexual é um psicopata, um tarado que todos reconhecem na rua.	Na maioria das vezes, são pessoas aparentemente normais e que são queridas pelas crianças e pelos adolescentes.
O estranho representa o perigo maior às crianças e adolescentes.	Os estranhos são responsáveis por um pequeno percentual dos casos registrados. Na maioria das vezes, as crianças e adolescentes são sexualmente abusados por pessoas que são sexualmente abusados por pessoas que já conhecem, como pai/mãe, madrasta/padrasto, namorado da mãe, parentes, vizinhos, amigos da família, colega de escola, babá, professor(a) ou médico(a).
O abuso sexual está associado a lesões corporais.	A violência física contra crianças e adolescentes abusados sexualmente não é o mais comum, mas sim o uso de ameaças e/ou a conquista da confiança e do afeto da criança. As crianças e os adolescentes são, em geral, prejudicados pelas consequências psicológicas do abuso sexual.
A criança mente e inventa que é abusada sexualmente.	Raramente a criança mente. Apenas 6% dos casos são fictícios e, nestes casos, em geral tratam-se de crianças maiores que já objetivam alguma vantagem.
É fácil identificar o abuso sexual em razão das evidências físicas encontradas nas vítimas.	Em apenas 30% dos casos há evidências físicas. As autoridades devem estar treinadas para as diversas técnicas de identificação de abuso sexual.
A maioria dos pais e professores estão informados sobre abuso sexual de crianças, sua frequência e como lidar.	A maioria, no Brasil, desconhece a realidade sobre abuso sexual de crianças. Pais e professores desinformados não podem ajudar uma criança.
A divulgação de textos sobre pedofilia e fotos de crianças e adolescentes em posições sedutoras ou praticando sexo com outras crianças, adultos e até animais, não causam malefícios, uma vez que não ocorre contato e tudo ocorre virtualmente na tela do computador.	O malefício é enorme para crianças fotografadas ou filmadas. O uso dessas imagens e textos estimula a aceitação do sexo de adultos com crianças, situação criminosa e inaceitável. Sabe-se que frequentemente o contato do pedófilo inicia-se de forma virtual através da internet, mas logo pode passar para a conquista física, levando inclusive ao assassinato de crianças.
O abuso sexual é uma situação rara que não merece uma prioridade por parte dos governos.	O abuso sexual é extremamente frequente em todo mundo. Sua prevenção deve ser prioridade por questões econômicas: um estudo realizado nos EUA, por exemplo, revelou que os gastos com atendimento a dois milhões de sobreviventes de abuso sexual infantil chegou a 12.400 milhões de dólares por ano.
O abuso sexual, na maioria dos casos, ocorre longe da casa da criança ou do adolescente.	O abuso ocorre, com frequência, dentro ou perto da casa da criança ou do abusador. As vítimas e os abusadores são, muitas vezes do mesmo grupo étnico e nível socioeconômico.
O abuso sexual se limita ao estupro	Além do ato sexual com penetração vaginal (estupro) ou anal, outros atos são considerados abuso sexual, como o “voyeurismo”, a manipulação de órgãos sexuais, a pornografia e o exibicionismo.
A maioria dos casos é denunciada.	Estima-se que poucos casos, na verdade, são denunciados. Quando há o envolvimento de familiares, existem poucas probabilidades, de que a vítima faça a denúncia, seja por motivos afetivos ou por medo do abusador: medo de perder os pais; de ser expulso(a); de que outros membros da família não acreditem em sua história; ou de ser o(a) causador(a) da discórdia familiar.

As vítimas do abuso sexual são oriundas de famílias de nível socioeconômico baixo.	Níveis de renda familiar e de educação não são indicadores de abuso. Famílias de classes média e alta podem ter condições melhores para encobrir o abuso e manter o “muro do silêncio”.
É impossível prevenir o abuso sexual de crianças	Há maneiras práticas e objetivas de proteger as crianças do abuso sexual.
O pedófilo tem características próprias que o identificam.	O pedófilo é qualquer pessoa.

Fonte: ABRAPIA 2002, p. 24

Questões de formulário online

Texto introdutório do formulário:

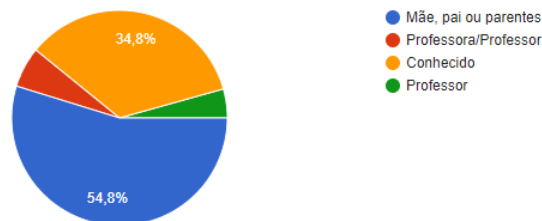
Livros sobre sexualidade para infância

Olá! Meu nome é Larissa, sou discente do curso de Design na Universidade Federal da Bahia da turma do Trabalho de Conclusão de Curso e o meu desafio esse semestre é criar um projeto que tenha um impacto social positivo. A minha ideia é criar um livro ilustrado como ferramenta de proteção e informação contra a violência sexual infantil. Para criar um produto criativo e inovador, preciso entender melhor a relação que o meu público tem com a temática e produtos desse gênero e então criei este formulário com perguntinhas rápidas.

Você está pronto para me ajudar?

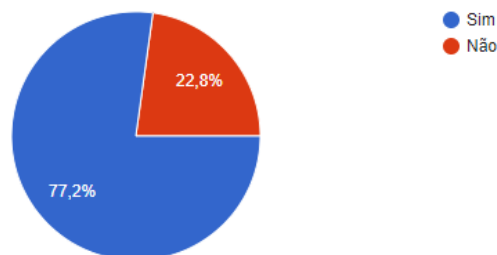
Seu contato com crianças é como:

115 respostas



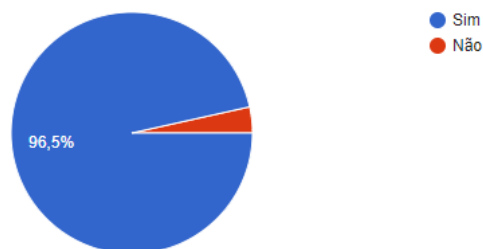
Para você, crianças tem sexualidade?

114 respostas



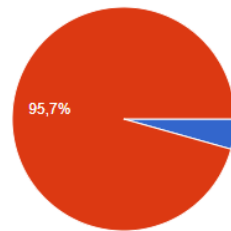
Você sabe o que é Educação Sexual?

115 respostas



Você acha que existe um perfil que identifique o indivíduo que abusa sexualmente de crianças e adolescentes?

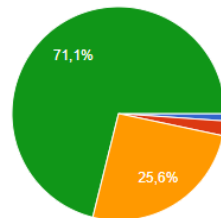
115 respostas



- Sim, são pessoas que aparentam ser mentalmente desequilibradas e psicopatas.
- Não, pode ser qualquer pessoa.

Você busca ou recebe do governo vigente materiais para tratar sobre educação sexual com crianças e adolescentes?

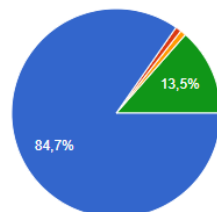
90 respostas



- Sim, eu recebo do governo e não compro por conta própria.
- Sim, eu recebo do governo, mas também adquiero outros por conta própria.
- Não recebo do governo, mas adquiero por conta própria.
- Não recebo do governo e não adquiero por conta própria.

A maior incidência dos casos de violência sexual infantil acontecem:

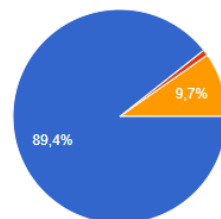
111 respostas



- Em casa.
- Na escola.
- Em instituições (escola, hospitais, abrigos..).
- Ambientes externos (rua, casa de parentes, vizinhos..)

Você acha que o ensino da educação sexual para crianças pode ser um meio de proteção contra violência sexual infantil?

113 respostas



- Sim
- Não
- Talvez, não se ele for munido de preconceitos.

“Em outros países, como a Suécia e a Finlândia tratam sobre sexualidade em forma de festivais ou outros eventos, e o assunto é tratado de forma mais aberta e natural. Desde cedo crianças e adolescentes têm contato com o tema com vídeos animados. Chegam a convidar cantores adolescentes para cantar sobre o tema, como uma campanha, pois não é visto como algo a esconder. Esse foi um depoimento formado a partir de dois estrangeiros que foram convidados a falar sobre o assunto. [...]”

Fala deixada na pergunta aberta

No ensino fundamental uma professora se propôs a da aula sobre. Teve uma imensa rejeição pelos pais. No ano seguinte 3 alunos ficaram grávidas.

Fala deixada na pergunta aberta

Já tem um livro para criança que fala de abuso sexo, muito bom. Comprei para minha filha quando ela tinha 5 anos (Livro: Segredo, segredíssimo de Odívia Barros)

Fala deixada na pergunta aberta

[...] Meus parabéns pela iniciativa! Parabéns, também, pela formulação do Questionário, inclusive com links de referência e assinatura.. É fundamental frisar, como vc fez, a anonimidade, a origem institucional e o objetivo acadêmico / comercial da pesquisa!

Sucesso no seu TCC!

Fala deixada na pergunta aberta

A educação sexual das crianças na escola é uma situação bastante complexa, quem é esse professor (a) que está ensinando sobre o tema ao meu filho? Acredito que a própria palavra "Educação sexual" já é bastante pesada, por isso tanto receio. Poderia ser "Educação pessoal", "Educação Íntima", para ensinar as crianças até quando a sua intimidade pode ser compartilhada e por quem.

Fala deixada na pergunta aberta

O livro eu pagaria 20 reais pq deveria ser algo bem acessível.

Fala deixada na pergunta aberta

Texto final do formulário:

Você chegou ao fim do questionário!

Obrigada por ter me ajudado nessa missão.

Aproveito para deixar links interessantes sobre a temática:

Childhood Brasil - Nossa Causa (Números da Causa): <https://www.childhood.org.br/nossa-causa#numeros-da-causa>

Evelyn Regly - O vídeo mais difícil que gravei em toda minha vida:

https://www.youtube.com/watch?v=1oOFLkdJwlc&t=790s&ab_channel=EvelynRegly

Unicef - Violência Sexual contra crianças é crime e deixa traumas para toda a vida:

<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/violencia-sexual-contra-criancas-e-crime-e-deixa-traumas-para-toda-a-vida>

G1 Pará - Isolamento social na pandemia potencializa aumento de casos de abuso contra crianças e adolescentes:

<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/05/15/isolamento-social-na-pandemia-potencializa-aumento-de-casos-de-abuso-contra-criancas-e-adolescentes.ghtml>

Politize! - Educação Sexual: o que é e como funciona em outros países?

<https://www.politize.com.br/educacao-sexual-o-que-e-e-como-funciona-em-outros-paises/>

Atenciosamente,

Larissa Ribeiro

Respostas da entrevista com professores e assistentes sociais

Texto introdutório do formulário:

Entrevista sobre educação sexual para a infância

De acordo com G1(2020), a Bahia é o quarto estado com mais registros de denúncias de violência contra crianças e adolescentes. Segundo divulgado pela Unicef (2020), a pandemia dificulta denúncia de violência sexual contra crianças e adolescentes no Estado de São Paulo. Logo nos primeiros meses de 2021, criança de 4 anos morre ao ser estuprada. Esse são fatos do cenário atual da violência.

Olá! Meu nome é Larissa, sou discente do curso de Design na Universidade Federal da Bahia da turma do Trabalho de Conclusão de Curso e o meu desafio esse semestre é criar um projeto que tenha um impacto social positivo. A minha ideia é criar um livro ilustrado como ferramenta de proteção e informação contra a violência sexual infantil. Você está pronto para me ajudar?

A maioria das instituições formais que eu trabalhei são conservadoras, com pessoas desinformadas e que temem uma postura repreensiva da família. Algumas ainda acham que educação sexual é ensinar sexo para as crianças e incentivar a homossexualidade, o que é um grande absurdo.

Jamile Menezes, 31 anos, trabalha em instituição privada como arte-educadora

Sim. A educação sexual deveria começar na família e a escola reforçaria, como ambiente formador e socializador. Como isso geralmente não acontece, as informações erradas e distorcidas são acessadas com frequência.

Jamile Menezes, 31 anos, trabalha em instituição privada como arte-educadora

Não acredito em educação sexual como currículo, acredito nela como tema transversal que permeia o currículo de forma a dar subsídio ao trabalho pedagógico. Creio que pelo tema ser tabu não temos material consistente e bacana a disposição pra trabalhar. A questão da hipersexualização ocorre principalmente baseada nas experiências de vida das crianças, por exemplo: crianças pobres, filhas de famílias que tem casas com dois cômodos, que a mãe/pai não tem parceiros fixos, tendem a ter uma vivência da educação sexual diferente de uma criança que os pais são parceiros fixos, que tem casas com quartos separados, por exemplo. Também é necessário fazer diferenciação do que é sexo, sexualidade, sexualização, etc.

Ane Karoline Cavalcante, 32 anos, trabalha em instituição pública para 900 adolescentes.

É complicado.. porque o brasil é um país muito conservador.. então devem achar que colocar uma matéria como essa deve piorar a situação de como isso está hoje.. mas assim, eu acho que é correto por quê o conhecimento evita.. é.. que aconteça muitas coisas como acontece já né.. a gravidez na adolescência principalmente.. a questão da pedofilia também né, quando a criança não conhece quando está sendo molestada por qualquer indivíduo. É muito importante.. e tá em falta né? porque não existe na escola pública, nem na particular [...] como eu falei, é muito conservador.. e quando é muito fechado assim você nunca vai ser aberto a esse tipo de assunto.

Willian, 26 anos, graduando em história, estagiário da rede pública e privada no ensino fundamental e médio

Elas se interessam muito pelo assunto. Como experiência, em meu primeiro emprego como professor, eu percebi muito bem isso. 8º ano, 7º, 6º era.. parecia até mesmo que já estavam praticando o ato oh, faz muito tempo. E falavam abertamente como se fosse completamente “normal” uma criança de 11, 10, 12 anos.. é.. saber tanto desse assunto. Eu acredito que os pais nem sabem disso. [...] o 6º ano era muito aberto, falavam abertamente cada coisa que.. você fica se perguntando se.. aonde foi que ela aprendeu isso. Pode ser no convívio com amigas, amigos, não sei.. mas chega a ser até assustador.

Willian, 26 anos, graduando em história, estagiário da rede pública e privada no ensino fundamental e médio

É certo que os tempos são outros e que se faz necessário um novo olhar para essa questão até mesmo na medida de orientar e esclarecer. Então não vejo que as mudanças nos livros irá mudar ao ponto negativo, mas sim positivo pois servirá como um alerta nas educação infantil e orientação.

Fernanda Mota, 37 anos, serviço social, atualmente dedica-se ao lar e ao filho de 5 anos

Nunca recebi nenhum material didático do governo. Mas com meu filho, sempre trabalho com questões atuais, e esse material é retirado sempre da internet como forma de auxiliar no esclarecimento necessário ou até mesmo nos assuntos abordados pelo supracitado.

Fernanda Mota, 37 anos, serviço social, atualmente dedica-se ao lar e ao filho de 5 anos

Pareceres sobre a história dos profissionais convidados

1. Ane Karoline Ribeiro Cavalcante – Pedagoga pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e Coordenadora Pedagógica Escolar na Rede Estadual da Bahia

PARECER TÉCNICO-PEDAGÓGICO

TÍTULO DA OBRA: SEM TÍTULO AUTORA: LARISSA VIEIRA DE OLIVEIRA RIBEIRO

1) AVALIAÇÃO GERAL DOS ORIGINAIS:

O roteiro do livro em análise, ainda sem nome definido, apresenta-se dividido em vinte e duas páginas, não apresenta ilustrações, o narrador é testemunha dos fatos e vez ou outra dirige-se ao leitor.

A narrativa, embora trate de temas sociais complexos, o faz com uma leveza quase que pueril, o narrador se utiliza de figuras de linguagem que tornam a leitura prazerosa e divertida, o texto é bastante descritivo. A leitura torna-se fluida. Chama a atenção os elementos característicos da cultura baiana e soteropolitana.

2) PÚBLICO-ALVO DO LIVRO:

A obra me parece acessível para um público infantil, recomendaria para crianças de seis a dez anos, entretanto pode ser interessante para crianças maiores ou menores a depender da abordagem. Algumas palavras requerem um glossário no final do livro.

3) SUGESTÕES DE AJUSTES

O texto necessita de revisão final para organização da pontuação;

O momento de tensão, em que Zuri narra para sua mãe o seu segredo, é seguido de uma descrição do que ocorre com o seu genitor. Sugiro supressão do texto que narra as consequências e um trabalho com a ilustração. A minha percepção é de que a criança ouvinte pode ser empática e portanto passar a temer e revelação do "segredo".

Sugiro observar as rimas que vez ou outra descompassam, mas não é algo que dificulte a leitura.

4) OBSERVAÇÕES

Maravilhosamente engraçado, pueril e leve. Gostaria de observar as ilustrações quando finalizadas.

5) AVALIAÇÃO FINAL:

Proposta excelente, tema necessário, narrativa envolvente, boa organização textual geral.

Salvador-BA
21 de setembro de 2021

2. Flávia Goulart – Diretora da Editora da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Parecer

Com entusiasmo, parablenizo Larissa pelo roteiro da sua história. O tema tão importante, denso e que ainda enfrenta preconceitos e “segredos”, foi trazido de forma “leve” num contexto “real” onde ocorre com maior frequência as questões de abusos sexuais em crianças, embora não seja “privilégio” de classes sociais economicamente baixa, sabemos que o que define essa questão não é apenas o nível socioeconômico. Destaco que de fato ela conseguiu caracterizar na linguagem e nos elementos o lócus dessa história – Bahia!

Os diálogos estão bem construídos, compatível com a linguagem das crianças e o momento da revelação do segredo foi muito bem “resolvido”. A história também traz uma série de valores tão importantes para a faixa etária a qual se destina. Amizade, alegria, o brincar, o estudar, a solidariedade e um reforço com relação a figura materna que de fato é importante na escuta e na confiança.



Flávia Goulart Mota Garcia Rosa
Diretora ED UFBA

3. Ladjane Alves Sousa – Pedagoga pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Mestre em Educação pelo PPGEduc (UNEB) e escritora de livros infantis

Parecer do Roteiro para páginas da produção literária de Larissa Ribeiro

Observa-se que a proposta da narrativa é problematizar, de maneira criativa, aspecto da educação sexual, abordando especificamente, uma situação de violência sexual infantil. A abordagem nela inscrita é de suma importância, pois traz de maneira didática uma discussão pouco ou não presente na literatura infanto-juvenil e, ainda, demonstra a necessidade de as crianças entenderem que a violência sexual não pode ser segredada. Observa-se inovação no desenho da narrativa considerando que a abordagem evidencia algumas das principais características presentes na relação entre o sujeito que produz a violência e o sujeito que a sofre como o medo, silêncio, a tristeza, o toque não autorizado em partes íntimas do corpo e a privação da sociabilização.

Observa-se no escrito objetividade, criatividade e adequação do discurso com a cultura infanto-juvenil na criação do cenário, dos personagens, da linguagem e, ainda, outros aspectos que compõem uma regionalidade e as experiências da população baiana e nordestina e dos grupos populares como o uso das palavras mainha, painho, baiana, tabuleiro, alguns quitutes como acarajé, abará, moqueca e informações sobre as disposições das casas e a quantidade de moradores por casa, entre outros. Observa-se que as rimas deixaram o texto mais suave e com uma estética sonora bem interessante. A obra reforça, entre outras questões, orientações junto as crianças e as famílias sobre a necessidade de efetivar a denúncia, de proteger as crianças e buscar proteção oficial junto a esfera pública quando ocorrer ou souberem de alguma violência sexual infantil.

Chamo atenção para alguns aspectos:

- Na página 1 é preciso rever a passagem “Veza ou outra faltavam as mais levadas, que volta e meia trocavam o chinelo e a roupa de casa pelo castigo diante de seus aprontes, com direito a tranca do portão” pois, embora, o texto expresse elegância na escrita pode não favorecer a leitura autônoma das crianças considero que não está tão objetivo.

- Na página 7 ao se referir aos “papai do Joca” caso tenha se referido a figura de um pai e uma mãe, sugiro escrever da “mainha e painho do Joca”, pois, embora a palavra “pais” esteja totalmente correta, considerando a existência de outros arranjos familiares como exemplo as famílias formadas pela presença de dois pais, se o caso não for este é bom a demarcação da presença feminina e masculina pois os usos de conceitos que incorporam a presença feminina a partir de uma linguagem baseada na heteronormia acabam não considerando a complexidade das experiências humanas.

- Na página 12 a palavra “chega” foi escrita “chaga”.

- Na página 13 o uso da expressão “jabuti de calçola” nos chama atenção. Considerando a palavra calçola se referir a um vestuário, mas comumente, utilizado por pessoas do sexo feminino, a colocação desta expressão exige refletir se há sentido pejorativa. É importante questionar se ao se referir a se arrastar o uso desta expressão busca simbolizar de maneira negativa o conteúdo narrado a alguma característica feminina. Caso a resposta seja afirmativa seria bom rever, pois as literaturas infanto-juvenis vêm performatizando uma tendência mais criativa ao que se refere as experiências e relações de gênero.

- Na página 17 ao escrever “Ela sabia que ninguém pode tocar nas partes que cobrimos a não ser que seja para examinar, dar banho ou cuidar e que brincadeiras desse tipo são

terminantemente proibidas para crianças brincar” é relevante rever o uso das palavras “brincadeiras” e “brincar”, pois nesta passagem está se referindo a violência sexual e não é uma brincadeira, logo sugiro a reescrita para “Ela sabia que ninguém pode tocar nas partes que cobrimos a não ser que seja para examinar, dar banho ou cuidar e se for de outra forma é proibido nas partes íntimas das crianças tocar”.

- Nas páginas 18 e 21 ao inserir os profissionais delegada e policial foram mencionados como “tia delegada” e “tio policial”, provavelmente, como uma forma mais afetiva e próxima de se reportar a esses profissionais, entretanto, é relevante, pensando de maneira formativa e educativa, que esses profissionais sejam demarcados e mencionados enquanto profissionais sem uso de palavras que vinculem a relação de parentesco ou docilização das relações.

- Na página 22 ao concluir a narrativa com uma questão “á essa historinha acabou de acabar, que tal você e seu narrador agora sobre esse assunto conversar?” a intenção seria conversar com o narrador ou com o contador ou o leitor da literatura?

A abordagem torna-se relevante pois o enredo e a problematização da narrativa ampliam as possibilidades das crianças e jovens perceberem a urgência de se fazer a denúncia e de se proteger a vítima e, ainda, possibilita, também, que as outras crianças entendam que este comportamento não é permitido e entendam que algo semelhante ao narrado precisa ser contado a algum adulto confiável.

As crianças dos seus lugares de infância constroem compreensões sobre quem são as pessoas confiáveis e responsáveis. A narrativa trata de um tema forte de maneira leve e, ainda, consegue inserir o leitor em um contexto brincante e lúdico e ratifica a importância de as crianças estarem em espaços seguros e possam com seus pares brincar. Parabéns a autora pela abordagem e pela problematização.

Atenciosamente,

Ladjane Alves Sousa

Texto de convite para a Rodinha literária:

Você está convidado para a rodinha de leitura virtual do livro *A coragem de Zuri: Um livro de proteção contra a violência sexual infantil* pela pedagoga Ane Karoline Ribeiro e a autora Larissa Ribeiro com o intuito de apresentá-lo pela primeira vez e abrir o diálogo com o público infantil e seus responsáveis.

Sábado, 13 de novembro de 2021, as 10:00h

Para participar da videochamada, clique neste link: <https://meet.google.com/ofn-cfhq-bza>
Para participar por telefone, disque +1 321-804-9008 e digite este PIN: 585 197 005#

Este projeto faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso da discente Larissa Ribeiro e contemplado pelo edital de experimentação da Universidade Federal da Bahia PIBEXa Têxtilur 2021.

Storyboard ampliado

Storyboard

Folha de rosto

folha da ficha dedica agradeça

1: 2:

1ª e 2ª
Página dupla
com vista da ladeira:
- Baiana descendo
- Crianças saindo de casa
- Crianças olhando do portão de casa

3: 4:

3ª
- Jovem nas crianças brincando a de fundo a avó chamando da janela
- Cara de deboche / cara de alegria
4: Casarão com um caminhão ou carreta na porta descarregando as malas o pai, a mãe com um bebê nas mãos e os vizinhos em volta seja ajudando com malas ou trazendo quitutes baianos.

5: 6:

5ª página dividida
Quadrados
- Criança ausando até sair com a mãe para ir a escola;
- pai voltando com ela para casa;
- Maria questionando a hora dela de brincar (non, negativo...)
6ª Crianças juntas chamando zuri na porta do casarão
- pai quitando da janela que ela não vai enquanto ela chora do portão
- Spin off quadrado do Cauê pedindo a mãe para falar com os pais de zuri enquanto a mãe está no computador

→ não de texto

23

